CHÃO ~~DE~~ AGRESTE?
SERRA DO ESTEVAM - CEARÁ

1.950

Serra madrasta

DE TERRA

romance

por

bandeira tribuzi

M C M L

CHÃO AGRESTE

?

SERRA DO ESTEVAM - CEARÁ

BICHOS DA TERRA?

OU "SETE PALMOS DE TERRA"

Este é o melhor. O.M.

Boch
Prokofieff

I PARTE

		Páginas
I	Serra madrasta	10
II	Viagem	8
III	Menino morto	6
IV	Chuva	12
V	O menino novo	8
VI	O tempo	8
VII	Malagueta	12
VIII	Pechurreco	12
IX	Inimigo	13
X	Noite de S. João	12
		101

Filhos da Terra

II PARTE

XI	Ano Ruim	10
XII	Pouquinho Morto	10
XIII	Alagado	11
XIV	Chico Joaquim	?
XV	Ozan	16
XVI	Santa Eulália	12
XVII	Morte	12
XVIII	A Partida	8

XIX - Falta um capítulo "A Roça" 79

III PARTE

um só capítulo
XX - "Caminhos da fome" subdividido em

O Caminho
Companheiros
Louco
Dias e noite
O preço da noite
O Enforcado
O novo pai 35

101
79
35
215

(1)

II

Fazia dez anos que a família chegara, fugindo à seca do sertão, como ouvio se dizer que pela serra sempre fazia melhor tempo. Ruim como era, suportava pelo menos a vida e isso já era muito para quem vinha açoitado pela fome e pela sede. Chegaram num mulambo. O menino ruido de febres para morrer depois, ardendo, chorando pela água que cortava o coração. Aquilo lhes doera muito que o Rufino ia um menino apumado, apesar de seus 5 anos já sabedor de muitas coisas, falazando direitinho, juntando coisa com coisa. Mais dois anos e seria um homenzinho a ajudar o pai ou a mãi cousante necessidades, a tomar tento nos irmãos menores como êsse que ai vinha tufando o ventre de dona Juventa e bons trabalhos iria dar.

Teria doido mais se não fosse o estado em que chegaram. Seu Manuel com o corpo banzo da caminhada estrada - suas quinze léguas, correndo terra seca e desolada, onde um gole de água era como ouro, mais que ouro porque era a própria vida. A garganta seca como a sola dos alpercatas. A barba crescida à toa, barba rala e agressiva; a pele queimada pelo sol. Doíam os pés, doía o corpo lasso.

Aquela viagem!
Lá bem longe, sempre mais longe, ficando a terra donde vinham, terra perdida para sempre, amaldiçoada. Terra do cão! Lembrança a esvaír-se, a voltar. De dia, enquanto caminhavam ainda podia esquecer, atento ao caminho, procurando uma água, atento ao menino, á mulher que avançava lentamente, pesada, de quando em vez arrimando-se a seu braço. Mas de ~~dia~~ noite não dormia logo. Ficava rondando, rondando. Deixava que todos dormissem. Acomodava o menino. Ageitava dona ~~Gentinha~~. Dona ~~Gubeinha~~ sempre dizendo mal por terem saído de casa. Sempre a lamentar-se. As pernas inchadas. Os pés rebentando.
Quando todos dormiam êle pensava. Gostava de ficar pensando ~~Roendo~~ seu cigarro aceso no canto da boca. Olhava os seus. Aquilo dava-lhe uma sensação de chefe. Mais confiança em si próprio. Olhava as estrelas. Rezava. Velha-lhe á cabeça a maldição. Coisa espantosa!
Pagavam pelo malfeito que aquela seca era obra do demo. Nunca se contara ~~de uma~~ coisa assim de não ficar uma gota em parte alguma. O gado morrendo á míngua. Os bezerros gritando de cortar o coração.
Verdade que não eram donos de

nada e sim uns alugados. Mas êle gostava dos bichos, não dos patrões. Gostava era dos bichos. Aquêle ~~[illegible]~~, boi macho! Arás lhe acertara uma chifrada a princípio mas depois eram bons amigos. Falava-lhe e o danado entendia. Coisas de vaqueiros. Lá tinha a sua teoria. Que os bois entendiam era mesmo verdade. Não havia duvidar. Era só ver-lhe os olhos falando, respondendo.

Pois até o ~~[illegible]~~ se perdera. Era como perder ~~um~~ companheiro. Com quem iria agora repartir as máguas, as alegrias, as novidades.

Inferno de seca. Agora que êle começava melhorando a casa. Até aproveitara uns caixotes para fazer um armário, surpresa para dona ~~[illegible]~~. Arranjara uns tábuas para fazer a janela da frente. Inferno de seca!

As chuvas a escassearem, o campo a secar, o gado a desesperar-se, as chias magras, de causar agonia, uns ossos. O patrão alarmado. A mulher rezando, rezando. Apegada a São Gonçalo com promessas. Meu Jesus! e nada.

O chão rachando de calor, o capim morrendo. O patrão assustado tratara de vender a terra. Vendera-se o gado restante. Os homens tinham sido despedidos. Seu Manuel era um deles. Por isso estava ali. O corpo moído, aquela moleza, vontade de ~~deitar ali~~ se jogar no chão e não sair mais.

Céu de poucas estrelas.

O cigarro apagou mas continúa no cento da bôca. Amargo e bom. A mulher dormes o filho dorme. Pobre menino! Suspeitava que êle não ia bem, e aquela viagem... Afastou o mau pensamento, afinal dormiam. Só êle que não podia. Era o chefe. Olhou os seus com mais carinho. Aquilo era o seu mundo. Pequenino, mas era o seu mundo. Por isso estava ali para defende-los.

Maldição!

Sim, aquilo só podia ser maldição. Não havia fama de tanta miséria derramada por aquelles campos. Só em quinze. Já fazia muitos anos. Ninguém lembrava mais. Só os mais velhos e êsses fugiam de falar. Para quê? Coisas ruins esquecem-se. Mas agora ali estava de novo o monstro devorando tudo. O que êle não perdoava, ~~sobretudo~~ acima de tudo, era a ~~Cas~~ morte do Canário. Bom amigo o bicho. E demais ia concertar a casa. Tinha já os caiscotes para o armário. Tudo escondido, ~~mode~~ pra surpreender Dona Bento. Que ela era ranzinza e ficava remoendo as coisas. Êle vendera a cabra contra a vontade dela. Viviam trocando indiretas por causa disso. Já estava ficando atasanado que afinal êle gostava da velha. ~~Aí~~ Preparava tudo escondido. Depois lhe diria: "aí tens o armário". Acabava-se aquela pega. Voltavam aos

bons tempos. Tudo em paz. Rufino com os outros meninos. Lá se entendiam. Logo lhe chegaria o tempo de pegar duro no trabalho. Para isso era homem. Se fosse mulher queria-se em casa. Homem era outra coisa.

Pelo São João compraria uns enfeites pra mulher. Ou uma enchada nova. Talvez o patrão desse um canto de terra para o rocado. Certamente dava. Velho rapinza mas dava. Ora então, uma enchada nova. Aona graça concordava. Nem podia zangar-se, era para bem de todos. Enchada não era luxo. Necessidade é o que era. Pura necessidade. Pois ela não se queixava de tudo? Lá teria o seu feijão, seus temperos. Certo que não era tudo. Mas ajudava. Por isso êle queria a enchada. Se o dinheiro desse. Se não desse então compraria os enfeites para a mulher.

O cigarro, humedecido, começou se desfazendo. Jogou a ponta fora. Acenderia outro? Não, já tinha poucos. Melhor guardar. Cuspinhou. Olhou o céu. Céu de poucas estrelas. O menino, mecheu-se a acordar-se. Depois socegou. Voltaram os pensamentos.

Foram aqueles desgraçados. Tinham chegado da cidade. Uns ~~pervertidos~~ contaminados. A seduzir moças, a armar barulhos. Sem respeito. Acabaram armando aquele fusuê na porta da igreja.

Derespeito. O padre prègando coisas sagradas e os malucos na pandega logo ali pegado, que todos compreendiam era vontade de desassocegar. Não que êle acreditasse muito. A mulher sim era toda devoção. Êle, a bem dizer, também tinha sua fé. Mais nos santos: Santo António, São Geraldo, São Gonçalo. Deus era muito longe. Grande demais. Fugia de pensar. Queria tudo simples como as coisas que o rodeavam. Como dona Gerta, o compadre Raimundo, sinha Amélia, o boi Canário. Não gostava das coisas grandes demais. Assustavam-no. Mas que fora um derespeito fora. E o padre enfezado lançara maldição em tudo e fora queixar-se ao bispo!

A maldição foi a seca.

Coronel Fulgêncio viera da cidade ver os estragos quando tudo peorou. Alarmou-se. Voltou para vender o sítio. Encontrou bom comprador e passou tudo. Os homens dispersaram. Êle aguentando enquanto pôde. Mas rareou o capim, rareou a água. Só tristeza no campo. Um silêncio acabrunhado pesando em tudo. O menino parado, sem animação. A mulher se lamentando. Êle mesmo sem fé, desencorajado.

Dona Gerta começou censurando: "Seu Manuel terra afastada de Deus é isso. Vamos se embora, pru mode a maldição não vim sob nós". Dona Gerta deu de entristecer. O tempo peorando cada vez mais. Foi indo mesmo. Um dia veio-lhe

aquele impulso mais forte e disse para a mulher:

— Dona Gusta, nós vai se embora mesmo. Ela recebeu aquilo como quem já espera uma notícia há muito tempo. Indiferente.

— Pois é.

Arrumaram os terens e vieram. Todos conformados. Seu Manuel olhava de quando em quando para traz. Uma saüdade a oprimi-lo. Lá ficava a casa que êle iá por agora bonita como nova. Nem pudera fazer o armário, tudo perdido. E Dona Gusta merecia aquele armário. Mais como uma recompensa. Depois perdera tudo de vista. Truham-lhe falado que na serra as coisas estavam melhores. Que tinha chovido. Rumou para a serra.

A mulher gemeu. Ele aprumou-se. Rumor ligeiro. Logo tudo calmo. Céu de poucas estrelas. O corpo amolecendo. Boa aquela conseira a afastar os pensamentos tristes. Estirou-se ao lado da mulher. Calor com calor. Adormeceu.

Chegaram uns mulambos. Vontade de cair e ficar. Aquela moleza se espalhando no corpo. Pernas bambas de canseira. Pernas longe do corpo, pendurados como em bonecos. Pés inchados, gretados. A sede estalando a garganta. A língua pêca. Vontade de cair e ficar.

Seu Manuel ressentido com tudo. Tentação de praguejar contra isto e aquilo. De sacudir uns cascudos no ~~pequeno~~ filho. Diabo de lamuriar por todo. Porca de vida! Odio a sangrar logo esquecido. Uma tristeza a dominarlo. Depois o peso no coração. Uma vontade de afagar tudo com a mão rugosa. De chamar o menino e contar-lhe uma história das que êle gostava. História dos cabras danados de Campião e Corisco. O menino ardendo em febre. Morte próxima, rondando todos.

Dona Gerta distante, perdida nos caminhos, sem memória. Enjoando tudo. Espinhada. E vaga. Os olhos mortos, apagados. A voz arrastada, pegamenta. Metida em rezas. A barriga no pé da bôca. Por ali. Um peso. Arrastava-se. Uma cuspideira sem termo. Vontades estranhas. Sem coração para o menino doente, como a adivinhar-lhe a morte próxima. Mêdo de soquer. Pobre mãi.

Rufino se finando. As mãos fininhas. Os olhos fundos como poços. Palavras engasgadas. Amorrinhado, encolhido no canto. Orfão de consôlo. Vida pequenina. Chama indecisa à espera do sôpro. A febre enchia-lhe a imaginação de coisas. Coisas mas. Dacraios. Gente disforme. Bichos. Gemia de mêdo. Gemido inútil, protesto tímido de vida incerta. Gemido sem desespêro. Conformação de menino desprotegido. Morte pequenina.

Estêvão

4.6.50

III

Seu Manuel enterrou o menino. Sem espalhafato. Nem chorou. Doia no peito, lá no fundo, mas os olhos estavam secos. Nem saliu chorar. A mulher longe quasi nem dera pela morte do menino atrefado que lhe andava o ventre na feitura do outro. Moída pela desesperança.

Ficou apenas uma cruz. Pobre cruz de dois paus cruzados plantada na terra fofa que o pé grande do ~~ho~~ pai ia apertando, apertando a prevenir uma escavação das águas proximas. Mastigou amarguras e voltou ao trabalho. Precisava era de ageitar a casa. Uma sorte aquele achado. Aqual tudo era sorte no mundo. Sorte boa, sorte má. Uns tinham muita, outros pouca. Ele a tivera ruim, agora vinha o tempo melhor.

Não era um casão mas servia. Tinha pelo menos os paus. Era só amassar o barro. Barro havia por ali. Cobrir as paredes. Palha nova no telheiro. Podia armar-se uma rede. Tirar um bom sono. O resto era mato.

Tinha ainda umas economias. Fora-se chegando ao povoado. Acabrunhado no principio. Tudo gente diferente. Mode inimigos. Depois aquele medo passou. Falou com os outros. Contou tudo. Ele, muitos, tambem tinham vindo de longe. Sentiram-se irmãos. Compadre isto, compadre

aquilo. Se ajudando como gentes que eram da mesma laia. Irmandade de miugua. Pão nosso de todos. Necessidade de estender a mão. Bateu na loja. Tudo caro mas o remédio era ir comprando. Só aquilo de urgência: o sal, o querosene. O resto deus daria em tempo. E se não desse...

Deus ia ajudar. Falara com os homens, estavam otimistas. A esperança levantada de novo, que o tempo prometia chuvas fartas. Ia ser um mar de fartura. A água bendita a lamber a terra seca, os fios brilhantes, os açudes a vasar numa sangria que esparramava a seiva do mundo pelos encostas. O gado engordaria, com pasto mais abundante. Bom ano para feijão, para milho, para mandioca. Havia uma alegria nova na face dos homens. Esqueciam tudo. O passado, por vezes ruim demais, o presente danado, canseiras, arrelias, danações tudo ficando arquivado na lembrança. Agora era outro tempo e o coração dos homens se alegrava.

No povoado bataram-lhe apelido. O apelido de Chato. Manuel Chato ficou. Chato pelo feitio do corpo retaco, alargado, a cabeça acachapada entre os hombros. Nariz de ventas largas. Braços curtos e musculosos. Feio por fora. Bicho de escorraçar a vista mas um mel por dentro. Bom dos melhores. Sua raiva hoje logo amanhã esquecida. Troca de vestes e me-

no coração

nhuma ofensa. Coisas do bicho homem. Nada de santo, mas bom. Amigo do amigo? Irmão do amigo, mas sem barulhos. Capaz de levantar um morto ~~mas~~ sem amuciar. As grandes coisas no calado. Coração deste tamanho!

Manuel Chato!

Não gostou nem desgostou. Achou aquilo justo, parecido com êle — êle mesmo! "Você é um chato, Manuel. Senão veja suas pernas curtas, esses hombros, essa cara larga. Um chato mesmo. Apelido sem raiva, êle o recebeu assim. Concordando com êles que era mesmo um nome. E todos tinham. Pelo menos os de fora. Chico Preto, João Comprido, Amarelão. Um rosário de apelidos. Tudo de gente boa". Por isso achava direito.

Mas que ninguém o acabrunhasse com trocas. Um homem é um homem e cada um no seu. Nada de mandantes ou faraçantes. Meu compadre, seu compadre, que Chato êle era, mas sem passar daí. Senão, senão...

Que braço êle tinha e pesado. Quem duvidasse veria. É um homem, ademais dono de si e dos seus se arrespeita ~~se~~. E também não temia ameaças de falantes, nem cadeia que o mundo era vasto e se eu vos mato aqui, além me escondo. Logo quem vai saber? Justiça de cada um, onde falta a de todos. Pó de um homem

Se recorrer da justiça? Qual nada, tudo distante, tudo uma confusão de isto e mais aquilo. Procure seu fulano, procure seu ... Procure a mãi! Justiça estava era na mão. Experimentassem para ver...

Manuel Chato!

Ah, ah, ah, Manuel Chato. Agora sim ia começar a vida. Dono do seu destino amanhando o que era seu. Buca coisa? Melhor que nada. Sempre eram seus quatro palmos de terra. Terra bravia, dura de cavar, o gesto vivo da enchada e o hâm, hâm, a dar energia ao corpo curvado. Vai-vem de todo o dia que êle pensava nos seus. Dona Gerta merecia seu vestido novo e o menino novo ai vinha, o safado, a precisar umas roupinhas. E depois...

Isso eram outros planos. Coisa de se calar até um dia. Nêsse dia sim êle chegava em casa e dizia à mulher: ~~vai lá~~ Dona Gerta ~~vá lá fora~~ dê uma olhada lá fora. E Dona Gerta olhando a porca gorda, anafada, teriam um riso seco: Veja só! Sim, mas isso depois. Alguma coisa no peito lhe dizia que desta feita êle seria feliz. Cavava com amor, compadre Chagas estava jurando que ia chover logo. Por isso enfincava a enchada sem repouso. Tinha os seus planos. O final era um homem: sua casa, seu roçado. Depois viria uma criação. Apurava-se um dinheiro. Queria a mulher alegre, coitada e o filho. Que lhe não morresse como o outro.

Rufino.

Aquilo veio fora de hora. Pensamentos do inimigo. Pobre menino morto na chegada. Deus permitisse as chuvas não fendessem a terra da sepultura. Lá estava a cruz. Cruz de miséria. Pensou que era preciso afugentar do menino novo aquele peso.

– Chô! Nem sabia mais o que dizia. Estava enchotando o quê?? Os pensamentos. ~~Era~~ Precisava trabalhar. Pegar duro se queria mesmo viver vida de gente. Sem sombra de medos, de incertezas. Precisava coragem. Aquele era o seu mundo. Ou êle se fincava na terra, com raízes ou a primeira tempestade o derrubava. Não havia escolher.

Andava alegre. Cantarolava às vezes. A mulher também estava melhor. Já ria. Ria-se dêle. Seu Manuel cantando era coisa difícil e seu Manuel agora cantava. Chegava para ela com maciezas de: minha branca. Tudo lá melhor mesmo. Aquele peso oprimido desaparecera aos poucos. Tinham uma casa que se não era uma riqueza, também as havia peores. Seu Manuel trabalhara direito. Era a sua casa. A alegria do homem a contagiava, ~~enchia lhe~~ lhe enchia o peito de satisfação. Seus olhos eram de novo claros como quando menina donzela. Estava ganhando gosto no arrumo de casa. O próprio menino que esperava lhe dava um

consôlo bom. Nem lhe pesava mais a barriga enorme. Era a Dona Grata de verdade.

Alegria de um, alegria do outro. Cada vez mais amarrados, mais juntos. Tinham até remoçado. Já ficavam conversando. Lembrando, imaginando. Se chovesse então a alegria seria completa. As plantações uma fartura. O mundo melhorava. Pensavam no nome do filho. Será menino? Dona Graça nem duvidava: menino. Raimundo de meu pai! Aí seu Manuel não concordava. Ele queria Francisco. Gostava de Francisco. A mulher ranzinzou: ora Francisco. Francisco mesmo. Aginal quem mandava?

Bom o cigarro no beico. Gostoso ~~mesmo~~. O corpo aprumado de dia, descambava à noite no banquinho, lasso, abandonado. Cigarro gostoso, vida gostosa. A mulher na rede. Rece, rece do punho da rede indo e voltando. Toada leve da voz amiga se espalmando na noite quieta. Silêncio amigo. Os grilos barafustando. Os pirilampos piscando. O céu limpo. A toada baiscinha. Adormecendo. Coisa boa a noite. Aquele socego, aquela melodia. Coisa boa a vida!

Estevão.

4.6.50

IV

Deu para amanhecer neblinando. Os dias enevoados pela manhã. A tarde o mesmo sol preguiçoso de sempre. Mas o que alentava Seu Manuel era aquela neblina fresca, por vezes em rajadas frias de vento que ferria o rosto. Frio bom assim mesmo. Mal se via a poucos metros. O ar puro enchia os pulmões que dava vontade. Ar limpo como um banho leve. E não era só o corpo. Também a alma se sentia banhada. Um cheiro de terra amadurecendo. Um anúncio, no céu, de vida nova.

Dona Gerota pesadona mas assim mesmo se arrastando para tudo que o tempo estava uma beleza. Seu Manuel dissera que precisava chover para que a horta desse muito. Dependia da chuva o tempo futuro. O deles e o do filho. Ave Maria que tudo corria bem. O pequeno assanhado saltando-lhe na barriga. Vida dentro da vida. Força nova se estremando.

Seu Manuel saía pela manhã a dar uma volta pelas coisas não fosse faltar gente de mão em qualquer lado. Enxada ao hombro, passo lesto que a roça era bem ali. Como dera de andar alegre lá ia estrupiando sua cantiga. Que até cantador o homem virara. Chê

gente! ~~seu~~ Manuel Chaú cantando! Eta roda do mundo besta! Poucos meses fazia era êle um homem largado no mundo, sem tino nem destino. Andara prá serra meio desconfiado, mais para fugir da terra maldita que por esperar boa coisa ~~da serra~~. Chegara e as coisas vinham sendo melhores que nunca.

Agora então a neblina a avisá-lo: "Seu Manuel, olhe as coisa. Vem aí chuva como todos os diabo. Se aprume. Seu Manuel! Cabra danado!" Falava sozinho. Estava endoidando mesmo. Colheu uma pedra, balançou e lá vai: Ei, gavião. Gavião perverso! Quanto tivesse os porquinhos ia precisar de cuidado com os malditos. Gavião, gavião.

Dia ruim, dia bom, dia bom, dia ruim - vida de homem. Seus desesperos, suas consolações. Agora era o tempo das consolações. E êle aproveitava. Amanhã que seria? Ninguém sabe. Cada um com seu destino. Pobres e ricos. Sempre isso desde o começo do mundo. Um pomponte de dúvida a querer furar esta lição ouvida todos os dias e logo um ralhó íntimo. "Bah, home de deus, se ageite"!

O destino dêle era aquele. Enxada ao hombro logo no ~~dia~~ nascer da jornada. Fria bom batendo lá dentro nos ossos. Coragem. Homem como nunca. Macho na vida, pronto para tudo. A confiança retornada. Já amanhecia neblinando. A chuva miúda dera para requescar o chão. Levantou o

olhar. A garoa tomava tudo. Não se enchergava a dez metros. Mais semana tinhamos chuva. E a chuva era a ressureição.

Os galhos secos da árvores estalavam debaixo dos pés que não se detinham. Perto e longe tudo era uma cor macia de castanho claro, sujo aqui e além de tons mais acentuados, um que outro amarelo, seu verde raro. O acude grande lá no sertão baíscio quási vazio. Língua pequena de água, brilhando ao sol amigo.

Só a solidão o afligia. Gostava e não gostava. Fazia o tempo mais longo, o trabalho rendia mais. Podia um homem ir lançando suas ideias, imaginando seus leros, botando suas contas á vida mas também faltava uma palavra amiga, uma novidade a correr bôca, uma saudação que fôsse a mostrar ~~[illegible]~~. Gostava mais do sertão. Mais gente. Batia-se um papo agora, outro mais logo. Algum rompia com a história inventada ali mesmo. Desenferrujava-se a língua. Ovo jento dava mais força. Um espertando o outro. Porfiavam como irmãos. Divididos e amigos. Ali não. Era um homem isolado. Conversa só consigo mesmo. Conversa para dentro. Mas tinha agora uma certeza: ia chover.

A enchada bateu na terra ressequida a pedir mais força. Empertigou-se. Deu mais força aos braços. Zape, zape. A terra cedia, a vida cedia. A vida agora era sua

escrava.

Peneirou hoje. Peneirou amanhã. No fim foi um diluvio. O céu inteiro se despencou dias a fio. Lá vinha sua estiada. A restiazinha de sol furando as nuvens carregadas só o tempo mesmo de esquentar um pouco o corpo. De novo a água caindo, esbarrondando tudo. Chuva demais. Mau sintoma. De repente suspendeu. Seu Manuel teve um acesso de raiva mas calou, afinal Dona Guaça não tinha culpa. A culpa era de quem o tinha enganado mandando-lhe que viesse. Serra? Qual nada. Aquilo era destino dele onde fosse vinha a desesperação. Vontade de ir chamar Padre Leonardo e dizer-lhe umas verdades.

— Se padre é homem que arresponda-nós teve culpa dos malfeitos alh alvio? Pois entonce suspenda a maldição, velho do ~~cão~~ nada!

~~Pois~~ Não era justo. As culpas cabem aos culpados. Cada um pague seu malfeito. Que sabia êle, Manuel, das estrepolias dos outros. Qual era sua vontade? Queria ~~era~~ socêgo pra poder ajeitar o armário de Dona Guaça; se podesse ser, mesmo a janela. Não era de devoção e isso era com êle mas a mulher era rezadeira e nem êle a tolhia nisso.

Enfim que podia um ~~homem~~ vivente? Tudo era contra êle. Deus e os homens. A mulher bichanando rezas. Pois que rezasse. Lá

iam adiantar muito... Atazanava-o aquêle surdo santo-santo, dava-lhe moinha nos orelhas como se fôsse um moscardo zumindo. Vontade de sacudir a reza com um safanão.

— Dona Gerta...

— Chiu!

Ora, ora... Pois que rezasse, desde que viesse chuva pouco lhe importava como. A mulher enfezou-se. Que não chovia porque êle era hereje. Se lembrasse do filho, ao menos. Tudo estava naquela chuva. Devia era por-se-lhe o nome de Raimundo, em promessa. Se êle não fôsse teimoso. Seu Manuel deu de ombros: não era lá pelo nome do filho que choveria ou não. Dona Guaca estava era se aproveitando do momento.

— Francisco, já se disse!

Embezerrou. Sentou-se, levantou-se, sempre remoendo zangas. Botou o chapéu. Saiu.

No povoado abeirou os conhecidos. Chove ou não chove? Que chovia. Mas os homens estavam divididos. Tinha os que se alarmavam. Agoirando estiagem longa. E era um castigo. As plantações abandonados, perdidas. De novo a sombra negra se derramando pela serra, que não havia mais onde um homem se refugiasse. Por toda a parte o mesmo — o fantasma da incerteza rodeando os homens, a sombra da morte acompanhando cada um de seus passos.

Nem os bichos eram soltos assim

no mundo. Iria perguntar a dona Gentes, por que só os homens tinham esta sorte. Mas depois se lembrou do boi Canário. Bicho lindo. Mundo danado de mau. Até um o filho maiorzinho lhe levara. Não bastavam os outros.

Os homens se combinavam. Chamaram também seu Manuel. Já o viam como igual a êles. As mesmas tristezas, as mesmas preocupações. Aquele mesmo gestão caído de homem derrotado a quem tudo parecia fugir em um momento. Sorte comum, vida comum. Unidos, pensavam um modo de ultrapassar os inimigos. Mas que força dispunham para tanto? Apenas a dos seus braços rudes. E que adiantava? Contra a ferocidade do mundo em que todos se guerreavam, devorados já pelas inclemências, já pelos próprios seus irmãos. Ao que ficavam reduzidos, a um simples nada. Por isso davam as mãos. A ver se a força de todos conseguia dominar o que escapava ao poder de cada um. Mas tudo era sem remédio. Até que se falou no Santo. Seu Manuel duvidava. Os outros garantiam. Temeu que o chamassem também de hereje. Afinal hereje ninguém sabia o que era. Melhor calar. Mas por rezas não que dona Graça não fazia outra coisa, todo o santo dia que nem atinava já com as coisas. Mulher rezadora como quê. E o resultado? Coisas com Deus, hein? Deus lá tão longe... Enfim o santo... podia ser.

E choveu mesmo. Uma barbaridade de água se espandindo. O céu feio que nem calamidade. Dia indo, dia voltando e aquele oceano de água, despejado por São José. Terror de santo poderoso que até seu Manuel se benzia. Para aguentar perseguições: não duvidaria êle? Murcharia, seu Manuel. A mulher se encheria de razões e remoqueava. Que ~~Deus~~ o Senhor tivesse compaixão dêle, que por isso quasi a maldição se fincara na porta. O homem embaticado, lá que podia ser podia e afinal ninguém nunca sabe.

Verdade era a chuva fazendo pépépé no telheiro. Telheiro bem feito, hein dona Berta? Dona Berta de ôlho nêle. Sapadão já ia desconversando.

- E daí?

- Nada...

Mas tinha sua vaidadesinha que as palhas estavam ajoujoujadas a primor. Era ver que nem pingo corria. Um serviçaõ!

Sentou-se frente à porta, fumando. Corpo velho até que enfim descansado. Cigarro bom, de palha. De queimar os gorgomilhos. Cuspiu longe, a medir distância. Foi lá do outro lado. Campeão! Um sono macio o levava a cochilar. Dona graça cacoando. Aprumou-se. Cocou o pé no pau da cadeira. Satisfeito mesmo. Tudo eram boas perspetivas em sua frente. Chovendo assim teria muito feijão e milho. Sobrava

para vender. Pouparia uns ~~cobres~~ níqueis para o que desse e viesse. A conta do fiado na loja ~~[illegible]~~ paga. Cabeça levantada. Se tudo fosse indo assim anó que viesse comprava um animal. O quê, seu Manuel? Ora, um animal... Assim como assim talvez pudesse fazer seu dinheirinho vendendo umas verduras na cidade. Um animal, então? Bom, se venia. Podia trabalhar alugado uns tempos. Pagavam pouco mas sempre era melhor que ficar parado e talvez comprasse mesmo um animal. Ou então umas galinhas para criação de dona Gerta.

- Pois dona Gerta...
- Quê?
- Num falei...
- Bom!

Melhor fazer surpresa mesmo. Quando ela começasse lhe chamando de heroje seu Manuel vinha com as galinhas. Sempre queria ver se ela não se calava. Que ele não rezava? Também ela rezava por todos...

E a porca. Isso mesmo. Compraria a porca esse ano. Para cria. Assim apurava mais. Depois podia comprar o animal com a venda dos ~~[illegible]~~ porcos. Enfim o certo era que chovia. A água empoçando aqui, além. Barulho manso da chuva lá fora. Tudo molhado. O corpo da terra se banhando.

Estiou. Ele saiu para dar uma olhada

até lá embaixo. O acude grande ia crescendo esparramado. Se continuasse assim desbordaria muito, alagando os campos, já encharcados. Cheiro bom da terra subindo. Uma pureza lavada - alegria da serra. O verde já aparecendo. Mundo novo.

Vida nova começando. Para traz todos os caminhos de incerteza. Agora só a esperança tinha lugar. Certo que tinha perdido seu mundo, que êle era homem lá de baixo. Não da cidade que, lá ao longe, parecia indiferente a tudo. Gostava era do campo. O campo ia ficar uma beleza. Todo rebentando vida por toda a parte. Ele se entendia era com essas coisas: sol, chuva, inverno, calor, frio, terra! Isso lhe era o mundo. Mundo sem ódios, sem ambições avassaladoras. A qual briegava com Deus pelo quê? Por uma chuva. E dona Guaca lhe chamava de hereje. Um despropósito de dona Gerta, êle hereje...

Começou chuveirando de novo. Apertou o passo. Vinha água muita no horizonte. Precisava chegar em casa antes que o tempo arriasse. Tudo bem no rocado. O caminho é que estava ruim. Um atoleiro. Bama até o joelho. Os pés frios. Que importava?

O tempo passando - inverno rijo e feroz. As colheitas um minuo. Os homens tinham mudado de figura. Agora já riam. Seu Manuel estava mudado. Todos os ve-

zes que passava pelo São José 1º desobrig e parava. Olhava o sambo aguadecido. Lea mulher falava êle apoiando, que sim senhor, pois estava visto.

Andava dominado de alegria. Já parava com o compadre pra ouvir sua anedota. Saia rindo. Chegava em casa repetia para a mulher. Riam os dois.

Tudo como êle pensava. O açude tomara todo o campo. Não havia memória de uma chuva assim. A água descia a serra, ruidosa, se espatifava de encontro às pedras que espumava. Tivera mesmo de arranjar um desvio senão a plantação não aguentava tanta agua.

Estava na vida de gente. Até ali tinha sido um homem sem raizes, ao saleon da sorte; agora tudo nascia à sua volta. A serra estava verde que doia nos olhos. Até onde a vista se perdia tudo verde. As árvores se carregando de folhagem, o chão como um tapete de verdura. Vida se espraiando. Mesmo no coração dêle. Mesmo no ventre de dona Gerta. O filho também pertencia àquele invérno fecundo.

Estevão

5.6.50

V

Aquele menino também era uma vingança do caboco. Vingança contra a morte que lhe roubara já trez. Os outros, vá lá mas Rufino, quasi homenzinho já! Esse êle não perdoava não. Lá estava a cruz a marcar o pesadelo. Um homem não fica sem filho. Só os frouxos. Seu Manuel era cabra macho. Todo mundo dizia. Pois então ali estava o novo filho. Fossem vê-lo. Um meninão! Bem filho dele. Bem dizia dona Gentea: homem.

O pequeno dormia. Dormia como um deus. Os pernas escarrapanchadas. Só um cueirinho cobrindo. O tempo espertará. Já tinha seu sol de manhã. Céu limpo como pedra polida. Dois meses e minguéno dizia, sim senhor, um meninão!

Francisco.

Dona Gentea não perdoava mas era mesmo. Todo o mundo já o chamava. Também Raimundo lá era nome? Podia ser até do bispo. Raimundo! Quá, Francisco mesmo. Gostava do nome e, afinal, porque não? Lá estava São Francisco do Canindé, santo dos maiores. A mulher não era rezadeira? Pois aí estava: Francisco. Podia ser orgulho mas era também vontade de botar um nome bonito no garoto. Amor de pai. Amor lambido. Vivia atiçando o pequeno. Queria-o rizonho, satisfeito.

Tentação de lhe dizer que as coisas iam bem. Sagado. Daí a nada acordava ~~com~~ numa choradeira. Todo molhado o porcalhão. Pai baboso. Puchava conversa de qualquer um só para falar no filho. Seu Chico Joaquim, brincador de sempre, viera com uma lorota:

- Seu compade, mode que menino já soltou a língua.

Brincadeira amiga. Todos riram. Seu Manuel fechou a cara, enfezado. Com êle vá que se brincasse mas o menino era sagrado. Menino precioso. Ninguém lhe bulice nem nos pensamentos. Sagrado que êle era!

Dona Beata guardava tudo para dentro. Sentia-se mais dona do menino. Por isso fazia menos barulho, também sempre ao lado dêle. Aproveitava o pai fora para se soltar em carinhos com o pequeno. Achava feio chamar-se um menino daqueles de Francisco, mas seu Manuel teimara. Deus lhe perdoasse mais aquela teimosia. Homem é isso mesmo. Todos aquilo. Já dizia sua mãi. Aturar cada uma o seu. E nem podia falar mal. Seu Manuel tinha as suas teimas mas o coração era dos melhores.

E depois o filho estivera com ela durante nove meses. Bem guardado, bem seu. Pois então que tinha lá que seu Manuel escolhesse o nome. Era a consolação dele. Francisco? - Pois Francisco.

Agora sentia-se verdadeiramente mãi. Não era mais uma aleguia que podiam roubar-lhe a toda a hora. Aleguia medrosa. Incerta. Não falava dos que tinham morrido logo. Êsses quási os esquecera. E pelo menos tinha o outro. Dera-lhe todo o coração. Sem extravasamentos, sem pieguices mas inteiro. Como a coisa sua, bem sua; não do exterior, lá de dentro de si mesma. Como se a dar de tê-lo ainda durasse. Durasse sempre. Como se ainda os prendesse o cordão umbilical. Se habituara mesmo a perder os outros contanto lhe ficasse aquêle. Sua vida eram os dois: seu Manuel e Rufino. Seu Manuel merecia-lhe muito respeito mas o coração todo estava com Rufino. Os modos eram secos. Dava-lhe agora remorsos. Queria ter de ~~novo~~ volta o filho para trata-lo mais. Seu Manuel então, que despropósito. Por dá cá aquela palha sentava-lhe um cascudos. Ela mesmo, quantas vezes não se excedera. Queria era poder evitar isso. Inútil. Os mortos, mortos.

Quási não suportara a tristeza. Tempo ruim aquele. Rufino se finando. Corpo ardendo em febre e sem remédio. Quando o menino morreu sentiu-se desamparada, abandonada no mundo, a vida sem sentido. Os dias se somando, iguais, vazios. Só o que a animava era o outro. O que ainda estava no ventre. Tinha vontade de carregá-lo. E tinha mêdo também. Mêdo de que tam-

bem êle se fôsse deixando a casa vazia. Aqueles mesmos dias compridos. Seu Manuel no trabalho agora então que êle falava em se alugar.

Tivera-o sózinha. Enquanto o homem ia a chamar alguém ela ficou se mordendo em dores. Sózinha como ~~um~~ animal o tivera. Se rebentando mas sem um grito, corrajem de mulher. Corrajem de fêmea. Quando seu Manuel voltou com a comadre já o menino berrava desalmadamente, como a protestar pelas dores da mãi. Feinho como êle só. O homem se atarantou ~~se~~:

- Dona Beata!

- Tou bem: se aquiete.

O coração de ambos pulando. Ali estavam os dois no que tinham de melhor. Vida extraviada; levava um filho e trazia outro. Macho também, que ali só dava homem. Seu Manuel contente, que homem era dele. Logo emparelhavam na roça. Seria um companheiro. Por isso lhe pusera um nome que Augusto ~~era~~: Francisco.

Dona Beata, pequena menina, embora o adivinhasse homem pelos assanhamentos. ~~Menina~~ Mulher ficaria em casa. Saía para casar. Aí ela já seria velha, se tudo corresse bem talvez todos ficassem em casa. Homem se perdia logo. Puchava mais ao pai. Depois casam. Mas o pequeno ali estava e tinha de amá-lo. Sentia-se agora verdadeiramente mãi. Esquecia-se as angústias que tivera pelos outros, todos os

sentidos postos no novo filho. Gostava de entregar-lhe o peito farto, de sentir o leite correr para a bôca gulosa do piracho, as perninhas irrequietas chutando o ar. A mão travessa. Sacudia-lhe o bico do peito por que voltasse a chupar. O maleque se adormecendo, cochilando. Chegava-o a si. Ninava-o:

Boi, boi, boi
da carinha preta
pega êsse menino
que tem medo de careta.

Dormia. Na cesta sonhando. Com que? Sabia-se lá. Queria que fossem coisas mansas, que não o assustassem. Coisas de menino brincar. Rezou uma avemaria. Deitou o garoto. Foi para a lida. Seu Manuel já vinha. Não havia tempo a perder.

Chegou o pai. Meio-dia tinindo de sol. Um cheiro bom vinha da panela. Mão de ouro de dona Guaca! Mulher preciosa. Preciosa mesmo. Arreou a enxada. Entrou no bico do pé, para ver o pequeno. Francisco completamente adormecido. Seu Manuel mirando o filho. Forte que êle era. Assobiou-lhe um fiau. Fez uns trejeitos. Animou-se mais e mexeu no garoto. Mão pesada. O menino se acordou e foi um gritiro medonha. Dona Gertrudes acudiu. Seu Manuel aflito, tentando serenar tudo:

– Pronto, pronto.

– Ora seu Manuel, pronto o que?

Seu Manuel tinha coisas! Acordar o menino, agora que estava começando a dormir. Já ser uma trabalheira para adormecê-lo de novo. Rabujou, rabujou. Depois se calou, o olho arregalado como quê. Nem sombra de sono. O pai encabulado, a mãi destemperada. Se azedaram. O filho sem sono, de quando em vez ~~atin~~ rompia novo chero desaustinado que não havia quem calasse. Não fosse o respeito que lhe devia e dona Graça tinha dito umas verdades ao marido. Ora que desproposito aquele. Deixasse ao menos a criança dormir.

Seu Manuel entristou. Malagradecido, ~~o pequeno~~ pensava. Vai a gente aguadá-lo e pespega num berreiro. Magoou-se. Não gostava de ingratidões. E também a mulher não o entendia, de cara fechada, resmungando como se filho fôsse só dela. Pronto Pai se não queria aguados não teria aguados. Amarasse o burro à vontade do dono.

O choro voltava, desapiedado. A mulher nem ligava mais, atarefada. Pensou que era ela quem tinha obrigação de zelar pelo filho. Depois amainou-se. O ressentimento foi se desfazendo. Teve pena do seu chico. Foi vê-lo. O garoto choromingou. Tirou-o do berço. Contou-lhe umas lengas-lengas sem sentido. O garoto riu. Acomodou-se. Foi fechando os olhitos. O pai ninou-o ainda um pouco, sombre espreitando a mulher pelo rabo do olho. Mêdo da que ela viesse atalha-lo com resmungos. Ela se fazendo desentendi-

da. Duvidando que o filho durmisse com o pai. Querendo mesmo que não. Se durmisse ela estava sem razão. Fingiu desinteresse.

Êle deitou o filho. Arrumou tudo direitinho. Veio vindo já vingado. Abaucou-se na mesa para a janta. Vontade de puxar conversa. De mostrar para dona Bruta como êle também adormecia o filho. Como o filho conhecia seus braços de pai, que também era seu. Procurava as palavras para começar a conversa mas estas fugiam-lhe. Aquilo danava-o. Tudo o amoqinava, nunca podia se vingar das coisas.

Dona Benta sabia muito bem que estava vencida mas gozava a amoqinação do marido. Pois o diabo não adormecera mesmo o menino! Calou-se. Deixou apoquentado o homem, á volta com seus achaques.

- Dona Benta!
- Hein?
- Tem quezozene?
- Tem...
- E sal?
- Tem

Não era aquilo que êle queria, mas, cadê as palavras? Aqual adormecera o filho, era o que importava. Não tinha a mulher razão de se amoqinar com uma coisa daquelas tão fora da vontade de cada um.

Gostava de ver o filho quieto, repousando. O peito subindo e descendo, subindo

e decendo. Dava-lhe uma alegria muito grande, agora que tudo corria bem. O menino estava forte que dava gosto olhá-lo. Queria-o assim, amanhã homem valente para tudo. Se êle fôsse vaqueiro... Vaqueiro sim que era vida. O homem solto nos campos, seu bom cavalo de sela, vei-ô meu boi, o boi se afastando, o cavalo investindo. Vaqueiro era o que êle queria que o menino desse. Era sua paixão. Perdida para êle, que, ao menos, o filho...

Olhava o filho. A mulher chegou-se a êle. Iguais agora. Pois o menino não dormira ~~como~~ pai. Iguais mesmo e unidos como nunca. Aquêle era o filho dêles, filho do tempo bom, para criar, ser homem como o pai. Valente, decidido.

Seu Manuel ~~olhou o~~ espreitou o tempo. Tempo bom. Fartura. Fora-se o inverno. Milho, feijão tudo salvo. Já se desapertar. Um dia desse batisava-se o menino. Dona Benta já andava reclamando, afinal ia ter um nome e tanto: Francisco!

Pôz a enxado no ombro. Foi andando. Decidido. A mulher na porta olhando para êle. Sacudindo a cabeça. Pois o safadão não adormecera o garoto. Seu Manuel era mesmo homem. Lá ia êle, aprumado a cavar o pão deles, mãi e filho. Encheu-se toda de orgulho. Orgulho de te-lo. Orgulho de ser sua mulher.

Estevão
6.6.50

(nos braços do)

VI

Fazia dez anos que tinham chegado, fugido á seca e tudo mudara desde então. Os anos se acumulando, uns melhores outros peores, nunca porém tão maus. A mobilia ficara para traz, no sertão donde tinham vindo. Agora era outra vida. Vida de gente se aprumando, tomando pé, se enraizando. O mais eram fantasmas. Coisas perdidas na lembrança, amarguras que não valia a pena avivar. Deixa-las dormir lá onde estavam sepultadas na recordação. Dez anos fazia que tinham mudado de vida. Aquela mudança lhes custara Rufino. Justo que, agora, á sorte tivesse mudado. E tinha mesmo.

Francisco ia se fazendo gente, já utilizo nos arrumos, capaz de seu trabalho. Esperto êle era e posto se escapulisse em suas estrepolias não se podia dizer que fôsse madrasso. Menino bem mandado. Caladão, seu pelinho na venta com os de sua igualha, atrevido mesmo. "A sair ao pai" que fôra aquilo mesmo ou peor, pensava dona Benta, e com razão. Seu Manuel era sabedor disso e aplacavasse com o rapaz, diz-se-ia mesmo que tenha sua franqueza pelo menino. Menino espevitado. Todo perguntas, meu pai isto, meu pai aquilo. Mas decidido êle era e isso orgulhava o pai. Fizera mesmo esquecer a perda do ca-

tro. Depois deeram mais trez. Raimundo, Felicidade, Socorro. Dona Benta lá tivera sua vez com Raimundo, nome besta, Raimundo mas que enfim ela merecia essa vontade ~~menos~~ do rabo da saia todos ainda. Choro-mingões, atazanando a mãi. Infelizmente que dona Benta nos últimos tempos não vinha bem. Umas sofocações, uns desmaios. Talvez mesmo que o medico lhe desse um gilé. E talvez fosse nada. Quem sabe uma promessa? Dona Benta era tão devota, que por certo os santos logo lhe ouviriam.

Dez anos, hemm, seu Manuel. Dez anos de luta mas também todos os sonhos realizados. Estava ficando velho. Logo o filho cresceria para tomar conta das coisas. Mais feliz. Encontraria um rocado bom, mimo de rocado, sua casa aprimada, sua criação. Até o burro ali estava. O malagueta, temoso como todos os diabos mas um bicho valente. Amigo de tantas andanças, entendia o dono de longe, conhecia o caminho seguro de casa. Seu Manuel sentia-se bem nas suas coisas. Confiante.

Dez anos eram tempo e não eram nada. Sou bem aproveitar. Outros viviam se lamentando, num pessimismo, gente de fora também, sempre com medo do tempo traiçoeiro lhes atormentando a vida. Ele fizera ouvidos de mercador, plantara suas mangueiras que agora começavam a espalhar a sombra amiga. Se lhe per-

quantassem que mais queria... Que mais queria êle mesmo? Ter uma certeza de que a sorte estava mesmo de seu lado, para sempre. O que tinha bastava. Até o coração era maior.

Nem sempre as coisas tinham corrido pelo melhor. Êle lembrava. Certo dia chegara um tal saído do inferno reclamando que as terras eram dêle. O quê? Como? Que mundo era êsse então? Esfalfava-se um homem toda a vida e um estranho vinha a desapossá-lo. Não era direito. Falou essas coisas com o ~~moço~~ homem. O outro retrucara, êle retesou-se e disse-lhe uns desaforos. Foi parar na cadeia e saiu com a obrigação de pagar uma parte das colheitas ao intruso. Depois soube que se chamava o homem de coronel Quácio e tudo era dele por aqueles lugares. Acabrunhou-se mas o geito era aceitar. Aceitou.

Depois fora o menino. Ruim que estivera. Desesperançados êle e dona Benta. Por fim comadre Justina dera uma receita de chás e o que mais até que o garoto se safou da doença.

Mas tirante isso não podia queixar-se. Chuva sempre viera, as colheitas tinham sido boas senão vissem-no a êle que chegara sem vintém como ali estava de cara levantada e com saldo na loja. Também o corpo velho não tivera repouso. Dona

Bento mesmo deria sua ajuda, que coragem não lhe faltava nunca. Seu manuel era um homem feliz. Que também êle merecia. Pois não via os outros se acabando de abusos. Uns bebedos que viviam se queixando da vida como se a vida fôsse feita para êles. Vícios só o fumo e o fumo lá era vício. Seu cigarrinho para temperar o gosto depois do café não havia mal nisso.

A caminho do roçado ficava olhando lá embaixo a cidade. Caminho tantas vezes percorrido que mesmo Malagueta já o sabia às cegas, visto de cima ficava mais bonito. Gostava daqueles lugares, como se fossem feitos para êle. Não se entendia com a cidade. Na cidade tudo eram desconfianças, precisava de muito tino pra que não o enganassem. Gente sabida. Sabia lá? Capazes de tudo. Por isso contava e recontava o dinheiro, receoso. Era todo cuidados. Pois não lhe tinham roubado de uma feita tudo o apurado? Povo ladrão, não o queria perto. Confusistas, sempre alegando novidades, puchando conversa fiada. Indecências. Conversa de mulheres à toa. Fechava os ouvidos arreliado, mas qual? Era uma praga. Também só a necessidade o levava lá. Cada dia um história: que o doutor fulano mais a fulana... que o ~~senhor~~ prefeito e a professora... Distância. Distância era o que êle queria dessas coisas.

Coisas que corrompiam até os melhores. Pois o compadre Chagas não aparecera lá com uma mulher mea pintada. A semvergonha!

Não, a vida dêle era ali. Junto das suas coisas, junto da mulher, junto do filho. Gente faladora. Até no povoado já tinha seus casos que o mal não bate à porta, vai entrando logo. Era a maldição do rádio invadindo tudo. Que lá a máquina era curiosa, era. Uma coisa daquelas falando, tocando música. Música difícil, de ~~ora~~ orraites que ninguém entendia. Estrangeirama danada, ~~que~~ E aquelas falações, santo deus, uma porqueira!

Os moços que iam na cidade voltavam com coisas, sabedorias, histórias de mulheres. Botavam umas sebos na cabeça, diz-que pra assentar o cabelo. Contavam vantagem. Mas o que sabiam era afligir os filhos dos outros para desencaminhá-los. Estouvados. Tinham seu castigo neles mesmos. Um houvera que se carregara de doenças ruins; nem havia remédio que lhe desse geito.

Seu Manuel buvia e calava. Tinha por vezes vontade de contar a dona Benta, mas se encolhia que ela não era de coisinhas. Se não se agradava duma coisa respondia logo. Êle não gostava de enfezá-la e aqual que adiantava. Só umas podridões de vagabundos e farsantes. Que tinha êle com isso? Queria era a sua

vida correndo bem. Sabia quais eram os seus amigos: mulher e filho. E o Malagueta pois não, que já ia esquecendo. Com êsses se entendia. Se entendia bem.

Dez anos!

Tudo tinha mudado. Os homens mesmo. Parecia-lhe que faltava aquela união de começo. Um que outro, ainda os havia, é certo, sabiam ajudar-se ainda. A mais ônia talvez. Mas já começavam se separando. Fuchicos, interesses. Enfim coisas do mundo e não era êle quem ia indireitar o mundo. O que êle podia fazer estava fazendo não tinha já uma casa, seu rocado, sua criação? Pois era. Tinham-lhe dito pra mandar o filho à escola aprender. Aprender o quê? Pois o menino não era bom numas contas como êle. Pra quê saber mais. Os que sabiam que eram? Uns safados como o doutor Severino. Nada não, era melhor que êle não soubesse mesmo. Bastava que aprendesse a trabalhar.

Dona Benta saia só para os rezos na capela do povo. Dona Benta não era faladeira antes pelo contrário. De poucas falas. Vez por outra se detinha em casa de comadre Justina, madrinha de Francisco a saber como iam todos. Logo a caminho de casa, cuidar dos seus que essa era a vida e a conversa muita só gerava pecados. Deus a livrasse!

muito

Também nela o tempo fizera seus estragos. Não que fosse velha. Não sabia do certo mas passava já dos trinta. Maus tratos da vida é que a tinham envelhecida, canseiras. Cara cheia de pregas mas ainda bonita. Beleza que fora, moça requestada de muitos. Uns olhos azuis que pareciam o céu sem nuvens ou águas do mar em tentação. Os cabelos bem negros. A boca pequena. Por isso se recatava. O corpo era de seu Manuel. Ele era muito mais velho, daí o respeito que ~~tinha~~ lhe tinha: "seu Manuel". Uma amizade que nada podia destruir a liga-los com cadeias sempre mais firmes. Separar um do outro seria tirar-lhes a vida, tanto já se encontravam confundidos em um ser apenas. O filho era eles ainda.

Como ela tinha pensado, começava a perder o filho sempre agarrado ao pai, homem que era, agastado dela o mais do tempo. Ele continuava, porém, bem junto de seu coração. Só que ela não era de espalhafatos, antes pelo contrário, seca de carinhos, incapaz de mostrar aquilo que sentia de fato. Sempre fora assim, não havia mais geito de melhorar.

Aqueles achaques que vinha sentindo havia uns tempos a assustavam. Ora tinha-se esquecido mais uma vez de falar ~~co~~ a comadre Justina sobre a dores que sentia: uma opressão no peito, umas fraquezas. Acender uma vela a Santa

Eulália que se dizia andava fazendo curas espantosas. Deus a trouxesse para aqueles lados que sempre se abalaria para ir ve-la e lhe pedir umas graças. Nem tanto para ela como por seu Manuel. Seu Manuel não acreditava em nada. Um hereje perdido! Enfim...

Não que ela tivesse medo de morrer. Estava preparada. Mas que tinha pena de deixar o mundo agora que as coisas marchavam bem, lá isso tinha. E depois por seu Manuel, o coitado iria sentir a falta. Francisco era um menino. Quem iria cosinhar, pontear a roupa, pregar um botão, lavar, quem? Não podia deixar seu Manuel sozinho, por isso pedia a Deus lhe desse saúde.

Dez anos passados. Quantas vezes o chão recoberto de verdura, as espigas levantadas, o feijão se oferecendo, são João com suas fogueiras, as farinhadas, a moagem da da cana; tudo se repetindo cada ano, um ano somado no outro: dez anos, uma vida pequena. Dez anos de vida feliz. O filho crescido, quasi um homenzinho; a mulher sempre a seu lado ajudando, misturando seu esforço com o dele, dando-lhe coragem; ele mesmo outro homem, cheio de confiança, pronto para enfrentar o destino. Assim fosse sempre a vida como aqueles dez anos. Mas ninguém sabia. Aquilo fora ontem - que seria amanhã.

Escrivão
6.6.50

tros, e essa era a maioria, louvando o animal. Seu Manuel fora de si atendia a um e a outro que até a língua, de natural presa, se lhe desentaramelara e era um tal de explicar a história ponto por ponto. Chê gente, era um homem, já tinha sua montaria, podia agora levar mais umas coisas na cidade. Fôsse bom o inverno daquele ano e cobria a casa com telha. Sim porque era outra coisa, até a música da chuva mudava, ficava um tem-tem-tem como na casa de seu Chico Lopes. Casa de gente. Mas onde diabo metia êle o animal agora que a porca estava com cria? Era o diabo...

Malagueta feliz como tudo, sentindo-se dono de seus andamentos que o novo dono não se excedia. era só um estalo de língua, uns "eia malagueta; vá malagueta", coisas de se entenderem. Sempre fora um distraído mas falassem-lhe como deviam e aí estava um jumento sem extravagâncias, que êle sabia compreender seus erros.

O curral era muito pequeno. Quási não podia se mexer ~~se~~. Diferente do que sempre tivera, folgado que até se podia passear dentro. O de agora não. A contecia de se distrair e pronto lá estava êle se batendo todo. Custou a acostumar-se. Também a comida. milho agora só lá uma vez ou outra, depois era posto que

que êle tinha de procurar pelos matos. Se ~~se~~ rasgando às vezes nos espinheiros. Assustado com o vôo imprevisto dos arubús que saíam da mata, ~~assusta~~ êle que não estava habituado a essas coisas passara a andar sobressaltado. Sabia lá que bichos ruins se escondiam por ali perto esperitando só a oportunidade?

A viagens para a cidade longas e estafantes, sempre carregado a mais não poder, mas êle compreendia o patrão. Não era maldade, era necessidade. Depois também trabalhava para êle que seu Manuel nesses dias alargava-se em generosidade e a ração de milho dobrava. E êle merecia. Verdade era que poucos donos como seu Manuel aparecem, mas também um malagueta não se topa em todo o caminho, é fruta rara. Mas sabia que o patrão o compreendia e lhe dava valor. Isso era muito. Dava-lhe alegria no trabalho, vontade de mostrar mesmo quanto valia. Nem havia distância mais para êle. Avançando o tempo todo em marcha puxada que só êle aguentaria, ajoujado de coisas, ali do mesmo passo que o dono, amigos um do outro.

Que também só agora a vida vinha melhorando. Pois, mal nascido, não lhe tinham afastado ~~dos seus~~ mãi a ponto que nem chegara a conhece-la? E depois fora um tal de correr mão de gente sem número. Nem mais se lembrava

Se lembrava de nunca ter estado na vaga-
bundagem, sempre cheio de trabalhos, que
o punham quási velho. Mas nem só de
pasto vive o jumento, pois ali estava êle
que acabava de trocar mesa farta por
um punhado de milho e se dava por con-
tente que o principal era o trato do do-
no e fosse pelo que fosse êle gostava da-
quele geitão socegado de seu Manuel. Tam-
bem gostava do Francisco, diferente dos
meninos atentados que lhe atiravam pedra,
sempre a apurrinha-lo. Francisco não, me-
nino sizudo que êle era, sempre a ~~te~~
~~dizer-lhe~~ lhe dizendo novidades. Até con-
versava como êle.

Isso para não falar de Dona
Benta. Pouco se viam e era aquela devo-
cão do burro pela dona que era êle adi-
vinha-la e logo se agitar todo, fora de
si, como a querer dizer-lhe umas coi-
sas amigas. Razão tinha seu Manuel
para viver se louvando da mulher que
até enfarrava. Malagueta não era tolo
não. Sabia muito bem com quem lidava
e alguma coisa lhe dizia, desde o princi-
pio que aquela gente lhe servia, não era
uma gente qualquer. Que para um
bicho como êle requeria-se distincão. Cer-
to seu Manuel era homem pobre que
apenas colhia para o sustento mas tinha
um coração que valia mais. Por isso Ma-
lagueta trabalhava de gosto e se apresta-
va logo, assim que a voz do patrão chavrava: "Ei

Malagueta!

Aquele dia porém que diabo lhe deu no corpo que, quando quiz tomar tento em si já ia correndo desabalado pelos campos, num atropêlo sem medida, o coração aos pulos? Não se entendia mais. Verdade que se andava entristecendo mais ultimamente. Umas coisas esquisitas que nunca sentira. Solidão. Quási nem lhe dava vontade de roer uns capins pelo mato, o pouco mulho que lhe punham se estragando. Abandono de tudo. Ia para o trabalho abestado. Precisava mais umas upas de seu Manuel para se despertar. Diabo de coisa a moê-lo todo por dentro. Umas vontades doidas de se abalar por aí fora sózinho...

Aí estava êle agora perdido nos campos. Queria parar e não podia, uma força maior o chamando. Se êle acreditasse em assombração ia dizer que estava assombrado. E aquela força sempre o impelindo. Onde estava êle já? Quási se estabela nuns abismos danados se abmido como güelas esfaimadas e nada de se conter o desvairo. Suspeitou que tivesse enlouquecido e essa ideia lhe aumentou o desespêro.

Aquilo sim era um capinzal e êle desatento que nem o cheiro o detinha. Em outra ocasião se quedaria aproveitando as hervas fartas, agora não.

Alguma coisa mais forte o chamava. Andou muito ainda, com a fúria em que ia nem poderia dizer quanto. Desarrolhando. Já começava a cançar quando por fim foi dar num campo maior ainda que todos, mais verde. Um mimo que até dava vontade de rolar pelo chão. Foi custoso transpor um gradil de madeira que defendia a entrada. Rolou-se todo mas o que viu em seguida recompensava bem a canseira soqueida. Pois Malagueta você não é mesmo um tolo? Não é mesmo a Estrela que ali vemos? Estrela! A boa amiga que há tanto tempo não via, perdida em que caminhos do mundo? Pois não era ela que viam seus olhos? Agora compreendia tudo.

Porém logo em seguida aquela alegria foi sucedida por uma tristeza maior. Apesar da distância, viu como sua amiga estava mudada, um ar de cansaço, uma lentidão que estavam bem distantes da que êle conhecera outrora. Não se conteve mais. Abalou de novo para junto da amiga e qual não foi o seu espanto quando surpreendeu nos olhos dela aquela alegria sua bem conhecida. A seu lado estendido no chão, ao sol, Malagueta II o olhava espantado.

Seu Manuel olhava o estrago e dizia consigo: "o Malagueta endoidou" pois lá se compreendia que um animal quie-

to e trabalhador fizesse uma daquelas. Podia era ser alguma cobra que andasse pelo curral e espantasse o bicho. Coisa demais fôra que Malagueta era acomodado e nem de outro modo se explicava um estrupício daqueles sem razão muito forte. Seu Manuel conhecia o Malagueta e sabia que êle sempre se mostrava condato. Ultimamente, sim era verdade, ultimamente o jumento lhe parecia encabulado, com uns modos de tristura mas que podia ter isso a ver com aquele desproposito? Não, ali andava coisa...

Dona Bento foi mais positiva. E até gostava do jumento, a princípio desconfiada, depois se convencendo aos poucos, acabara dando razão ao marido na compra do jumento. Mas também se fora fácil convencê-la não era difícil desconvence-la. E já ia querendo voltar às antigas suspeitas: "um animal assim oferecido quem podia saber o que fôsse? E logo quási dado. Culpa não lhe cabia pois prevenira seu Manuel, mas seu Manuel gostava de teimar nas suas coisas. Ali estava o menino pois não quizera Francisco, um nome desentoado que feriu. Bom de ver que Raymundo soava melhor e, além disso era o nome do avô. Qual nada, teimara em Francisco, Francisco mesmo. Agora o animal. Lá se ia um montão de dinheiro para nada. Ficavam com as mãos vazias e amanhã, numa necessida-

de, com que se desapertavam?". Dona Bento não dizia nada para não ofender o marido. Queria-lhe muito para ofendê-lo, mas que êle tenha suas culpas, lá isso tenha...

Francisco estava amuado. Já queria muito bem ao Malagueta e quando o pai falou da fuga do Jamento, sentiu uma coisa no peito. Que só mesmo êle o atendia nas suas histórias e o deixava escarrapanchar-se-lhe nas costas sem amedrontá-lo. Antes se fazia manso, num convite. O pai enfezado mandou-lhe uns cascudos e aí a onda subiu. Saiu andando que durante todo o santo dia.

Estava sentado num tronco, esperando o amigo. O amigo demorava. Malagueta que deu em você, meu velho? Agora mesmo me deu esta vontade de trepar nas tuas costas e sair andando, amansando as amarguras que aquelas pancadas do pai, mesmo leves, doíam muito. Que êle não tinha culpa do sucedido, antes lhe parecia que devia ralhar com o amigo quando voltasse e o Francisco sabia que voltava, alguma coisa lhe dizia; ele era o único culpado dos cascudos. Fincou a cabeça entre as mãos, emurchecido, pensando coisas.

Pela noitinha, quando já a desesperança se ia apossando dêle, Francisco divisou finalmente o Malagueta subindo

a caminho de casa, num passo medido, como se o acabrunhassem grandes pensamentos. Guitão-lhe como o pai fazia:

— Ei, Malagueta!

O bicho nada. Aprofundado em si, o passo meüdinho, a cabeça murcha como se se julgasse culpado! Um ar de quem vai disposto a tudo.

Francisco emparelhou com o bicho e foi estugando o passo. Aproveitou a ocasião para lhe dizer umas coisas. Que êle tinha a culpa dos cascudos. Aconselhou-o a ter modos. Sabia lá o que de a borrecimentos causara. Malagueta fechado em si, a cabeça sempre baixa. Meditando. Também poderá depois de um dia daqueles!

Dão chegando. Francisco guitou. Seu Manuel e dona Benta assomaram na porta. Desanimados. Foi quando deram com o jumento. Francisco já alegre, explicando como ficara na tocaia até ver o animal. Malagueta naquele mesmo andamento, sem agabaçãos. Apenas como se estivesse envergonhado de suas estrepolias. A pedir perdão. Seu Manuel guitou-lhe. Nada. Nem se deteve. Humilhado.

Rumou para o curral. Nada mais existia. Só aquele orgulho, orgulho de ter um filho de Estrela, um filho que seria como êle valente e decidido.

Estevão

7.6.50

VII

Malagueta sentia-se feliz com a troca. O dono antigo era homem bravo, de poucas falas, por dá cá aquela palha sentia-lhe umas bordoadas rijas. Aquele homem era um bicho sem alma. Seu Tambem por isso êle, Malagueta, gardara uns rancores que iam se acumulando até um dia em que o negócio transbordou e lhe apareceu com um par de coices seguros. Compreendeu, logo em seguida ao ato, que estava irremediavelmente comprometido. Esperou mesmo uma tanda braba ou, quem sabia, até a morte. Era porém morte que não lhe causava vergonha, antes, pelo contrário, satisfação. Tinha-se vingado de todo um rosário de maldições e pancadas. Maus tratos que lhe doiam profundamente, que, aqual, um burro ~~ou~~ é um burro e animais como êle, Malagueta, não se encontram todos os dias. Verdade que muitas vezes se parava na estrada esquecido, olhando uma flor perdida entre pedras, desprotegida, pequenina. Vontade de dar uma mordida e levar a flor consigo. Outras vezes esquecia-se que também havia cada jumenta de fazer um perder a cabeça! Era ver a do vizinho Astrolábio, bichinha que lhe mandava aos olhares demorados e até vinchava de ternura quando acaso se encontravam cada vez com seu mundo de piso nas cotas, que

nem tempo lhes assistia de se conversarem um pouco. Diabo de velho rico, mandão de língua suja, sempre a insulta-lo, êle malagueta que quando nascera, se lembrava de ter ouvido dizer, agora não sabia era quem, mas ouvira dizer dêle: "bicho bonito"! Isso mesmo, bicho bonito êle o era, um pêlo assetinado que dava gôsto, olhos manhosos de D. João, umas orelhas bem feitas. Se não porque paravam todos a olhá-lo. Pensavam que não entendia?

Por isso êle lhe dava duro, porque se esquecia nos seus devaneios, como se um jumento não pudesse ter devaneios, imaginações, mas paixões mesmo. Êle que sabia como se sentira quando seu Astrolábio vendeu a Estrela. Dias e dias sem mastigar palha ou o que fôsse, atormentado a um canto que até perdera peso. Mas qual o dono era ruim mesmo, homem sem comoções, abestalhado, se encharcando de cachaça hoje e amanhã que até fazia nojo.

Por isso lhe sentara um par de coices rijos de verdade. Coisa de derrubar um homem. "Filho de uma égua", não? Pois ali estava de que um filho de uma égua era capaz. O velho esparramado no chão, espumando de dor e de raiva. Malagueta disse consigo: estou morto. Mas qual nada, esperou o homem e quando este avançou armado de um par para surrá-lo o jumento firmou-se

no chão e sacudiu-lhe umas ameaças, que o velho saiu se maldizendo: "tolo é quem quer uma peste assim. Já te vendo ou te dou, meu excomungado!" Foi dito e feito para gaúdio de Malagueta que já, êle andava farto de aturar os desempeços do dono. Só que logo ficou receoso, pois que espécie de gente seria o novo senhor. Desconfiava dos homens. Não tinha êle o exemplo ~~em~~ naquele donado que só sabia zurzilo a toda a hora sem piedade? Por isso desconfiava.

Agora porém sentia-se feliz com a troca. Seu Manuel era manso como um amigo e êle, jamento, já se acostumara aquela voz que o ~~destentava~~ chamava para a lida sem orgulho: "Ei Malagueta!" Por isso não esperava segundo chamado e logo ficava de focinho na porteira do curral, pronto para seguir caminho.

Para seu Manuel Malagueta ~~o animal~~ fora um achado! Bem que êle andava à vontade de comprar um animal para fazer umas viagens na cidade mas, o dinheiro sempre curto, remediava-se com ir a pé. Suas cinco léguas bem puxadas, caminho ruim, os côfos pesando no ombro que tinha já calejado. Mas o dinheiro lá estava guardado esperando oportunidade até que aparecera Malagueta. Seu Manuel sempre parava pra vender

umas verduras na casa do dono de Malagueta. Para falar verdade, seu Manuel andava mesmo de ôlho no bicho que já adivinhara precioso, tinha mesmo, de uma feita, passado a mão no lombo da alimária e gostara daquela maciez de pelo. Mas lá comprar o bicho é que nunca pensara pois se qualquer um era uma fortuna, quanto mais aquele, estimado e rico, tratado com mimo. Uma fortuna que nem êle se atrevia a perguntar.

Mas a vida tem coisas! Pois o homem não havia de enjoar o animal, acontecer de seu Manuel passar-lhe em seguida pela casa e receber o Malagueta quási dado? Pois isso aconteceu, sim senhores, que seu Manuel nem podia acreditar.

Correra em casa a conversar com a mulher. Dona Benta desconfiada que quando a esmola é grande... Bom mas ela não dizia. Se seu Manuel achava o animal bom mesmo... Seu Manuel explicava. Ora logo o Malagueta, ela veria. Um riqueza. Melhor que o burro do compadre Chico Lopes. Dona Benta duvidando mas enfim êle era dono do seu. Pois que vêr se mesmo o Malagueta e logo se veria.

Fez-se o negócio. Seu Manuel entrou pelo povoado como um abençoado. Todo o mundo querendo ver o Malagueta. Comentários. Os invejosos desfazendo no animal, chamando seu Manuel de besta que tinha se deixado levar em cantigas. Os ou-

terra e ela se espreguiçando na rede. Vontade de sacudir a mulher. E os filhos. Uns raios intangidos, metidos no seu canto. Bestas. Nem para umas carreiras se atreviam. Afinal todos eram assim. Vida desregrada. Ele se matando e os outros no seu cantinho. E logo a lembrança da mulher se queixando. Aquela dor nas juntas que nenhum remédio dava geito. Os filhos também. Tudo arruinado.

Nenhum pensamento bom. Nada a esperar. Nada para confiar. Houvesse o feijão, a rapadura, o pé de milho, umas verduras, com modo, sempre se iria vivendo. Vivendo assim: ~~era~~ verdade, mas, afinal, vivendo. E que mais poderia um homem querer?

Serra madrasta!

Os meninos ~~levava o dedo~~ cocada o dedo do pé e depois chapinhava na lama, no chiqueiro dos porcos. O porquinho preto estava lindo, lindo. Era só a mãi dar as costas já êle estava as voltas com o porquinho preto que êle chamava de "Seu Chico". Afagava o bicho como se fora um irmão e falava-lhe, sentava no colo e contava-lhe histórias até que o irmão menor acordava, esfomeado, chorando com um berrulho que levava a mãi a guitar, por êle. Meninos roídos de vermes. Ele com

os outros e todos amolecidos, uns sonhos sujos como a vida que levavam, umas imagens feias, ~~uns~~ amedrontas. ~~Ao~~ Sono descolorido, antes povoado de ralhos, de cascudos, de má vontade de pai engezado. Meninos escorraçados da infância, logo no berço, ainda verdes, já amarrados aquela roda sombria do tempo.

Serra madrasta!

Que esperança trazes tu ao coração das mãis? Apenas desalento, canseiras, um peso no corpo, um peso na alma, corpo arrastado em passos lentos, tchep-tchep lamuriento, a alma sem norte, o olhar vasado e um desânimo se apossando da carne triste, premúncio amargo de outro amargo destino.

Única fartura dêsse mundo estéril, calvário dos humildes, cruz da conformação. Fartura do mundo! A terra secando, o verde, que foi em tudo quanto a vista alcançava, vivo agora apenas na imaginação, na lembrança e o homem, mais forte do que tudo, resistindo a tudo, se multiplicando nos ventres inexgotáveis!

Muitos para morrer, colheita trágica da morte sádica, colhendo frutos verdes; outros para vingaram, teimosos como cactus que brotam na própria pedra, gente dura, animais incansáveis arrastando sôbre si, um destino que até os bichos recusariam.

Lenda de se ver e tão má no íntimo, como se lhe corroessem as entranhas tremendos crimes e quizesse vingar-se nos desgraçados. Florindo-se para atraí-los traiçoeira e logo se espinhando, negando-lhes tudo e aparecendo logo em sua verdadeira figura de terra sáfara, mesquinha, pequenina se abrindo em frutos avaros.

Pão nosso de cada dia apenas a incerteza, a instabilidade, a desolação por vezes, quantas vezes a morte.

Morte lenta. Primeiro a esperança depois tudo que resta na alma, depois o corpo, sem pressa mas com requinte. Morte de quem muito odiasse, de quem guardasse ódios e raivas antigas. Coisa de homens perdidos. Assombração dos próprios elementos. Como se fora a terra quem se revoltasse para castigar os homens. Homens da serra cujo único pecado era a miséria e um amor doido, alucinado por aquela que só lhes acumulava desespero, abandono, desalento aos males naturais que, de sempre, os afligiam.

Em troca de um trabalho sem paragem, sem férias, de sol a sol, de semana a semana, de ano em ano, de vida em vida. Palavras de avós herdadas pelos netos: muitas de fadiga, desesperação, nascidas da desesperação e fadiga que lhes vinha com o leite ma

termo; uma que outra de fagídia esperança ou tímida alegria, geradas ~~essas~~ na tenuosia cósmica dos homens mais que na experiência de vida, que, essa, devera trazer-lhes apenas ou um silêncio oprimido ou o protesto bravio das pragas.

Passada de pais a filhos a mesma serva de miséria, humus de morte, pão de incerteza - únicas verdades de um mundo malfadado.

Mãi alguma se recusaria assim. Mãi alguma retiraria os peitos da bôca do filho. Nenhuma teria coragem de vêlo definhar á míngua de seus carinhos, ferido pelo seu repúdio.

Só ela, removendo que raivas ninguém sabe, só ela teria a coragem de ser assim, sem piedade, avara, sêca, estéril, sem amor.

Terra madrasta!

Estevão.
3.6.50

Pai, acho que hoje já fizeram amor demais
Sabe o que teu pai disse, ó amor
que leva ao Falcão leva ao Tremulo.

VIII

O que mais encantava Francisco, a ponto mesmo de o deixar completamente transtornado, mais ainda mesmo que a amizade que lhe dedicava Malagueta era aquele porquinho malhado de preto e branco da última ~~ma~~ barrigada (?) da porca e a que êle dera o nome de Pachurreco depois de dar muitas voltas ao miolo para descortinar um nome que servisse ao bacorinho mimoso que era um gosto, redondo e com uns olhitos pisca-piscando de sagadão. Pachurreco! Nem êle sabia que quisera dizer com um nome desses. Pachurreco, era aquilo um bichinho meúdo, sarapintado, se esgueirando entre os irmãos para ir pegar a teta da mãi.

Bicho enfeticado que logo lhe prendera o coração, não que êle fosse o primeiro, estava mesmo afeito àquilo, que, volta e meia, a porca despejava mas nunca um como aquele aparecera no chiqueiro. E além disso era um dos poucos amigos com que podia contar, naquela solidão do mato. A bem dizer só o porquinho e o jumento eram seus amigos. O pai porca atencão. Nee dava, sempre atarefado nos afazeres de rocado, a mãi, por sua vez sempre cheia de serviço. Por isso, quando sobrava um tempo, Francisco rumava ou para o curral ou para o chiqueiro. Abriq

a porteira e, sem que ninguém visse, lá estava lhe dando sua voltinha escarrapanchado no Malagueta que já lhe compreendia os manhos e estava sempre pronto para tudo. Ficava então rodando por ali mesmo e disfarçava suas atividades mastigando preguiçoso e descuidado o capim mordido ao acaso.

Mas o que mais o encantava, a falar verdade eram aquela bolinha de carne preta e branca se esgueirando entre os irmãos, sofrego se atirando aos peitos maternos sempre fecundos.

Dava-lhe conselhos, que não lhe parecia bem aquela falta de solidariedade para com os outros. O final o leite chegava para todos e depois eram seus irmãos e não era aquele o modo de tratar irmãos. Pacharreco agora estava deitado ao sol num bolo com os irmãos, se agazalhando uns nos outros. Francisco ia sorrateiro e botava-lhe a mão. O porquinho desconfiado, procurando esquivar-se de seus dedos. Ele aconselhando, fazendo ver que eram afagos de amizade. O bicho custava a entender mas agora já se mostrava menos rebelde e ficava no colo do garoto que lhe passava a mão ~~no~~ pelo ~~escasso~~ corpo.

Pouco a pouco fora crescendo aquela simpatia. Se não da parte do bacarinho pelo menos no que tocava a Francisco. Era que o tempo fosse pouco que

muitas vezes já era ele quem se abalava para ir fazer uns recados a mando de gente rica do povoado ou mesmo quando impedia seu Manuel qualquer trabalho, era a êle que cabia a tarefa de levar as coisas no mercado.

Gostava da viagem. Acachapava-se nas costas do jumento e se deixava-se ir sem aplicar que o bicho conhecia bem seu caminho. Caminho de tantas dias que já era para ele coisa decorada, de se fazer às cegas. Aí sobrava-lhe tempo para vadear o pensamento à solta, livre como um potro no campo e imaginar suas coisas. Coisas simples. Nicarias. Histórias remuidas. Coisas que o pai contava quando êle era menor e agora voltavam lhe enchendo a vida de perguntas novas. Perguntas difíceis. Tantas vezes falara a seu Manuel para que lhe explicasse e qual nada. Seu Manuel fugia com respostas manhosas. Não sabia mesmo nada de certo. Por isso imaginava. O olhar acompanhava o caminho em derredor. Olhava mas não via, perdido em mais longinquos pensamentos, entregue a Malagueta o trabalho ~~com~~ de pensar no caminho. Pobre Malagueta entregue também aos seus devaneios. Não soubesse êle o caminho decor e veriam onde iam parar os dois sonhadores.

Francisco não tinha irmãos, não. A bem dizer só o que nunca esquecera

fora um livro de figuras que viu na mão do filho do bodeguerro. Tinha umas meninas vestidas de branco pousando nas nuvens e uns pastores levando umas frutas, êle ia dizer que eram mangas ou pinhas mas talvez fossem goiabas, para um menino deitado num curral entre boi e jumento. Jumento bonito, sim senhores, assim como o dêle ou melhor. Por aquele livro êle daria tudo, daria mesmo o Pachurreco. Aí estava, iria oferecer o porquinho ao filho de seu Leopoldo; fariam uma troca.

Parou a pensando e logo lhe veio uma tristeza, uma ânsia: pois teria coragem de dar o seu porquinho? Arrependeu-se daquela traição. Vontade mesmo de pedir desculpas ao Pachurreco quando voltasse. Mas o livro ficava bolindo com êle. Coisa mal feita o mundo. Pois porque não tinham todos um livro daqueles. Certo êle não sabia ler mas via as imagens. Imagens coloridas que lhe povoavam os sonhos.

Saía pela madrugada.
- A' bençaõ meu pai.
- A bençaõ nha mãi.

Malagueta já esperando, que ela só vê-lo assomar na porta e começar andando até o pau onde Francisco se trepava. Em marcha de seguida. Chegavam com o sol. Procurando lugar entre

os vendedores.

Era quando Francisco se empertigava não fossem roubá-lo. Olho vivo, distribuindo as coisas. Malagueta lá fora amarrado vez por outra se acirrada-vam os colegas que era necessário dar-lhe uns chamados. Chegavam os freguezes e era aquela confusão de gritaria, cada qual se atropelando a querer chamar as atenções. Êle no seu canto, rugateando como gente grande, ligeiro nas contas que deixava os freguezes atarantados conferindo.

Orgulho do pai que ficava comparando. Senão vissem o filho dêle e o do bodegueiro. Todo metido em panos caros e nas escolas aprendendo. Não o trocava por Francisco. Nem dois dêle. Certo o filho não sabia ler, mas que tento numas contas. E não era aquela moleza do outro. Enfim coisas do mundo. Uns com tudo, outros com nada. Seria a vontade de Deus? Pois dona Benta não dizia que sim? Bem verdade que êle conhecera seu avô como alugado, seu pai como alugado, êle mesmo fôra alugado também. Agora as coisas iam melhores mas ninguem sabia o dia de amanhã. Queria que o filho fosse livre, dono do seu, ainda que só um punhado de terra. Tento êle tinha. Assim a sorte lhe fôsse aliada. Quem sabia?

Dona Benta nunca esquecera Rufino. Por isso talvez apaparicava demais o

filho. Seu Manuel não gostava. Pois então dona Bentã é assim que êle se estraga e fica pra lá um vadio. Dona Bentã achava aquilo escagero. Que mal havia em se tratar mal bem o menino? Sentia uma necessidade incontrolável de se desmanchar em cuidados com o filho, lembrada do outro, receosa de que algum mal lhe acontecesse. Por isso se enfezava quando seu Manuel perdia as estribeiras.

Francisco andava com vontade naquilo havia muito tempo. E bem ali defronte do mercado o cinema era uma tentação forte. Demais tinham lhe aguçado a curiosidade contando coisas e êle andava com vontade de olhar aquilo nos mó. Não havia era geito. Acabou descobrindo como conseguiria. E meteu-se no trabalho. Tinha descobertó fazia tempo um lugar da mata onde se poderia fazer um pequeno roçado. Aproveitava os caídos do pai para cavar e plantar sua horta, assim poderia arranjar o dinheiro para comprar a entrada. Malagueta carregava os latas de água, único testemunha do trabalho de Francisco.

Trabalho dos dois, ~~malagueta~~ eo êle e Malagueta que êle contava agora ao Pachurreco. O bichinho inocente, ouvindo tudo anichado nas pernas de Francisco. Francisco querendo comunicar-lhe aquela alegria que era bem

deles e que êle queria, fôsse dos trez. Pachurreco infelizmente não tivera que fazer. Mas ouvia a história. Certamente ~~ouvia~~ aplaudia o amigo. Francisco achando que devia haver um cinema para os animais. Mas pelo menos Malagueta merecia uma recompensa. Imaginou, imaginou que poderia dar ao jumento. Só mesmo comprando açucar. Na certa o bicho gostaria. Pelo menos era o que seu Chico Lopes dava ao seu burro. Burro bonito de verdade. Mas não que se comparasse ao Malagueta. Se o Malagueta até entendia fala de gente, pois não ficava êle murcho quando o pai se enfezava com dona Benta. Pai zangado, seu Manuel, volta e meia retrucando azedumes. Bom êle era mas também não era direito aquilo que dona Benta merecia era enfeites e devoção. Por isso Malagueta tomava o partido dela. Dissessem que não mas êle bem via. Era só seu Manuel falar mais alto logo o jumento amuava de venta caida. Isso aumentava a amizade de Francisco.

Pachurreco não entendia dessas coisas. Pachurreco era ainda muito pequeno para se meter nisso. Precisava ~~[illegible]~~ de que olhassem por êle. Ao alcance de todo o perigo, pequenino que qualquer ameaça o derrubaria num atropelo de fugida desnorteada. Talvez quando o porquinho crescesse êle pudesse então contar-lhe umas coisas, pois ao par da situação, explicar quem era seu Manuel, dona Benta, Malagueta,

Por enquanto bastava que êle conhecesse a êle Francisco e alguma coisa lhe dizia que Pachurreco já começava conhecendo quando êle chegava junto do curral, pelo menos umas duas vezes o notara detido, como se adivinhasse a aproximação de algo que muito quizesse. Podia ser acaso, coincidência, mas podia também ser mais do que isso. Era essa suspeição que animava Francisco e lhe aumentava as ternuras pelo bacorinho. Pena que o porquinho não falasse. Gostaria de saber que pode pensar um bichinho daqueles. Coisa mal feita, o mundo. Pois não tinha fala tanta gente ruim e eus entes como Malagueta e Pachurreco, bons e amigos de se trazer pento do coração, com que se podia até desabafar nas aperturas, nasciam mudos.

A falar verdade, mesmo as alegrias poucas que ia tendo, êle as preferira repartidas por todos os seus amigos. Amigos mesmo. Na cidade tudo eram desconfiancas. Medo de que os outros ocupassem o espaço que lhe cabia no mercado, medo de ser enganado no dinheiro, medo da polícia agarrando um homem por dá cá aquela palha. Se dava bem era com os bichos. Cento e havia gente boa... Poucos. Durante os de casa poucos, e sempre incerta essa amizade. Como saber? Pois seu Manuel não se queixava às vezes até de seus amigos? Como então saber os que eram

os vendedores.

Era quando Francisco se empertigava não fossem roubá-lo. Olho vivo, distribuindo as coisas. Malagueta lá fora amarrado vez por outra se acirrada-vam os colegas que era necessário dar-lhe uns chamados. Chegavam os freguezes e era aquela confusão de gritaria, cada qual se atropelando a querer chamar as atenções. Êle no seu canto, rugateando como gente grande, ligeiro nas contas que deixava os freguezes atarantados conferindo.

Orgulho do pai que ficava comparando. Senão vissem o filho dêle e o do bodegueiro. Todo metido em panos caros e nas escolas aprendendo. Não o trocava por Francisco. Nem dois dêle. Certo o filho não sabia ler, mas que tento numas contas. E não era aquela moleza do outro. Enfim coisas do mundo. Uns com tudo, outros com nada. Seria a vontade de Deus? Pois dona Benta não dizia que sim? Bem verdade que êle conhecera seu avô como alugado, seu pai como alugado, êle mesmo fôra alugado também. Agora as coisas iam melhores mas ninguem sabia o dia de amanhã. Queria que o filho fosse livre, dono do seu, ainda que só um punhado de terra. Tento êle tinha. Assim a sorte lhe fôsse aliada. Quem sabia?

Dona Benta nunca esquecera Rufino. Por isso talvez apaparicava demais o

filho. Seu Manuel não gostava. Pois então dona Bentã é assim que êle se estraga e fica pra lá um vadio. Dona Bentã achava aquilo escagero. Que mal havia em se tratar mal bem o menino? Sentia uma necessidade incontrolável de se desmanchar em cuidados com o filho, lembrada do outro, receosa de que algum mal lhe acontecesse. Por isso se enfezava quando seu Manuel perdia as estribeiras.

Francisco andava com vontade naquilo havia muito tempo. E bem ali defronte do mercado o cinema era uma tentação forte. Demais tinham lhe aguçado a curiosidade contando coisas e êle andava com vontade de olhar aquilo nos mo. Não havia era geito. Acabou descobrindo como conseguiria. E meteu-se no trabalho. Tinha descobertão fazia tempo um lugar da mata onde se poderia fazer um pequeno roçado. Aproveitava os caidos do pai para cavar e plantar sua horta, assim poderia arranjar o dinheiro para comprar a entrada. Malagueta carregava os latas de água, único testemunha do trabalho de Francisco.

Trabalho dos dois, ~~malagueta~~ ~~eo~~ êle e Malagueta, que êle contava agora ao Pachurreco. O bichinho inocente, ouvindo tudo anichado nas pernas de Francisco. Francisco querendo comunicar-lhe aquela alegria que era bem

bons de verdade? Mas com os bichos não. Via-se no olhar deles o que eram. Sem tapeação: maus ou bons de uma vez. Nada de falas doces e caras melados falseando as aparências. Por isso gostava de malaguetu e pacharreco. Apenas este, ainda pequeno, lhe dava muito trabalho, sempre arisco. Gostaria de dividir com êles a satisfação. Daí que não gostasse logo o apurado. Ficou imaginando, imaginando e nada de achar um geito. Certamente ninguém ia deixar o jumento e o porquinho entrarem no cinema. E então?

O pai chegou em casa apurrinhado. Azucrinando os ouvidos da mulher com imprecações. Um Tuusuusuu que nem se entendia. Dona Benta endireitou-se que aquilo não lhe estava caindo bem nos ouvidos. Tinha ela culpa das arrelias de seu Manuel? Não saira êle satisfeito de casa dizendo que ia comprar querozene? Também já era tempo, que o que havia em casa estava nas últimas, escorrido, minguado. Pois aí estava: seu Manuel chegava em casa sem querozene, se maldizendo e resmungando. Na certa andava bebendo. Vontade de lhe dizer coisas amargas: que os males apanhados na rua, na rua devem se curar. Mas calava. Respeito por êle. Sentimentos para além mais fortes obrigando a língua a silenciar.

Seu Manuel remexheu tudo

procura do dinheiro. Estava lembrado de ter metido no bolso das calças, no dia anterior quando fizera uma boa venda no mercado. Os legumes estavam dando bem. Por isso êle quizera fazer aquela surpresa á mulher, falara em querozene para disfarçar. Êle ia era comprar uns pregos para fazer o armário. Armário Jonado que só agora podia oferecer a dona Benta, velha promessa com palavra de homem que só agora podia cumprir.

Ela nem suspeitava. Vá que o armário não lhe saía nunca da imaginação, era verdade mas habituara-se a fazer valer menos suas vontades. Só pedia mesmo o que fosse necessário para todos. E sem o armário passava-se. Não que êle não fizesse gêrto. Mas havia outras coisas. O querozene por exemplo, êsse sim não podia faltar. Agora seu Manuel perdia o dinheiro. Não queria dizer nada para não aumentar a arrelia dêle, azucrinada que já estava com a lenga-lenga do marido.

Agora seu Manuel era quem não se conformava com uma coisa dessas. Dinheiro trabalhado duramente, com que conseguiras só êle sabia e logo então o dinheiro do armário que até parecia azar que lhe dava desde o sentar, sempre atalhando seus passos logo que êle se dispunha a cumprir a promessa. Seu Manuel se perguntava não seria aquilo a maldição

do padre se abatendo ainda sobre êle, sobre os seus. Gostaria de tornar a ver o padre, cobrar-lhe umas contas atrasadas que aquilo não era coisa que ~~fo~~ se fizesse. Em nome de Deus então... Logo Deus, que seu Manuel achava estar muito bem lá em cima, se apoquentando tanto ou tão pouco com essas mesquinharias do mundo que ~~pouco~~ nem se lhe dava. Ainda se fôssem os santos, os santos não eram gente? Aí estava santa Eulália, poderosa como poucos, ainda bem viva que até um homem podia tocar-lhe e logo saía curado. Padre duma figa! Que tinha êle, Manuel Chato, com as estrepolias duns desalmados? Gostaria de tornar a vê-lo...

E nada do dinheiro. Seu Manuel não quiz ~~falar nada~~ para que era o dinheiro. Mas, pela primeira vez desde que dona Benta o conhecia, soltou uns palavrões amaldiçoados que até ela se benzeu. Como tinha perdido aquele dinheiro? Uma suspeito começava a tomar conta dêle. Pois não estivera com tantos? Gente que mal conhecia. Pró mó de pagar umas taxas na prefeitura. Numa confusão daquelas era fácil um homem se apossar do alheio.

- Filhos da...! Ladrões! Sacanas de merda! Logo o dinheiro do armário...

Emburrou todo o santo dia. Calado a um canto, escarafunchando o pé. Incapaz de uma fala. Uma raiva crescendo nêle, o tomando todo. A suspei-

aumentando. Pois como iria êle perder o dinheiro. No caminho? ~~Pegou~~ Se Abalou-serra a baixo, fora de si que ia, mesmo que o dinheiro ali estivesse como iria encontrá-lo? Voltou pela noite, derreado. Deitou-se sem dizer nada. Moendo arrelias.

Francisco entendeu tudo. Não durmiu. Esperando a hora. Dá se ia o cinema pro inferno. Malagueta ficaria sem ~~to~~ o seu açucar, mas estava certo de que ~~se~~ explicando direito ~~as coisas~~ o jumento entendia. Pacharreco não, era muito pequeno para compreender as coisas.

Céu escuro, pai e mãi dormindo, Francisco esqueirou-se. Sombra das sombras na noite, o coração afoleado. Uma alegria boa se derramando nêle. Que valiam as suas alegrias se não fossem alegrias de todos? Não queria êle dividir com o jumento e o bacorinho sua festa? Pois ali estava uma coisa maior. Consolo do pai desalentado, consolo de dona Benta. Certo os tichos se alegrariam também.

Amanheceu.

Seu Manuel levou a mão ao bolso, ia zangar-se com êle mesmo, pois como diabo não vira aquilo? Chamou dona Benta; dona Benta nem falou, seu Manuel sempre com seus escajeros. Mas ali estava. Mais ainda que o dinheiro perdido. Como então? Não sabia. Sabia era que dona Benta ia ter o armário.

Estudo
10.6.50

IX

A sanfona rasgou a noite maravilhosa com o andamento alegre de uma rancheira que falava de amor. O amor se alastrou vermelho pelo coração dos homens, era uma chama subindo como a das fogueiras e aquele marulhar dos acordes despertava o corpo, os pés começavam se balançando, os olhos presos nos olhos, depois a gente se prendia dançando uma dança que ia até de ~~manhã~~ madrugada pois ainda tinha de se soltar a fogueira, comer ~~a espiga de~~ o milho verde, provar o alubá...

Noite coalhada de estrelas como notas de prata da sanfona presas no céu de junho, sereno como um rio. A recordação dos velhos se espraiando pelo tempo passado; ~~uma~~ os mais novos esquecidos de tudo só aquela chama vermelha da paixão ardendo como as fogueiras sem conta que pareciam estrelas também acesas naquele céu pendido dos encostas da serra.

Coração do povo sem limites, resistindo a tudo. O mundo lhe mandando amarguras, severidades, tormentos, êle capaz de fazer dêsses tormentos suas próprias alegrias, sempre disposto a povoar a vida amarga com sua festinha, seu ar-

rasta-pé ligeiro, amar da terra feito
música e dança, fermento do mundo pode-
roso, repartida igualdade de miséria
sem revolta, pão nosso de cada dia com-
prado sobre Deus com que esforço, o
corpo se vencendo na desesperança e
o coração ávido de alegria, de alegria co-
mum no mundo de todos.

Os homens da cidade cada vez
mais vencidos. Os ricos atroz de suas
riquezas, os pobres amarrados às cadeias
da necessidade e sem lugar para se
expandiram seu grande peito humano,
vida avara.

A gente da serra ao contato
mais lírico da natureza, defendendo me-
lhor sua riqueza humana. Cara in-
capaz de lágrimas mas aberta ao riso,
gesto de irmãos, fala de irmãos. Pobres
irmãos sem nada que dar um ao outro,
desprotegidos todos, todos conformados.

Agora não. Agora é tempo de
se esquecerem todos as amarguras. Co-
ração desaustinado em procura daquilo
que lhe negam. A voz da sanfona voltou
a ser triste no ar macio da noite gran-
de. Oferecidas, apenas as estrelas, no céu,
longe do alcance dos homens como as
miragens que chamam os homens e cada
vez mais se distanciam deles. Como a felici-
dade fugindo do povo. A música triste
acesa na noite, uma voz de melancolia

se perdendo nas furnas da noite, triste como a vida daqueles homens, sempre certa só a incerteza nos caminhos escuros do mundo.

Porque chora assim a sanfona? Parece uma voz de mãi desesperada se lamentando, os longos cabelos desgrenhados, os olhos secos de pranto exausto, o coração latejando angústias. Sombra amarga de um povo sem raízes! Hoje aqui, amanhã deus sabe onde. As estrelas lá em cima muito acesas, pisca-piscando, brilhando inutilmente sobre a terra sem olhos para olhá-las. Pobre mundo!

Porque chora assim a sanfona? Chora por todos a dor comum, uma lástima que vem do tempo sem nome, perdido lá nos meandros da memória. Coisa que vem de avós para pais, para filhos, para netos. Maldição inmerecida do povo cujo trabalho é um alimento e a maior. Unicas riquezas repartidas sem avareza: a dor e a miséria.

Passa uma asa negra no coração dos homens. Saltam na recordação os fantasmas pavorosos do tempo maldito. Coração pequeno só de lembrá-lo, vulto negro da seca murmurando a vida do povo. Aquela vida sem limite, apesar das angústias, rasgando os veus da tristeza, coração maduro do povo se abrindo na rosa da alegria!

Esquecer. O passado, passado. O futuro, deus quem sabe. Agora cabe é cantar, doncar êsse chote que o compadre Agostinho arranca da sanfona e mede com a gente que os pés começam se balanceando, os olhos presos nos olhos, o amor se alastrando, vermelho, no coração dos moços, chama ardendo como a das fogueiras até de madrugada. As estrelas como notas claras da sanfona presas ao céu de junho sereno como um rio...

Seu Manuel passou no povoado pra comprar umas coisas. Olhou a dança um minuto, tempo de cumprimentar o compadre Chico Lopes. O povo estava agora rodeando a fogueira. A sanfona calara. Enquanto Chico Joaquim ensaiava uma contiga para São João os moços convidavam os mais velhos para serem seus padrinhos da fogueira. As moças e os rapazes contratavam noivado à sombra do santo. Amor protegido pelo santo quantos vezes se acabando no pé do altar ou, quando menos, do "zeiro novo" como dizia o cego cantador.

São João disse
São Pedro confirmou
que Julaus havia de sê meu padrinho
que Jesus Cristo mandou.

Afilhado de São João, afilhado de verdade. São afilhado como o de batismo. Batismo êsse novo, de graça e tambem cob os vistas de santo que era quanto bastava. O amor fazendo suas sementeiras que pois

São João disse,
São Pedro confirmou,
que fulano havia de ser meu noivo
que Jesus Cristo mandou.

E são assim os noivos, os compadres, os afilhados e mais os cravos, as rosas, todos sinais de amizade grande da gente simples na noite encantada.

Seu Manuel aperta o passo. Em casa dona Benta e Francisco o esperam para acender a fogueira. Pensa em mil coisas, no caminho. Noite bonita. Estrelas no céu, alegria no coração. A casa apurada, até o armário em seu lugar. Dona Benta satisfeita. Assim era a vida. Não viera êle Manuel Chato como bicho perseguido, fugindo á maldição, desolado, em busca de qualquer lugar onde pudesse lutar ainda ou então cair morto, êle e os seus, como afinal caira Ruquina, vítima daquelas febres donadas que nem se lhe sabia o nome? Pois ali estava o novo filho tomando o lugar do outro, um menino atilado, capaz de muita coisa que nem homem feito; a mulher satisfeita pois tinham sua casa, seu roçado, seu

criação, seu Manuel dono de seu mundo, até Malagueta possuía agora, um jumento que enchia os olhos de todo o mundo. Pois então era justo que se alegrasse com a vida. A noite madura de estrelas como trigo luminoso semeado sabia-se lá por quem. Por Deus? Quá não, deus lá se metia com essas coisas, algum santo na certa como Santa Eulália...

Bom recordar as coisas boas lá do sem-fim da memória. Noite de São João também quando êle tinha descansado o olhar nos olhos de Dona Benta. Naquele tempo era ela moça menina capaz de enfeitiçar qualquer um, logo preso de seus encantos, mas também recatada ao ponto de não haver quem lhe conseguisse um sorriso que fôsse. Pois naquela noite de São João, tantos anos fazia que nem mais êle se lembrava, Dona Benta lhe sorrira um sorriso lindo como seu rosto moreno, onde os grandes olhos negros o chamavam de um gesto que não podia se conter. Ali mesmo aquela noite saltaram os dois a fogueira se prometendo noivado, brincadeira sem malícia mas que acabara se fazendo realidade pouco tempo depois. Fosse lá o que fosse, que nem todos os poderes se conhecem, certo é que se prenderam os dois com umas cadeias que só a morte conseguiria desatar.

Fora uma noite assim, com o mesmo céu tinhido de estrelas, sereno como

tantos

água do rio ~~parado~~ sereno. Que nem êle estava envelhecido nesta noite. Antes lhe parecia que o coração daquele Manuel dos anos passados continuava sem mudança. De nada valia a incerteza do mundo, os anos amargos que a vida lhe dera, primeiro a êle só, depois aos dois, a asa da morte lhe roubando os filhos, ainda teiros uns, já maior o outro. Lá estava a cruz indicando uma vida desarvorada e ásperas que êle queria morta para sempre, sem retorno. O coração quiz se apertar mas agora não era tempo de tristuras. Por isso afastou a tentação.

A sanfonia rasgava alegre a noite profunda.

A chama subindo, espalhando um calor bom pela noite fresca, calor que batia no rosto, que batia no coração. As recordações de dona Benta desfejam todas num mar de orações, rezas que a mãe lhe ensinou quando era ainda miúda, deste tamanhinho. Tudo longe, como a música que chega do povoado, mais longe ainda, um murmúrio leve, um cício como o do vento nas árvores. A reza se misturando com os pensamentos, os pensamentos conformados, lentos, escorrendo pela noite como os láguimas pelos olhos.

De repente a figura de seu Manuel está na sua frente. A chama da fogueira incendeia-lhe o rosto. Está maior

é alguma coisa de mais sólido na noite. Uma confiança se acende em seu peito, os lágrimas parám de descer. Leva o banquinho mais para junto dele. O homem é tudo para ela: certeza nos incertezas, fôrça de desprotegidos, casa dos desabrigados. Está agora junto dêle. Seu Manuel está maior esta noite - está de seu verdadeiro tamanho.

Francisco leva o espêto ao fogo com as espigas de milho verde. Milho gostoso bem assadinho, com aluhá. A chama na sua frente brincando de mil coisas engraçadas, figurando bichos, árvores, nuvens. A imaginação se perdendo pelos caminhos da noite. Fantasiando ~~coisas~~. Aquelas imagens vistas no livro ilustrado do filho do Cadeguerro se animando, saindo vivas da fogueira. Manobradas pela imaginação do menino-homem, tão mais velho que sua idade e entanto preso sempre aos sonhos da infância. As imagens maravilhosas parecem querer chegar-lhe próximo, dizer a seu ouvido algum segredo que vem da noite maravilhosa, da estrelas perdidas, daquela música distante.

O menino de azul, quem será? Francisco não pode saber. Talvez o amanzinho morto de que a mãi sempre fala. Talvez alguma estrela baixando na serra, ou o acendedor das estrelas. Certo alguem,

alguem que quer falar-lhes. Que virá dizer? Falará do inverno bom para o ano seguinte, seu Manuel e dona Benta satisfeitos, a vida correndo sem atropelos? Como saber, se já a sombra se dissipou. Agora em sua frente há apenas o fôgo, o fogo que levanta sua chama bem vermelha como um coração, as labaredas vivas se levantando temosas, batendo o clarão no rosto do pai. Pai enorme como árvore agazalhando a família. Saindo maior da noite profunda.

A lembrança da malagueta e Pacharreco vêm agora à tona. Francisco queria o jumento ali com êles, queria o bacorinho no colo, amigos que ambos eram da família. Vontade de perguntar a seu Manuel se não podia trazer-los para ali, junto da fogueira, ouvindo também o estalido bom dos galhos secos ardendo, sentindo o calor manso da chama. Mêdo dos ralhos do pai perdido em suas cogitações. Mêdo de atalhar os pensamentos deles! Respeito por aquele silencio que vinha também da noite e deixava apenas ouvir a zoada dos grilos e o rechinar do fogo de onde saltavam mil fagulhas vermelhas.

Por isso cala o desejo enorme de ir buscar os bichos — toda sua riqueza. Se perde contando as estrelas, cuidado para não apontar nenhuma não vá nascer a verruga no dedo. Conta pequena a de

Francisco, logo os números se gastam todos, fica só aquela poeira luminosa em conta dos caminhos do céu. Umas mais luminosas, outras menos. Casas de ricos, casas de pobres. Ou apenas fogueiras de São João acesas no mundo lá de cima que nunca se apagassem. Alguma teria outro menino pobre como êle, os dois se olhando, entre ambos o impossível, a noite silenciosa e longa. Teria êsse outro amigos como Malagueta e Pachurreco? Talvez não tivesse. Uma tristeza toma conta de Francisco, se houvesse uma ponte levaria seus amigos até lá, até aquele outro ~~infeliz~~ menino mais infeliz ainda. Se pudesse.

O fogo se consumindo, se acabando à medida que a noite avança. Bonge a música da sanfona como um chamado ora de alegria ora de tristeza rosgando os caminhos da serra, acordando a innumerável fauna secreta da floresta, acordando a própria alma da floresta cruzada de assombrações e presságios. Corpo fraternal das árvores se imolando para consolação dos homens.

Já cessaram as danças, os casamentos, os batisados de fogueira, todos se quedam escutando Chico Joaquim, andarilho e cantador, bicheiro do povoado, voz do povo nas rimas ajustadas.

Seu Manuel entregue a seus cuidados. Insistente em seus ouvidos uma melodia triste, a que melhor se gravou em seus ouvidos. Presságio. O fogo se finando como um moribundo. Só a noite, o silêncio, as estrelas distantes. O coração assustado mas cala. Não quer estragar a noite. Pensa em Dona Benta, pensa em Francisco. Ambos o que precisam é de alegria. Sobretudo o menino. Nada mais poderá dar-lhe. Joga fora a última espiga de milho. Aquele peso sobre seu coração!

Dona Benta calada. Rezando sempre. Rezas compridas aprendidas da mãi. Quanto tempo faz nem ela sabe mais, tudo confuso lá no fim. Recordações. Reza por todos. Para que seu Manuel seja menos amofinado, pelo filho que deus proteja, para que não venha nada ruim sôbre Malaguela, reza até pelos bacorinhos, para que todos se sabem. O fogo se apagando, as chamas perdendo o calor, a noite calada. A alegria nos restos, morrendo com os labaredas. Amanhã o trabalho de novo, verdadeiro pão nosso de cada dia. O futuro, escondido. Melhor não pensar.

Francisco se esgueirou ~~se~~ pela noi

te a dentro. Nenhum dos dois reparou. Uma espiga na mão para Malagueta. O jumento acordou com o estalido dos galhos, levantou para receber o amigo. Francisco contou a Malagueta porque não viera chamá-lo, medo que seu Manuel ranzinzasse. Malagueta compreendia, os olhos mansos rompiam a noite como um agradecimento. Francisco foi no curral e trouxe o Pacharreco. Agora a felicidade era completa. O porquinho não quiz o milho. Ficou satisfeito com apenas o deslizar da mão amiga sob seu lombo luzidio. Grunhio à falta de palavras. ~~[illegible]~~ Chamou-a. Recolheu-se. Adormeceu de seguida.

Seu Manuel olhando a noite. Uma tristeza grande se espalhando no peito. Vontade de desabafar com a mulher. Vontade contrariada, medo de apaquentá-la. Olhou a fogueira. Nenhum fogo mais. A noite grande, funda, assombrada. Uma nuvem corria no céu escondendo os estrelas. Mau premúncio. Aviso sombrio. O coração pequeno, a vida ameaçada. Noite de São João se acabando. Asa negra do futuro assombrando o caboco.

Estevão

14.6.50

X - Domingo

A princípio aquilo lhe feria fundamento o coração, lhe dava nauseas de si próprio. Depois ~~[illegible]~~ fôra se tornando um hábito, à custa de repetir-se e nem de leve lhe feria, se não de quando em vez, a alma calejada. Porém em certas ocasiões, assim como o aniversário da mãi, ficava possuído de um duro remorso que só acabava quando o alcool acendia loucuras em seus olhos raiados de sangue.

Nesse dia saía logo de manhã cedo a colher um ramo de flores e arrumava uma vela para acender diante do retrato da velha mãi que conservava sempre, já amarelecido e gasto e nessa data cobria das cores mais vistosas que sua mão colhera nos campos. Era a última devoção... Do menino que se perdera, tantos anos fazia já.

Que restava dêle? Apenas os olhos mansos, mansos ainda apesar das raiazinhas de sangue que os desfeiavam e lhes davam certa amargura; apenas o sorriso de certas horas, como quando estava com Rosinda e deixava voltar à tona o coração doce e suave que a vida perverteria ásperamente. Tudo o mais se fôra. O rosto cansado, pendia para o chão amargamente, cortado de rudeza e vincos de uma velhice precoce, o cabelo rebelde e desalinhado, uma

tosse irrompendo surda e abafada entre os bafurados do cigarro. Ninguém que o tivesse visto antes do desastre o reconheceria agora. Apenas junto de Rosinda, brincando com o rosto miúdo da companheira os olhos tinham aquela antiga luz mansa e o sorriso despertava nele o morto menino Silvério...

Silvério do avô que fôra graduado na polícia e orgulho da família interna pelo garbo nas manchas, empertigado comandando seu troço de gente com a espada em posição de sentido.

Por isso Dona Amância quizera que o menino, tarde chegado a seu lar feliz e pobre tivesse o nome do avô. Parecia-lhe isso um bom augúrio e para que tudo corresse bem na vida ao filho de seu coração, encomendara mesmo a uma senhora devota a novena de S. Silvério que passou a rezar afincadamente.

Seu Pedro concordou porque sempre achava boas as opiniões de Dona Amância e ademais lhe parecia melhor se chamasse o filho de Silvestre do que Pedro, pois afinal o avô chegara a oficial de polícia e êle não passava de um funcionário sem categoria da companhia de bondes, sempre devendo a êste ou aquele, sempre encabulado com suas parecisões, dobrando o canto para não esbarrar no merceeiro, receoso de ouvir palavras amargas para as quais não teria defesa maior que ~~[illegible]~~ silêncio amarrotado.

Afinal, um sargento de polícia sempre tinha ~~pelo~~ quando menos o respeito medroso de quantos o cercassem e, mesmo devendo contas de dois mezes, não precisava dobrar os cantos, esquivo, pois teria a saída-lo não reprimendo severos mais cumprimentos senoiçais. Por isso achava sensato se desse ao menino o nome de Silvério...

Seco, amargo, limitava todo o embevo que sentia pelo filho inesperado a curtos debruçamentos sobre o berço. A mãi essa se desdobrava em carinhos e ternuras. Do menino foi crescendo, forte e protegido, até ser um belo ~~garoto~~ rapaz.

Orgulho do pai que o via ~~o menino~~ progredir rápidamente na escola, sempre entre os primeiros, orgulho da mãi que o amava assim estudioso, bem mandado, amigo, como se a boa sombra de Silverio avô o estivesse protegendo e resguardando, como se Silverio o tivesse sempre sob seus olhos vigilantes.

Apenas uma coisa ela não conseguira ~~nunca~~: que êle não se abalasse aos domingos para jogar nas pelados com os companheiros de sua idade e entre os quais ganhara fama de campeão pela rapidez e habilidade. O pai que sempre tivera um fraco pelo futebol, passava a mão apaziguadora sobre os enfezamentos maternos, que mesmo dona Amância não via no caso crime algum, apenas seu coração ~~materno~~ solícito se enchia de cuidados, se angostiava por vezes quando, o renhido da partida levava os dois bandos a não se entregarem senão

quando a noite já se apressava...

Aos doze anos concluira Silvénio a, curso primário com as melhores classificações. No ato da entrega dos diplomas, seu Pedro e Dona Amância desbordavam de alegria mal contida que brilhava nas lágrimas fartas a escorrerem sob os rostos já envelhecidos. Seu Pedro muito entalado numa roupa antiga, cheirando a naftalina que a mulher fora desencantar no fundo do bau.

Depois viera o primeiro emprego ao balcão duma loja de ~~pano~~ fazendas, com o que começara ajudando em casa, sempre afeiçoado aos pais, especialmente a Dona Amância que continuava vendo nele o menino ~~que fora~~ de então. Apenas permanecera sempre nêle aquela paixão da bola que o atraía todos os domingos.

Fora então, quando pelo corpo robusto se diria já um homenzinho que se dera aquele lamentável êrro que iria modificar toda a sua vida. Era domingo e a peleja dessa tarde estava particularmente rude, pois de cada vez que o seu bando avançava na contagem logo os contrários respondiam em cargas cerradas e desmanchavam a diferença, quando não se avantajavam êles mesmos em vencedores. Silvénio jogava como um leão, estava em toda a parte, se desdobrando com aquela sua fibra que se tornara famosa entre os companheiros. Se dizia mesmo à boca pequena que já um dirigente do melhor clube da cidade se abalara para ir vêlo jogar e andara mesmo dirigindo propostas. Mas Silve-

rio amava era aquela brincadeira livre do menino que ainda era, gostava de jogar na praça onde sempre jogara desde a infância e achava uma loucura que se ganhasse dinheiro para uma ~~brincadeira~~ ~~como~~ daquelas.

De repente o Manquinho, aleijado que sempre dirigia ao partidos do grupo, assim se consolando de não poder entrar na liça, deu sinal para descanso. Todos se atiraram no chão, descalços, sem camisa, gozando a relva boa e macia. O suor escorria da testa, o peito arfava de esforço. Silverio matutava um geito de burlar à defesa contrária. Foi quando alguém gritou:

— A polícia!

Todos abalaram numa correria. Silverio ficou, deitado no chão, gozando a sombra amiga dos árvores copados. Chamaram de longe, os medrosos:

— Ei, Silverio!

Êle nem ligou. Que mal lhe faria a polícia? Não tocara em ninguém, não roubara, pois então não era êle quem devia temer. Na cinta algum meliante se aproveitara do alheio e a polícia dava em cima. Apertou displicentemente a camisa, enfiou os sapatos. De repente um grupo de policiais dobrou a ~~esquina~~ esquina e avançou sobre êle. Quiz fugir mas era tarde, os cantos estavam bloqueados. Foi então que surgiu atrás dos guardas uma mulherzinha faladeira, brandindo o dedo em espada:

— Foi êle que eu vi, foi êle!

O chefe de polícia era um homem gordo, de testa curta de imbecil, tarraco e mastigava um grosso charuto. Ripinpados em cadeiras de couro, os investigadores se regalavam do atrapalho do rapaz: nesse ponto o homem gordo grunhiu:

— Como é teu nome?

— Silvério!

— Silvério, hein! Silvério mesmo?

— Silvério, sim senhor, — respondeu o rapaz meio atarantado com tudo aquilo. Que diabo queria toda aquela gente como ele pois, então já era crime bater bola num descampado, bem ali no fim da cidade que nem se apoquentava ninguém com isso?

— Então seu Silvério que andava o senhor fazendo? — perguntou entre uma baforada o homem gordo.

— Batendo bola...

— Han, batendo bola! Vejam só! — disse voltado para os investigadores — batendo bola... e todos romperam numa grossa gargalhada.

— Eu estava mesmo batendo bola, senhor... Pode perguntar ao Lucas, ao Rui, ao Congo, a qualquer um dos ~~[illegible]~~...

— Pois a testemunha viu o meu amigo saindo da casa de onde foram roubadas as joias. Ela disse "é um rapaz de camisa azul, alto," e quando te viu foi logo dizendo "é êsse." Foi ou não, Ruivo?

— Mesmo, chefe.

A cabeça de Silvério começou se estonteando. "Êle ladrão? Estavam loucos! Para que diabo queria as joias?" Vontade de socar aquele homem estúpido que tinha na sua frente. A raiva crescendo em ondas, lhe congestionando o rosto. As mãos se crispando, os dedos enterrados na palma da mão...

- Fala ou não fala? Fez o chefão, mordendo o charuto.

- Mas eu não roubei coisa alguma, protestou o moço, a cólera já lhe fazendo as palavras se entaramelarem na boca...

- Há, há, há o valente mentiroso, vejam só. Êste vai longe! Aposto que não tem vinte anos e já anda na vida... Fez uma pausa e depois avançou até quase esbarrar o rapaz agressivo:

- Vamos diz logo onde metesté a joias. Não temos tempo a perder com gente da tua laia.

Silvério mordia o ódio e calava. Então o homem gordo chamou um dos investigadores que se refastelavam nas poltronas e falou baixo alguma coisa em seu ouvido. O outro fez: - Hum!, e saiu arrastando consigo... Silvério.

Enveram-no de pancada para que confessasse. Até cair sem sentidos. Deixaram-no sem comer, morrendo de sede. O corpo cheio de marcas roxas das borrachadas, meio despido sôbre o chão húmido.

A cabeça lhe zunia, sem pensamentos acertados, antes eram coisas sem nexo

que remoía o moinho dos pensamentos. As pancadas doendo sempre mais, a intermitências se agarcando como facadas sobre a carne moída. Então soltava gemidos angustiados. Por vezes sentia os sentidos fugindo até cair de novo numa grande prostração.

No terceiro dia confessou. Disse que fora êle, quem roubara as joias mas se atrapalhara ao fugir da casa e certamente as joias tinham caído. Todo mentira, queria apenas livrar-se daquele horror. Quando saiu da cadeia não era mais o mesmo. Como ideia fixa, a vingança se gravara em seu coração. Viveria para isso. Aquele nome não o largava. Fora o Pimenta quem o massacrara mais, como se sentisse prazer em castigar-lhe o corpo. Se vingaria.

A notícia saiu no jornal e o patrão o dispensou. Ninguém quiz aceitá-lo. ~~Mais~~ Isso o desesperou mais ainda. Se vingaria.

Se vingou. A mão enraivada brandiu fundo o punhal, feriu, cega até que o sangue espirrasse daquele coração de miserável que sem piedade castigava a carne de seus irmãos, sem piedade e até mesmo com uma satisfação doentia. O homem morava fora da cidade, numa solidão de bicho, à espera dos companheiros noturnos em que saciava a carne de besta fera. Aquela noite também êle esperava a Adélia que deixara o marido no pesado trabalho noturno da ~~guarda~~ limpeza das cal-

deiras da fábrica, de onde saía, estafado, a pedir um abandono repousado, esquecido da mulher...

Por isso não extranhou os passos ~~que~~ quebrando a noite muda. Antes sorriu um riso de gozo antecipado. Refastelou-se mais na cama fofa e perguntou:

— Que demora é essa, Kem?

A resposta lhe veiu. Do portal afiado rasgando a carne torpe. Seus olhos se esbugalharam de terror e assim ficou para sempre sem braços que atraíssem mulheres à desonra ou massacrassem os corpos dos companheiros.

Silverio caiu, arfando, sem arrependimento. Sabia que a injustiça continuaria — aquele porém nunca mais ~~seria~~ serviria de braço miserável.

Fôra êsse o primeiro passo, o mais difícil; os outros se seguiram, mais ligeiros, rompendo aos poucos o fôrro de conceitos que prendia a conciência. Os companheiros o chamavam, o prendiam em suas tramas, lhe faziam promessas. Pilhado em furto, fôra fichado na polícia e então resolvera abalar da cidade para onde não o conhecessem. Saíra pelo mundo se envolvendo cada vez mais em dificuldades, se insensibilizando a cada dia que passava, mortos cada vez mais em si os conceitos que anteriormente o guiavam.

Rolara pelos caminhos mais escusos, envolto em safadezas, em marretagens,

em furtos, animal tocaiado, sem pouso nem repouso, vivendo onde calhava e como acontecia de poder viver.

Quando as coisas peoravam, quando a miudade da vida atingia os limites se mergulhava na bebida, até tombar em qualquer vala, esquecido de ~~tudo~~, distante e sem pesos na consciência. Maltratado, o corpo de vinte anos envelhecera rapidamente e as rugas, a amargura do rosto, o abandono do corpo banzo, a tosse que irrompia de quando em vez, tudo o fazia velho de quarenta anos, quarenta anos quebrados.

Rosinda o viria num dia em que seus olhos de menino brilhavam de novo com aquela graça antiga e o sorriso acendia os vinte anos perdidos, um sorriso largo e manso que convidava à amizade, a todas as coisas boas.

~~Os garotos~~ Entre os garotos afobados na disputa êle espraiava a alegria antiga, alegria do mestre que sabe medir um passe, enganar o adversário, rasgar uma defesa, fazer um gol. Jogavam dez contra cinco, já, que êle era homem feito e os demais rapazelos, e seu bando levava já boa vantagem.

Dir-se-ia que nesse dia Silverio era maior que êle mesmo pelo reencontro com a meninice. Estava maravilhoso de precisão e agilidade. ~~A tosse~~ Fora-se a tosse e seu corpo inteiro dançava de contentamento. Rosinda se extasiava diante daque homem

que viera ninguém sabia donde e estava ali entre os garotos, rindo de alegria. Não sabia porquê mas ~~seu~~ coração de menina se alegrava e bater apressado quando, encabulado, o estranho fixou os olhos nela e riu ainda mais, confuso de se ver contemplado por tal beleza.

No fim do jogo êle se sentou no chão. Os pequenos tinham partido. ~~Tinham~~ Ficaram se olhando, indecisos. Por fim a moça se encorajou e sentou-se a seu lado. Êle brincava com a grama, silencioso e sem coragem para levantar os olhos. Mas o coração estremeceu quando fitou a ~~moça~~ companheira.

Saíram juntos. Viviam juntos.

Ela trabalhava numa fábrica, era sozinha no mundo. Dera um passo em falso mas não se perverteira. No fundo de seu coração a pureza ainda era uma flor para ser colhida. Isso ~~lhe~~ dera remorsos. Afinal não era uma mulher à toa. Teve vontade de confessar-lhe tudo. Depois pensou se não iria magoá-la...

Sim vivendo. Ela ganhava ~~o que~~ a miséria de que viviam, êle fazia seus biscates, como calhava. Buscava uns cobres no trabalho que houvesse. Na última pobreza em que estavam a felicidade lhes cabia com uma prodigalidade compensadora. Os meses se passando a vida sorrindo. Aos domingos Silvério ia bater bola com os ~~moços~~ garotos cada vez jogando melhor, com mais rapidez nos dribles, com mais fúria nas arrancadas. Jogava para Ro-

e o desculpava com todos:
- Inimizades... Perseguições... Mesquinarias - dizia,

Sinda.

Um dia tanta felicidade brotou em seus coraçoes que o ventre de Rosinda começou abaulando; se entumecendo, anunciando a novidade. Resolveu-se a procurar um trabalho mais certo, já pensando no filho, já tudo encaminhado quando ~~um dia~~ deu de passar na cidade um dos ~~moesti~~ delegados que o prendera. E logo ~~esp~~ soltou aquele fula maldosa que se espalhou pelo povo:

- Êsse Silvério eu conheço, é um ladrão.

Perdera emprego. Deixa para andar esmurecido. Rosinda não acreditava mas o pensamento do filho atormentava-o sempre... ~~Eu isso furtava o pobre~~ Os meses se passando, a mulher mal podendo já trabalhar...

Naquele dia se recordou da mãi. Fazia muito tempo já que não dava notícias. Saira dizendo á velha que ia para São Paulo, em procura de ~~um~~ emprego, que um amigo seu lhe arranjara. De quando em vez, quando sabia de alguem que fosse a S. Paulo escrevia uma carta anunciando boas novidades, para que o amigo a remetesse de lá. Assim enganava a boa velha. Agora o Justino Barbeiro ia ao Sul. Se abalou a ter com êle, o coraçaõ angústiado que a mulher fora despedida sem mais aquelas da fábrica pois mal podia já andar. Explicou para o Barbeiro, o bom homem riu com as lágrimas nos olhos. Também ia ver sua mãi. Compreendia tudo. As lágrimas lhe rolavam na face miuda...

E não podia mais. Dentro de alguns dias a mulher descansaria e só tinham uns trapos para o menino.

- Vai se chamar Pedro - propuzera.

Rosinda confirmou:

- É um nome lindo!

Por isso levara o dinheiro do pobre Manuel Chato. Olhando bem o homem seria menos necessitado que êle. Aquilo lhe pesava no coração mas não havia geito. Era para o menino. Logo que nascesse se abalaria com a mulher para outra terra, a procurar trabalho honrado. No caminho de casa remoía êsses pensamentos amargos. A cabeça caída, as lágrimas se escapando pelo rosto duro. "Não, a vida não tem piedade" se disse e chutou a ponta do cigarro. Apertou o passo. Em casa estendeu a cédula à mulher e foi dizendo:

- Hoje acertei no bicho!

Rosinda se abraçou com êle. Depois afagou o ventre ~~pejado~~ pejado, e com os olhos rindo de felicidade:

- Dá umas camisinhas!

Sandenatribuni

1 a. 5 [illegible]

SEGUNDA PARTE

X

O pé quetado batia no chão seco. O calor do chão escaldava. Trazia pensamentos desolados. Arrefentava as energias, amolecia o corpo, desalentava o coração. Os galhos secos das árvores, ressequidos, se levantavam ao céu como esqueletos de enforcados. Apenas o vulto tenuoso do Mondacarú emparelhava com o do homem, únicos resistindo à desolação geral.

Doia nos olhos a luz violenta, doia na carne o esforço, doia na alma o desespêro. Os bandos de urubús voavam lentos no céu, espreitando... Os animais desesperados procurando o pasto que rareava. Pacientes, ruminando a própria baba, os bois ficavam parados na tarde imóvel, como se uma sonolência de morte os obrigasse àquilo. Os homens também tenuavam. Tenuosia inútil. Cavavam desespêro. O suor correndo em bagas pelo corpo, o desalento escorrendo pela alma. A vista tremendo na luz impiedosa. O próprio ritmo da enxada sem esperança, cavando como se fora um túmulo. As mãos calosas, rudes fugindo daquele gesto. Vontade de atirar tudo ao chão e sair andando pra uma sombra. Estirar o corpo no chão. Cair no sono. Fugir daquele pesadelo turvo. Desertar.

Tudo crestado. A terra ressequida,

nua, apenas as herbas más crescendo entre pedras. O pé quetado/bate no chão seco. O calor sobe pelo corpo escaldando.

Seu Manuel conhece bem aquilo. Por isso seu coração se arrefenta, o mundo foge de seus limites. Os olhos demoram no chão, a coragem escapulindo pelos frinchos da alma. Tonteado. Adivinhando o perigo e sem saber fugir. Lhe, antes tomando conta dêle a desorientação. Bicho espavorido, sem norte, acuado na vida. Procura se despertar com apelos a si mesmo, "Ei, homem", tudo vão. Os próprios apelos se perdem, falta-lhes consistência. Antes mesmo de serem feitos. Vem de mais fundo o desalento, a inanição, o coração duro como pedras, a vontade apagada, os olhos perdidos na vastidão...

Foi aquela assombração, lhe dizendo coisas negras, primeiro. Fasta mais forte da noite falando de temores. Temores guardados no peito oprimido pelo receio de falar, para não fazer eco no peito daqueles a quem amava. Coração prentado, desbordando angustia silenciosa, o pensamento sem paz, incontido, farejando uma saída airosa para aquela assombração...

A enchada resvala no chão duro como pedras, o suor escorre pela testa, a fronte lateja de canseira e

e favores. De tão repetido o gesto de cavar a terra, dorso levantado para logo se abater todo sobre os braços retesos sopesando a enxada, começa amolecendo as energias e a vontade. O corpo ficando lasso, a vontade vazia, que já só uma fôrça inconciente obriga a repetição cansada. Hum... Hum... Mas já os braços não obedecem como se aquela incerteza dos pensamentos fosse também dêles. Tudo agora é lassidão.

Ano após ano aquela tarefa repetida e sempre havia sobrado a coragem. Terra magra, sem substância, rocado que se fizesse logo a esgotava, e já os homens a tinham remexida, os capeiras atestando pobreza. Hoje aqui, amanhã mais adeante, contando não faltassem energias, e o tempo ajudasse, para isso era um homem. Aí estavam os resultados - sua casa, seu curral com o jumento, a criação de dona Benta, uma honta que produzia seu dytão de verduras, enfim o bastante para viver que mais seria luxo.

Tinha provado que era macho mesmo. Quem duvidasse viesse ver. Chegou naquele lugar feito um desenfado e ainda por cima aquela maldição do padre o enchendo de receios, o menino perdido para logo se acabar, dona Benta fejada, amortecida, sem esperança, rezando suas ladainhas que nem dava troco numa conversa.

Êle mesmo com a alma pequenina que para falar verdade nem sabia que forças o tinham empurrado pra frente. Macho mesmo! Sua casa erguida, o gado na bodega se acabou, a mulher se levantando do desespero, o menino novo se fazendo homem. "Seu Manuel, 'ncê é homem de verdade!" pois tudo não era obra dele?

Dez anos se perdendo lá atrás, as coisas de ontem ~~perdidas~~ esquecidas no tempo. Alegrias algumas, trabalho muito; mas, sempre não alcance, o necessário. Sem aperturas. Não que fosse aquela sua vida desejada mas gente pobre não tem escolha, agarra o que vem na passagem e agarra com segurança pra não ser sacudido. ~~Mas~~ Do que êle gostava era do campo. Aqual vinha no sangue aquele amor de vaquejar, vaqueiros seu pai, seu avô, êle mesmo criado no campo.

— O caõ do padre!

Pois não fôra ele quem o obrigara a deixar a terra ~~dos seus~~ onde se tinha criado e onde conhecera dona Benta, para se meter no incerto? Não fosse êle macho... Trocar as roupas de coura, as esporas e o chicote pela enxada, o coraçaõ livre em cima do cavalo alagaõ, aquele olhar sofadaõ do boi Canário pela serra. Certo prosperara. Prosperara é um modo de dizer ~~que~~ enfim sempre tinha o seu. Mas a paixaõ ficou ~~perdida~~ escondida no coraçaõ, volta e meia ~~voltava~~ vinha à tona. Era bastante escutar

o tem-tem do chocalho de algum animal perdido nos matos para logo lhe vir a recordação do tempo perdido. Montado em seu cavalo, apostando carreiras com o novilho arisco e, ás vezes, feroz, bom na lacada que a rez não tinha espapada, pois se tentava escapulir logo se quedava amuada, mordendo a baba de cansaço, êle segurando na ponta do laço a revolta do bicho.

Gostava de guiar uma boiada, a poeira se levantando atraz do tropel das rezes, os mugidos se perdendo no campo sem limite. E depois no campo um homem não tinha fronteiras, que até a alma se sattava, os pensamentos correndo do mesmo passo que o cavaleiro. Tantos animais e êle conhecendo o nome de todos que era só um se desviar e logo saía o chamado: Malhado, Canário, Caboco e os bichos atendendo. Queria-lhes como amigos. Nem bom lembrar quando começaram se acabando, vendidos uns, outros morrendo á miugra que cortada o coração. Gente sem amor á terra, os donos dela. Coisa mal feita, o mundo! Pois porque eram donos da terra uns tais que lhe conheciam mal o nome, perdidos nas macegas da cidade e êle e tantos que ali tenham nascido e se criado; que conheciam o chão como se conhece a face de um velho amigo, presos a êle como eram pelo trabalho sem repouso jamais passavam de pobres alugados, a terra que os teve madrasta para êles. E entanto

só eles sabiam ama-la, soquem com ela mas soquem de verdade, capazes de se encherem de amargura pela morte de uma vez, gente de falar com a terra, dividindo com ela as alegrias e pesares, tendo para suas coisas carinhos de pai e paixão de amante.

Animava-o a esperança, agora também ela renegada, de que, se não a êle, pelo menos ao filho caberia voltar ao campo. Vaqueiro o queria, como seu avô, seu pai, como êle mesmo fora e seu coração continuava sendo. Francisco era um nome e tanto, pois não havia a memória de Chico Trovão, o maior dos vaqueiros de todo o povo, alma de renegado mas valente como nenhum. Assim êle queria o filho.

Agora não era tempo de imaginações, que os pés gretados se feriam no chão ressequido, a enxada resvalava, o corpo todo moído, o ânimo quebrantado. Pensamentos desamparados e mesmo assim os braços teimando no gesto inútil que o chão sedento nada vai produzir.

A êle porém não lhe cabem maus pensamentos. Mulher e filho a sustentar que o céu não manda favores todos os dias. Por falta de rezas que não era pois lá estava dona Benta bichinando todo o santo dia, mulher rezadeira. Enfim

a Santa Eulália vá lá que se rezasse. Era mulher filha do povo e viva para quem duvidasse. Se ela aparecesse por aqueles lados sempre se abalava a procurá-la, pedir-lhe umas coisas...

Dona Benta metida consigo, lidando. A canseira que lhe vinha apoquentando, nos últimos tempos aumentara. Por isso vez por outra descansava seu bocadinho no banco, o peito arfando descompassado, umas fraqueiras, a visão turva que até temia lhe desse uma coisa. Guardava consigo as rolações, os sustos, medrosa de apoquentar o marido que ele dera para andar de cara amarrada, calado, um desalento que se via bem e ela adivinhava porquê. Até o filho se estava tornando entanjido, a modos que apaixonado com alguma coisa, que até parecia sabedor de tudo. Dona Benta rezava. Acendera outra vela à santa se bem que alguma coisa lhe dizia que dessa vez não havia remédio. A água da cacimba rareava e o céu continuava limpo que sem um anúncio de chuva que fosse. Ou, quando não, escureciam o horizonte inteiro de nuvens carregadas e não se sabia que vento malvado as arrastava para longe deixando apenas a juntar-se ao desespero de todos mais aquele exárrico que enchia os corações de raiva. Dona Benta acompanhava as amolações do marido sem dizer palavra para não feri-

lo, certa que estava de que êle viria com dis-
farces, procurando esconder as coisas, a-
proximada ainda mais porque ela fosse sa-
bedora das angústias que lhe cabiam só
a êle.

Pobre dona Benta tão cheia de
achaques, tão fechada em si, uma tristê-
za mansa tomando conta dela. Cheia de
mais afagos para o filho, ~~como~~ de mais
cuidados para seu Manuel como se adi-
vinhasse que a sorte favorável está se a-
cabando e é preciso dar a ambos o que
poderá faltar-lhes depois, que o dia de ama-
nhã é sempre incerto.

Dona Benta soquendo, dona Benta
rezando. O coração pequino moendo as amar-
guras em silêncio.

Francisco compreende tudo e por
isso anda esquesilo, alheado. Não que ele
conheça as agruras do tempo mas co-
nhece o pai, conhece a mãi e sabe que
alguma coisa os apoquenta, alguma
coisa que êle adivinha muito grave. Depois
aquelas conversas apanhados nos lugares
onde vai, no povoado, na cidade, lhe le-
vam a ~~ser~~ compreender de que se trata.
Êle mesmo já começou sentindo os efei-
tos, sua hontazinha perdida sem ~~pu~~ gota
de água, que a mãi já disse não se tirar
se da cacimba. Cinema perdido demais
que todo o dinheiro foi para seu Manuel
e nada há mais que vender. Mesmo não

tem ido no mercado pois não há que vender. Nem êle fala mais com o filho do bodegueiro pois sabe que o pai está devendo. Bem que gostaria de olhar aquele livro... Livro de coisas bonitas mesmo, mas agora é impossível pois o outro pode saber de alguma coisa e dói-lhe a humilhação.

E depois dona Benta amolecida, gemendo pelos cantos, um ar de tristeza nos olhos que êle, talvez por alguma ciência mais profunda, sente como ninguém, sente em seu coração, como se ainda os dois fossem um só. Por isso Francisco diz aquelas coisas magoadas a Pachurreco que botou nos joelhos e passa a mão de manso no lombo do porquinho que parece também amuado, como se pontilhasse mesmo a dor do dono. Francisco lhe conta as lamúrias da casa, desata seu coração, desapenta as tristezas que aquele é o único amigo. Malagueta já sabe de tudo. Com êle as coisas tomam outro aspeto mas Pachurreco ainda é uma criança. Ali está êle, anichado nas suas pernas ~~como um~~, frágil e manso. Francisco pensa que talvez êle nem entenda aquelas falas. De qualquer modo faz-lhe bem falar, alargar o peito pequenino onde já se acumulam tomandas inquietações. Que êle soque de verdade, as amolações do pai, os achaques da mãi e sente como se aqueles amigos, Malagueta e Pachurreco, estivessem também perto de suas amarguras.

Seu Manuel sente os asperezas da vida. Janeiro em meados e nem pingo de água sôbre os campos secos, a incerteza sombreando de novo seus caminhos, o sôpro da morte próximo. Que vale a decisão de seu gesto? Apenas o cansaço do corpo moído pelo calor, pelo esfôrço, pelos pensamentos entorpecidos. A boca como a terra, ressequida. Recorda ainda uma vez o vulto envelhecido da mulher, as rezas incessantes, os olhos cada vez mais tristes. Triste vida a dos pobres, sempre insegura mesmo nos melhores tempos. Até o filho lhe parece amurrinhado. Recorda o antro e o suor parece mais amargo. Um peso no coração. Para um instante, enchugando o rosto. Levanta o olhar ao céu, nem uma nuvem. Tudo claro, beleza sem sentido, beleza de escárnio. O pé gretado se escaldando no chão em fogo. Ondas de revolta. Promúcios sombrios de vida desarvorada.

— Ano Ruim...

Estêvão

15.6.50

XII

Aquela dor batia lá no fundo do coração e sangrava amarguras. Os olhitos marejados de lágrimas, o beiço mordendo o beiço, as mãos correndo o corpo frio. Que adiantava a beleza do sal rasgado se espraiando bendito pelas abas da serra até lá em baixo nos campos. O acude era um espelho tinindo de luz. Luz que doía nos olhos e tufava de claridade as nuvens muito alvas, passando, numa lentidão de bois pasmados pelo rio do céu. Mas nos seus olhos rolavam, com as lágrimas, grossas bagas de desespero e angústia. Esperimindo o peito nuvido. Desespero engulhado em soluços presos, contidos, esmagando as alegrias, desfazendo esperanças.

Por danada sem consolo que rasgava no fundo o coração pequenino de Francisco, o deixava também espesinhado, sangrando como aquele bolo de sangue sem forma o que estava reduzido o porquinho. Ondas de raiva sem direção borbotavam nele. Vontade de quebrar a primeira coisa à mão. Onda cega raiando os olhos de sangue e cólera o punho cerrado ameaçando não se sabia o quê.

— Pachurreco...

Aquilo fora um bicho lindo e manhoso se esquivando esquivo entre os irmãos monos e lerdos, fina flor de bacorinho, merecendo as ternuras do menino sem ventura.

Ainda desabalar correndo a participar a lástima a Dona Benta, como se ela pudesse

remediar alguma coisa. Desejo logo amortecido. Que adiantaria? Ao menos Dona Bento rezaria umas preces pelo amigo irremediavelmente morto. Que nem ele achava fosse preciso rezar por uma criatura como Pachurreco que apenas se lhe podia condenar a sorrice com que se fazia alheio aos chamados, alapado ao sol, meio dormindo meio acordado, o alhito pesco de matreiro. Mas criação de Dona Bento tinha poderes especiais, afinal poderia arranjar para o amigo morto um bom lugar no céu, lugar que ele merecia - estrela pequenina acesa na noite para, para que ele sempre podesse achá-lo, o coração palpitando recordações inapagáveis.

- Umbri maldito!

Colher do chão uma pedra, balançou-a na mão, balançou com raiva. A pedra zinin e foi perder-se inútil, como aquela raiva sem dono. Umbri saiu voando impune no céu lavado sem sequer tomar conhecimento daquele atrevimento do menino amargurado, cravando na palma da mão os unhos afiados. O soluço engulhado, preso. Os olhos procurando em torno a causa daquele desastre. E nada. No curral a mesma paz de sempre quebrada apenas pelo gerufido surdo da mãi porca inquieta como nunca, pressentindo grande desgraça em seu instinto materno.

A luxa terminou em desespero de mãi estonteada. O fascinho junto ao corpo pequenino esmagado, bolo de carne e sangue. Que instintos a revolvem intimamente? Não sabe. Sabe apenas que lhe dá ganas de avançar sobre Francisco. Aquele amigo de seu filho seria capaz de uma pen-

vensidade tamanha? Lhe parece que não, mas, ao mesmo tempo - que outro seu poderia ter feito aquele estupor? Não atina e por isso atira suas raivas no garoto inocente, êle também ruído pelo desespêro.

Avança sôbre ele disposta a desforrar o crime. Francisco exaspera-se com a injustiça e senta-lhe um ponta-pé violento. Logo se arrepende, que afinal mãi de meu amigo minha amiga é, e depois para quem irá agora aquela ânsia de amizade que já não pode dirigir-se ao filho morto? Acuados um e outro diante do sucedido, já arrependidos do excesso mútuo, achegam-se cada um a seu canto. Pachurreco, no meio de ambos, interesse comum. Amizade comum, transformado agora numa posta de sangue contra o chão duro que as folhas secas atapetam - chão inimigo, repleto de matos espinhosos, eriçados.

Francisco remói amarguras e procura o inimigo encoberto. Por mais tratos que dê à cabeça não consegue descobrir quem possa ter sido. Seu Manuel não poderia ser, que sempre o coração lhe fora enorme, se desbordando pelos amigos, sempre se alargando em pancadas macias no cangote, em palavras amigas atiradas no ouvido peço dos bichos mas que, sabia-se lá por que antes êles entendiam. A resposta dos animais logo chegava em olhares mansos e abanamentos de cauda.

Dona Benta menos ainda. Coração devoto, amor de todos se esparzindo por todos: que mal poderia ela desejar a alguém quanto mais praticar. Queria apenas o bem para todos. Por

desfiava longas rezas sem término. Seria capaz mesmo de lançar suas preces também pelo porquinho assim que lhe soubesse da morte.

Quem mais poderia ser? Malaquela? Nunca! Pois não eram os ~~dois~~ trez — ele, o jumento e o porquinho — companheiros de todas as horas, inseparáveis, unidos por tantos sinais de amizade comum? Malaqueta antes choraria com êle a perda do amigo pequenino, matreiro, astuto como só êle, sempre buscando uma safadeza, atrevido e dengoso...

Mãi-porca olhava o rapaz. Francisco respondia a seus olhares. Já agora a dor comum deixava laivos de compreensão nos olhos de ambos. Mãi-porca se estende no chão junto ao cadáver do bacorinho, o focinho murcho beijando a ~~chão~~ terra, alheia a tudo, só a dor existe para ela.

Os outros bacorinhos perdidos em sua lida de marrões, refilando umas vozes tímidas, se atropelando em correrias doidas sem termo nem modos, esgravatando aqui e ali em busca de uma ilusão para bater o dente, seguem se aperceberam da morte do mano. Já agora coberto de formigas, entregue a um sono onde as telas da mãi-porca tenham sido feitas apenas para ele. Rios de leite farto lhe correrão pelo beiço melado e a mão amiga de Francisco corre-lhe o lombo, macia e leve, tão macia e leve que o churreco julga até este sono bem melhor do que o outro a que está habituado. Só o que não compreende bem é o motivo daquela pancada súbita e violenta que

o roubara aos limites a que estava acostumado. No mundo de agora seus olhos buscam mãi-porca, procuram Malagueta, procuram Francisco. Procuram em vão apenas existe aquela torrente de leite, jorrando e um formigueiro correndo voraz sobre todo seu corpo espatifado.

Malagueta desembestara a correr mundo logo depois do sucedido... Mal enchergava o caminho de tão perdido que ia em seus pensamentos, cauprindo lástimas enormes de rasgarem o coração de um bicho sensível.

O passo lezo, banzando a toa nem ele sabia bem por onde. Quema era poder esquecer. Esquecer. Sentia que não tinha culpa no desastre mas ao mesmo tempo, a dor lhe era tão insuportável que não cessava de remoe-la, esforçando-se em vão por afastar o pesadelo para os senfins do esquecimento. E sempre voltava a imagem atroz. Quiz amaldiçoar a natureza que lhe concedera o poder de escoicear. Logo porém lhe ocorreu o par de coices em cheio naquele outro dono que tivera - parou o aborrecimento contra seus orgãos de combate. Outras ocasiões mesmo lhe tinham sido úteis. Não fora escoiceando que ele estendera no chão (despegara) aquele soldado ranloso que vinha, ameaçando seu manuel com multas e prisões, como se seu manuel não tivesse seus amigos, amigos prestimosos, amigos capazes de dar tudo pelo amigo. Até um coice, um coice feroz que rompeu logo não apenas o costado do bruto mas aquela crosta selvagem e feroz de autoridade testa.

— Esteja preso! Esteja preso êle malagueta
dizia ao soldado amarelo de bigode esfarrapado.
E deu! Uma sacudidela tão forte que o policial
se espalhou no chão a todo o comprimento
ante as gargalhadas gerais, enquanto malagueta
desabalava pelo mundo afora se livrando da
vingança do estúpido.

E de outras feitas mesmo, bom geito lhe
tinham feito aquelas defesas. Em linchas com com-
panheiros nas ferias, se apostando vantagens aos
olhos das namoradas e para afastar os mule-
gues atrevidos que se aproveitavam da ausên-
cia momentânea do dono para fartar a fruta
cheirosa que ~~da~~ rendia o pão de seus ami-
gos ou lhe vinham, provocadores, fazer cócegas
na barriga.

Mesmo as vezes, sem motivo. Para ex-
teriorizar uma alegria maior, como quando se
encontrava com Estela ou sentia alguma dessas
coisas que nem se explicam mas abalam pro-
fundamente todo o organismo. Gostava de se empi-
nar e lançar ao vento suas chasquinadas, rebo-
lando e rinchando, rebolando e rinchando, desemba-
lado numa corveira...

Enfim, tinha muitas e boas razões para
gostar do que era seu e com que se defendia
mas nada se media com aquela amargura sem
nome de cometer um crime de que sabia nunca
seria capaz. Por isso, apezar de tudo, amaldiçoa-
va a natureza sua mãi por o ter tão bem do-
tado em suas armas, armas que confundiam
justiça com injustiça e tanto castigavam um
soldado entanguido e refilão como assassi-

assinavam finamente o amigo Pachurreco, pelo qual o seu coração se desfazia de ternuras.

Pois fôra assim. Coice não leva endereço. A Malagueta se espantara com um rumor de cobra no mato, viera desembestado, sem olhar ninguém. Pachurreco, por sua vez — gente sabe como é — sempre se escafedendo por tudo quanto fosse canto, se misturando em coisas que não sabe fora se colocar bem ao alcance do ponta-pé do bruto que, vindo sem direção e enfurecido, converteria o bacorinho numa bola de carne esfarrapada e sem remédio.

Por isso se abalara pelos caminhos a esmo, curtindo suas culpas e receoso de regressar, que seus olhos não encontrariam com os de Francisco sem se sentir estremecer até lá no fim de si próprio. Para ele o amigo nunca poderia perdoar aquele malfeito. Voltaria, não voltaria? Ia anoitecendo já e a hesitação continuava. Não sabia decidir-se.

Quando viu o jumento surgindo lá na entrada do terreiro, a venta murcha, um ar de crime pesando sobre o cangote, emurchecido de todo, Francisco teve um pressentimento. Já tinha pensado nisso. Logo, porém afastara o mau pensamento como se pensá-lo fora uma ofensa contra o amigo que sempre se mostrara solícito em atender-lhe os mínimos desejos, ainda mesmo aqueles que raiavam pelo inaceitável.

A onda de desconfiança subiu de misturada com o desapontamento de pressentir que o

amigo cometera um crime e portanto perdê-lo e, ao mesmo tempo uma ansiedade viva por que tudo fosse apenas pressentimento não confirmado.

Que não foi? Logo o andar, o todo de Malagueta transpareciam alguma coisa de desastrado acontecido. Alguma aventura mal sucedida ou lástima tremenda que outra coisa não baixaria tanto o orgulho do jumento empenado e airoso que êle sempre fôra. A pata sangrando era como prova sem apelação a testemunhar a culpa do amigo. Lágrimas rolaram pela face de Francisco que assim via desabar aquela amizade sólida que prendera os trez. Era como se um irmão seu se tivesse atrevido a matar outro seu irmão. E pecado assim lhe parecia sem remédio e mesmo imperdoável. Por isso rolavam lágrimas em sua face...

Ao mesmo tempo quiz tomar os contas de Malagueta. Tourões de açucar gostos com quem? Com um vulgar assassino que se valia da força bruta para liquidar os irmãos bacorinhos indefesos. Ali, bem à mão, estava um pau duro atirado. Era só colhê-lo e zurzir o bruto para que entendesse que, ao fim, sempre alguém faz justiça. Mas alguma coisa dentro de si o impedia de executar a vontade momentânea.

Preferiu castigá-lo com seu repúdio, saindo sem dizer palavra ao mesmo tempo não querendo apadrinhar uma injustiça sem nome e receoso de ser êle quem a cometesse.

Malagueta lá se foi para o curral amargando incompreensões.

Toda a noite Francisco remoeu aquilo. Seria possível mesmo? Pois se amanhã gente viesse dizer que seu Manuel cometera um crime acreditaria. Ele, embora todas as provas parecessem indica-lo? Não, duvidaria e duvidaria antes de crer. Que o olhar de Malaguetá se pronunciava desgraças era antes geito de vítima do que de culpado.

Vieram à tona histórias escondidas na lembrança. Acudiu aquela do homem que ao limpar uma arma baleara seu próprio filho. Francisco comparou os casos. Quem sabia na fora antes um desastre o que acontecera a Malaguetá e Pachurreco? Essa ideia o foi dominando, já agora tomava conta dele, se firmava a ponto de não deixar dúvidas.

Mal amanheceu o rapaz se abalou até ao curral. O jumento atirado no chão jazia indiferente a tudo como se vivendo a vida lhe passasse tão longe que fosse antes um sonho de morte. Francisco se chegou ao amigo estendeu-lhe a mão com uns graos de milho. Malaguetá demorou, hesitando sobre se recebe ria a oferta.

Foi preciso que o amigo lhe expuzesse que compreendia tudo. Que não lhe cabia a culpa antes ambos sofriam a morte do amigo. Se acalmasse. Afinal Dona Bentá lá estava com suas preces. Certamente aquela hora Pachurreco já estaria no céu...

12.5.50

XII

Ainda não quizera dizer á mulher toda a extensão da desgraça, preocupado que andava com a saúde dela se desmoronando, mas aquilo lhe doia como se lhe tivessem cravado uma facada. Não era o sangue de suas veias que escorria pelo chão ingrato, mas era o sangue de sua liberdade. A seca lhe levara as plantações, a seca lhe trouxera o desânimo, lhe acrimulara na alma os incertezas.

Olhava para traz e tudo lhe parecia agora inútil. Recordava as palavras dos que tinham chegado de fora como êle e sempre receiavam de plantar uma árvore, incerta como era a vida, obrigando um homem a não ter pouso, hoje aqui, amanhã onde deus sabe. Trabalho de tantos anos se perdendo numa hora má, que o ceu recusava chuva e a terra parecia amaldiçoada, negando tudo aqueles que nunca a abandonam. A cacimba no fim - única certeza. A vida se recusando. Malagueta ruminando suas razões, êle também atacado de sabia-se lá que melancolia que passava o dia todo filosofando. O pasto rareava. Ameaça maior parando em tudo.

Por isso tomara aquela decisão. Falou na cidade a ver se conseguia um trabalho. A prefeitura estava em

obras e por isso foi aceito. Era trabalho ruim, ainda mais longe de casa, dias e dias sem ver a mulher nem o filho que tinha medo de se demorar na viagem e perder o lugar. Operário. Ele que ainda menino se habituara a correr no lombo de um cavalo rasgando galopes, agora estava ali, de mistura com ladrões e assassinos para não morrer de fome. O fiado aumentara na bodega, que êle nem gostava mais de passar no povoado. Só mesmo a necessidade o levava a procurar o querozene, o sal. Necessidades sem adiamento. Seu _____ aumentara os preços alegava que precisava dinheiro, as coisas estavam difíceis, e mais um juro que seu Manuel não entendia.

Mêdo que êle tinha de que o homem lhe cortasse o fornecimento. Andava já tudo sob medida. A luz rareando, a comida destemperada. Feijão que êle mesmo vendera ao bodegueiro ia comprá-lo agora por tres vezes mais. Aquilo lhe parecia uma injustiça mas a quem recorrer? Apelava para seu esforço. Pagavam mal no ofício novo. Comia sobras, dormia onde calhava mas não podia emolecer. A fraqueza era vergonha, fome, desespêro. Por isso esquecia tudo, ombro a ombro com ladrões, assassinos, gente de toda a laia, os palavrões rolando nos bocas amaldiçoados. Os outros trabalhavam mal, desfaziam o que tinham feito

~~para~~ de pura raiva, chamavam-no de mole, perguntavam-lhe pela mulher em insultos. Êle fazia orelhas de muro e continuava, o dorso curvado na tarefa. Não podia nem desafiá-los. Lusava nos seus, o que seria, dêles perdidos no mundo porco de gente á-toa.

De toda aquela gente só um era companheiro ~~para êle~~: Chico Trovão! Amigos velhos. Chico Trovão, o maior vaqueiro de todo um povo ali estava também cumprindo pena havia muitos anos. Seu Manuel surpreendeu-se. Não esperava encontrar o amigo naquele estado, misturado a um bando de amaldiçoados êle que fora compeador, o mais veloz, o mais hábil numa laçada, o ~~que~~ mais aprumado de todos numa cela, comungando o pão dos miseráveis.

Seu Manuel logo compreendeu que se tratava de coisa mal feita que Chico Trovão não era homem para injustiças e sua mão apenas se levantava para defender os perseguidos e nunca para cometer desatinos. Ali andava obra de invejosos. Por isso se chegou a êle sem receio, a mesma velha amisade, companheiros. Companheiros pelo menos perante o destino igual, amarrados ambos á sorte comum dos desenfados. Chico Trovão era bom companheiro, trabalhava lado a lado com êle, retrucava aos outros quantos apar

rinhavam o amigo palavrão com pala-
vrão. No mais era calado como se remoes-
se alguma grande magoa. Ás vezes mes-
mo parava, os olhos perdidos não se sa-
bia onde. Seu Manuel achava que deviam
ser as lembranças do campo se acen-
dendo em sua imaginação. Que também ele
sentia essa melancolia; bicho roedor ata-
zanando os sentimentos, corpo do homem
livre se ressentindo pelas cadeias daque-
la nova vida. Até ali porém tinha sido
homem livre, sua casa, seu rocado, seu
jamento, a cabeça levantada. Amanhã
porém não sabia. Sabia deus, se soubes-
se... Destino incerto o dos homens como ele.
Por isso não queria julgar ninguém. Ainda
os outros, que passavam todo o tempo
mescendo com ele, sempre achava que po-
deriam ter seu crime, sua maldade, mas
compadre Chico Trovão era homem pací-
fico que ele o conhecia desde menino. Por
certo tivera suas razões. Razões de pobre.
A justiça ele a conhecia bem. Uma papela-
da, uma confusão, fale com fulano,
fale com sicrano e no fim pague isto
e mais aquilo e ainda um homem dá
com os costados na cadeia. Ademais aque-
le ar do outro, caladão, fechado em si,
como se remoesse velhas mágoas são coisas
todas que o levam a respeitá-lo. A uni-
los aquela paixão comum. Seu Manuel
contando os feitos do boi Canário, Chico
Trovão escutando, escutando como quem

ouve falar da mulher amada, uma alegria nova nos olhos. Aquilo anima os dois. Repartem um cigarro de tostão. Ficam chupando o fumo apagado. O coração vai longe, a tristeza fica esquecida num canto. Chico Tuvão vai agora montado em seu cavalo negro, a boiada se perdendo nos caminhos, o mugido dos bois rebovando. O coração salta. É bem o dono do mundo. Sem inimigos, que todos êle ajuda numa apertura, aquêle riso rasgado, aquela voz grossa chamando:

— Ei, bôi!

O violão em seus dedos ganha novos tons. Aquêle homem brabo, tamanhão que só êle, cara de enfesado, quando se pega ao instrumento parece um passarinho manso, o coração nos dedos que até lembra voz humana apaixonada. Não há festa sem êle. Todos o procuram nas dificuldades. Homem injuriado é com êle que se apega. E ninguém que se ria de seus modos ou lhe atire um desto, que aquilo é pedo de pedra, mão poderosa e valentia sem rival.

Homem donado êsse que todos respeitam. Igual de todos, sem palavras mais, mas também altivo que nada o verga. Cabeça erguida diante de todos, a conciência limpa, o olhar seguro, sem meias palavras: macho inteiro. Ona faixão naqueles bichos que não são seus mas é como se fôssem. Uma afei-

cão pelos bichos.

Por isso uma alegria nova lhe aparece nos olhos quando seu Manuel lhe conta suas histórias. São todos aqueles anos de solidão entre as paredes da cadeia, afastado daquilo que mais ama, sem uma notícia da mulher e dos filhos abandonados no mundo, aquêle peso de condenado se aliviando pelas falas do amigo. Está ali um homem que o entende, um homem que êle entende e isso o alivia de suas agruras. Ao amigo não fará surpresa quando a voz lhe tremer ao falar dos ~~vezes~~ animais como quem fala de gente, êle também sente as mesmas fraquezas. Pois não está dizendo que chorou quando viu o boi canário se finando à míngua, um animal daqueles que era um mimo. Iguais é o que êles são. Nem importa que um esteja agora cumprindo pena e o outro cavando seu pão como operário, o coração de ambos só conhece um amor de verdade. Vaqueiros é o que ambos são. Mas êle não quer fronteiras entre ambos. Por isso vai a contar ao companheiro seus azares.

Não era certo, não. Pois então um homem levava ~~uma~~ vida de cão trabalhando sem descanso uma existência e tinha apenas o com que viver e às duas por trez aparecia um tal saído do inferno alegando que tudo

ali era dêle e portanto ou êle, Chico Trovão, se mudava ou tocaria fogo na casa. Ameaças, pensava. Coisas de gente sabida, mas êle não era homem para sustos. Nem se amofinou. A mulher sim que viera com receios, achando que o melhor mesmo era se mudarem. Êle endureceu-se e retrucou-lhe uns conselhos. Pois então não era êle senhor do seu? E apareceu um desconhecido alegando coisas. Pensavam eres que êle se amedrontava. Pois iam ver...

Se abalou pra levar um gado á cidade como sempre fazia. Viagem amaldiçoada! Quando voltou e os seus olhos deram com aquelle crime, a casa ~~ardendo~~ completamente destruída pelo fogo, o coração não teve mais repouso senão quando completou a vingança. A mulher lhe disse: foi o Belisário. Tomou a faca e foi-lhe no encalço. Bateu na casa, veio a mulher. Ao ver Chico Trovão rompeu num chôro e caiu-lhe aos pés; que não fora êle o culpado, fizera o que ~~mandaram~~

— Mandaram quem? Guitou o vaqueiro já desarvorado que só o respeito pela mulher o continha. Ela se explicou.

— Coronel Juvêncio viera ter com Belisário pra mode êste tocar fogo na casa. Belisário se esquivando. Então o velho rompeu com ameaças. Chico Trovão teve pena deles, miseráveis também, sabia que amanhã lhes aconteceria o mesmo.

Aconteceu não! Tocaiou o velho malvado e saiu-lhe a caminho. O outro gritou, puxou o revolver. A correr gente. Quando lhe botaram a mão encima, êle sacudiu-os dizendo:

— Neum precisa me tocá!

O velho se acabava numa poça de sangue mas não tocaria mais fogo em casa de gente boa. A mulher de Belésario veio correndo por entre o povo pra beijar-lhe as mãos. Por isso estava ali.

Seu Manuel acreditava porque sabia que um vaqueiro não mente nunca. Acreditava com o coração oprimido. Ano ruim aquêle. Amanhã lá vinha o ___ cobrar o devido e com um ano desses... Talvez êle mandasse tocar fogo na casa. Nem queria pensar.

Os dias corriam assim. Mal podia ir em casa. Só de noite e era o sono perdido, o cansaço aumentado, aquela amargura de olhar a mulher pesando, se abatendo metida em suas rezas, o ninho desconsolado, sem dizer palavra. Na horta ao abandono cresciam as hervas ruins, a terra ressequida e avara, malagueta na pele e êle sem poder nada. Um dia desses o homem vinha cobrar e tocava fogo na casa como tinham feito ao Chico Trovão e talvez êle fosse também parar na cadeia, curtindo

infortúnio e desespero.

XII

A luz dos olhos se ia perdendo. Chico Joaquim tinha a vista perdida no mar do crepúsculo, que para êle sempre eram horas do anoitecer. Apenas divisava as coisas que iam, do mesmo passo que a idade avançava se diluindo em obscuridade como se o destino da vida humana fôsse a noite.

A luz dos olhos se ia perdendo e entanto a chama da alegria no coração do caboco andarilho era cada dia mais viva, como se a luz de fora tivesse se derramado pelo íntimo ser e iluminasse todos os recantos íntimos do nosso homem com um clarão inapagável. Por isso o sorriso de sempre lhe bailava nos cantos da bôca, pequeno sorriso receoso e constante, teimando sempre contra as desventuras e andanças da sorte mofina, hoje oferecendo, amanhã tomando as poucas certezas que a vida amarga oferece.

Mesmo quando vai sozinho, as pernas sem repouso, incansáveis nos caminhos do mundo, devorando distâncias, se endurecendo as palmas do pé batido no chão crespo de rebeldias ou atascado de

lamas.

De onde nasci aquela claridade a iluminar os horizontes perdidos? Que poder de iluminar havia naquela chama inapagada que tal era o clarão intimo que se espargia naquele sorriso tão certo no rosto Canhestro como a alegria de uma cantiga nos lábios, companheiras um e outra, tanta vez os únicos, do pobre andarilho-cantador de alma regalada de tamanhinha que era - a vida ao alcance da mão sem reticências nem complicados roteiros de ventura: antes tudo manhã e ao rez da vida como o sol das manhãs fazendo romper as hervinhas do campo.

A cantiga que parece bailar na garganta, fervilhar, crescer daquele turbilhão intimo de alegria que vem dos raios dêsse paz de sonho onde êle sempre habita, tão inocente de maldades ou sabedorias do mundo apodrecido que para êle todos são bons, seus iguais, gente sem maus pensamentos e intensões pervertidos. Antes todos irmãos, o coração dêle sempre em oferecimento, incapaz de pensar mal, incapazes julga os outros de mal pensarem e afinal todos diante dele como que se sentem purificados - ninguém jamais com coragem para enganar sua

~~Tomar~~ Candura de animal bravio, manso e lendo.

Muito negocio Chico Joaquim. Muita gente conhecer, muito metal de gente, nem todo êle do melhor e mais puro. Jamais fora lezado. Até aqueles que a amargura da vida e a injustiça do mundo juntara o que de bom neles houvesse, os mais sujos na lama dos dias designais, pesando nos ombros deus sabia que culpas, gente que vive espreitando a sombra, de medo que lhe tomem conta lezados ou prejudicados. Gente que nunca parou a pensar antes de dar um passo, de tomar uma decisão ainda que fosse morte de irmão. Que poder sem nome deter a todos diante deste homem frágil como arvore esguia que o menor vento poderia derrubar? De onde vem o que faz com que ninguém, ainda os mais sujos, se atreva a enganar aquele que a cegueira quási deixou desarmado ante as rudezas da vida?

Os olhos quási vazios como seos consoce uma infinita infância jamais acabada não se perdem em nós mas para além de nós naquilo de nós que se esconde para além da face de máscara enganadora — nos rec

os impercebidos da voz sem fingimentos, que o ouvido superlativo do Chico Joaquim palpa em mãos invisíveis. Seria um sorriso de malícia o que por vezes aflora a seus lábios? Antes de pureza sem mancha, sabendo da maldade e incapaz de querer aceitá-la, lutando contra a própria certeza da maldade alheia.

Os olhos são uma passagem para a paisagem dos pensamentos leves e mansos onde deslizam apenas boas-vontades, sonhos inocentes, pequenas alegrias repartidas, como se fossem fartura de riquezas como os pobres irmãos que o são por tudo: vida amarga, incerteza, avareza de alegrias... Os olhos quási cegos lhe furtam o mundo de fora e o deixam entregue a seus próprios pensamentos, recorrendo sempre uma inexgotada infância.

— Chico Joaquim!

Homem de muitas vidas.

O senhor seu pai fora dono de terras, tivera rendas, gente se lhe chegando, se abrigando na sua fartura e êle, porque lhe fôsse grande coração, tudo ia repartindo, sem co-

coração de amealhar avarezas, antes sempre inclinado a desprezar riquezas... Era um grosso homem da terra como os irmãos mais velhos do Chico que se afeiçoara duma índia encontrada por aquêles lados e a fizera mãi de seus filhos. Para êle um pau era um pau, pedra uma pedra. Intrínico. Os filhos, hoje caprichosamente espalhados no mundo, conservaram-lhe aquela rigidez de coração puro. Chico Joaquim veio depois das secas, no tempo em que a casa do pai já murchara, perdidos a terra para outros chegados no lugar. O corpo mirrou de trabalhos e canseiras, intonqui-se. A alma parou na infância como se a vista anuviada impedindo-o de ver as coisas tortas, lhe proibisse imagens que não fôssem sem malícia.

Menino carregou cargas de tudo pra cidade - verduras, frutas, criação - aquilo enfim que desse uma ajuda na miséria de casa. Menino ainda e já lhe vinham fáceis à boca aquelas palavras amarrados em cantigas que o coração leve não podia reter e ficando rebolando na descida da serra, pela solidão fresca dos caminhos!

Ainda agora quando tornava a pisar a mesma e sempre renovada trilha, canções lhe voltavam à memória desde aquêles tempos de menino e êle as desata com uma alegria triste que a voz pequena e breve enche de modulações sentidas.

Foi um menino como todos. Àquele tempo a vista ainda atingia os horizontes, se perdia até o seu fim pelas encostas da serra, pelos campos, parava no brilho manso do acude, se espantava nas pedras tão sem razão ali plantadas e ficava acompanhando a pequenina nevoa da fumaça de trem até que ela se perdia lá ~~no cabo do~~ onde a vista secava.

Amou as ~~corridas~~ fugidas com os companheiros para banhar nos acudecos, na água lamacenta do rebolico que faziam, afoitos em cangapés que os elos mesmo sabiam dar. Pelo são João se encantou como todos com as fogueiras vermelhas, os cantos, os ditos, o aulhá gostoso, o mulho assadinho, no canto com os amigos contando estrelas comparando luzes, inventando histórias ao sabor da noite sem limites como os caminhos da imaginação.

XVI - Azar

Chico Joaquim afirmava. A Reza era santa e infalível - por isso iam todos com uma esperança acesa no coração derrotado. A seca ameaçada, o ano já ruim, a maior rio dos Homens já tinha deixado a serra para aproveitar qualquer trabalho que aparecesse na cidade vizinha e tudo caminhada para a desolação maior do inverno sem pingo de água; as plantas ressequidas, o gado morrendo à míngua, o camponez deixando tudo em busca da primeira luz, ainda mesmo a falsa, que brilhasse na estrada ao longe.

No coração de todos bem vida a ameaça é como um espetro ameaçador brandindo o chicote do medo que todos conhecem aquela maldição que de tempos em tempos se abate sôbre os Homens do nordeste ardente e austero. Sentem-se como o marinheiro, sem piso firme sob os pés e por isso recusam a fazer obra definitiva, certos como estão de que mais ano menos ano, de novo se levantará a figura sinistra da seca afugentando os Homens, escorraçando todos cada um para seu desatino em longes terras. Incerteza de vida boiando insegura sobre a certeza da miséria que aguarda a todos.

Por isso se apegam ao ~~sonho~~ primeiro sonho, à primeira promessa que posse ao alcance de sua mão. Se apegam

com calor, iludidos ou buscando iludir-se, a deixar passar o tempo, á espera do milagre que não virá: o milagre da chuva!

Agora porém o Chico Joaquim afirmava e a reza fora bem feita era só apostar tudo no pouco, apostar com fé, joga como joga quem joga a própria sorte na sorte do azar!

Cada um levava suas últimas economias, fruto de trabalho dobrado e necessidade aturada, o estômago por vezes doído de dor, afundado á espera de uma oportunidade como aquela em que a sexta-feira caíra a treze e a lua estava propícia como dizem os experimentados no assunto. Tudo quanto restava ia no bolso tão carregado de bons augúrios que alguem arriscou uma cantoria de desabafo.

Estavam salvos! Fazia contas na cabeça, vendo quanto tocaria a cada um pelo milhar e a centena. Arrumavam a vida já sobre essa esperança de ganho. Talvez que a sêca podesse ser vencida sem a necessidade de fugir, deixar mais uma vez a terra que todos amavam e tantas vezes se fazia madrasta para êles, tangendo-os para lá onde só restava a esperança incerta como a própria vida de voltar um dia. Voltar para nova calvário de incertezas sempre um receio pesando sôbre o dia de amanhã que seria como deus quizesse!

— Iriam todos juntos?

O Chagas opinava que não sabia.

se como eram os homens da cidade. Desconfiados e matreiros. Podiam se aperceber se vissem o grupo e ~~mandar~~ encomendar um feitiço para desmanchar a adivinhação. Concordariam todos. O mais sabido arquitetou o jogo e explicou para cada um. Seria cada qual por sua vez para não dar na vista.

Pela tarduinha chegaria o resultado da capital. O ~~homem do~~ Canqueiro chegaria ao povo ajuntado para dizer: ~~Deu~~

— Deu pôrco!

Isso mesmo: pôrco! Pois não disseram Chico Joaquim que conhecia centos segredos e fizera uma reza bem feita com todos os requisitos? Rezoito! Naquele número a salvação deles! Cada um afagando suas esperanças, alimentando o fogo vivo no coração apoquentado.

Manuel Chaló tem vontade de dizer pra todo o mundo aquele segredo. Vontade de que todo o mundo participe daquela alegria — que todos são necessitados e alegria de pobre se quer repartida sem egoismos. Vontade esta que é uma tentação lhe apoquentando a cabeça dura e o coração generoso. Porque não vai êle avisar todo o mundo na cidadezinha lá embaixo?

Mas os entendidos lhe disseram que não, que precisa guardar segredo. Para que a reza dê seu efeito. Se avisou já quem não dê com a lingua nos dentes. Vão ali todos para jogar a salvação do povoado. Os que

não podem vir mandam seu dinheiro com a mesma fé, por amigo ou parente e ficam em casa de vela a casa esperando a boa notícia.

As mulheres rezam, rezam com o coração ~~apequeno~~ diminuído, apertado, rezam pedindo o milagre, afastando mais agoiros. Até os meninos pressentem que há alguma coisa maior pairando sôbre as coisas. Também êles se detem como se adivinhassem que a vida deles se prende aquele número: "dezoito", que todos levam na cabeça, no coração apertado!

O povo inteiro guarda um silêncio onde só se ouve a enxada batendo a terra ressequida, batendo sem esperança:

Hau! Hau!

Mugidos lentos na manhã que o sol incendeia, um sol sem piedade crestando mais a terra dura, estalando os galhos ressequidos das plantas sem vigor, estonteando o camponez temoroso que insiste e cerca a enxada nos grossos torrões. Gesto fertil de sempre, inútil agora mas a que os braços, o corpo inteiro se habituaram, ficando como um hábito agarrados ao camponez. Sabe que é inútil a teimosia mas temia, sem ma para que o desalento não lhe faça tombar os braços definitivamente, temia para afugentar a ~~asa~~ negra da desgraça maior que poria sôbre tudo.

"Se chovesse!" E talvez chova, afinal. Remói êstes pensamentos, busca refrescar-se neles mas a verdade é a camisa alagada de suor, aquele suor que escorre em

grossas bagas. O corpo vergado, repetindo os movimentos ritmados, os olhos turbos de luz e névoa apenas divisam a paisagem de chão mi e desolado como os pensamentos dos homens.

Êsse não tem fé. Apenas repete "se chovesse". E não arrisca. Prefere tirar na fama diária. Afinal se chovesse ~~[illegible]~~ teria seu palmo de terra preparado. As ameaças o assombram mais: Olha o horizonte sem fim - nem uma nuvem. Céu liso com pequenos farrapos esgarçados à deriva. Azul, azul numa beleza que é um insulto à face do caboco angustiado. Mas não adianta pagar: "pobre não tem sorte, sorte é pra rico". Jogasse a bodeguerio e veriam! Mas êles...

Pôra enchugando o rosto na costa da mão. Um gosto de sal nos labios grossos. Vontade de arriar o corpo no chão sob o peso esmagador do desalento.

Seu Manuel olha à cédula surrada às escondidas na palma da mão. E a última economia. De repente o invade uma suspeita: e se a reza saiu errada? Quem garante que antes da porco não tenha passado outro bicho sem que ninguém desse fé, esquerrado surrateiramente e sem ruido. "Porco!... Porco lá é bicho?! O coração lhe pendia mais para a girafa. Um nome assim! Que era girafa? Ninguém sabia! E se desse girafa? Afasta o ~~pensamento~~ palpite. Mas o

receio de falhar cresce em seu coração. Não jogaria tudo. Comprará um feijão, seu kilo de arroz, enfim aus arranjos. Jogando a metade mesma na centena terá com viver até as coisas melhorarem.

Cada um com seu arrazoado de cogitações, vão em bando, os mais afoitos ~~cada um~~ contando suas vantagens, andanças por meio mundo que vida de caboco tantas vezes é isso apenas: a incerteza tangendo cada um por seu caminho, sem poiso, hoje e amanhã sem firmeza, o coração pejado de desconfianças, seu vontade de se plantar em qualquer chão, receoso de se ver agrigentado amanhã pelo destino maldoso.

Manuel Chato, calado. Ouve os histórias, remoendo também suas lembranças, lembranças do bom tempo de vaqueiro, sua roupa de couro enfiada, montado no alazão tangendo a boiada, chamando cada rez pelo nome:

- Hei, amarelo!

- Hei, castanho!

Os bichos atentos a seu chamado levantavam a cabeça pesada e pachorrenta, a baba caindo pelos cantos da boca e mugiam como se respondessem ao chamado.

O novilho desgarrado e matreiro se fazia por vezes desentendido e então era ver a proeza de bom cavaleiro se apostando na corrida com o bicho até alcançá-lo e dominado a trazer ao manada. Tempo bom aquêle! Aquele sim que era sua vida de homem livre, enchendo os peitos no ar (puro e macio) do campo. ~~verde~~

Uma tristeza pesada o invade e

o fecha mais cobre si próprio. alheio já aos que o rodeiam.

O jogo corre até o meio-dia. Ás trez da tarde chega o resultado da capital. Um a um todos já fizeram seu jogo e miram a pule como crianças espantadas, meio descrentes de que naquele papelzinho esteja lançada a sorte de cada. Há os que viem obstados olhando os números com os olhos rindo de espanto; há os que desconfiam; há os que amedrontados, receosos apertam com a não contra o bolso o papelucho; há os crentes que sorriem um sorriso largo de gente desapertada.

Apartado do grupo que entrou na bodega seu Manuel faz suas compras, desconfiado de todos, desconfiado da vida. Se lembrando de Dona Benta. Afinal isso o conforta: a mulher rezando sempre, quem sabe não atrairá mesmo a protecção divina!? O calor abafa e traz pensamentos pesados e grossos como o dia que avança. O saco repleto de arroz, feijão e outros petrechos domésticos seu Manuel sai andando pelas ruas entretido com seu imaginar. Coisas boas e ruins lhe deslizam pelos olhos que apenas entrevêm a cidadezinha com sua gente curiosa, prendendo a vida à vida de escândalos naquele homenzarrão tarraco e pêco como uma pedra passeando alheado de todos, mal enjoncado em sua roupa acanhada de matuto, o saquinho penso nas costas.

De tão entretido o caboco nem presta atenção no ronco do carro do prefeito

apenas se despertando à custa de muita buzinada ruidosa. Espantado o homem se afasta enquanto o prefeito solta solta um palavrão e esconjuras

— Eh! seu Bestá, não ouve?

Bem que êle ouve, ora essa e Bestá é a mãi de quem o disse. Pois então ~~um seu não~~ não pode um perder-se um pouco nas suas ~~cogitações~~ imaginações? Raios partis sem o prefeito. É porque êle tinha carro para andar pisando gente que saia com aquela: "Seu Bestá, não ouve?" O cão! Se calhar se julgava o pai do mundo?! O prefeito saia daí a um instante com o carro cheio de moças e rapazes. Quando passaram junto do cabo-co soltaram uma grande vaia e saiaram todos rindo exageradamente, todos muito apertados uns contra os outros e ~~maliciosos~~ cheios de malícia...

Aquilo aumentava a cólera do seu Manuel, já todo abespinhado com tudo e com todos, o calor lhe encharcando a camisa, escorrendo em bagas pelo rosto.

— Conja de malandros! se rindo dêle que amanhecia e anoitecia trabalhando, os sem vergonhas deslavados apertando as moças no carro do prefeito! Se rindo dêle, Manuel Chato que todos respeitavam, como se aquelas mãos duras de calos não fôssem muito mais honradas de que o dedo enfeitado do prefeito! Os olhos se lhe incendeiam de raiva, o chão escalda sob seus pés, a língua é um farrapo ressequido.

De novo o papel do jogo entre os dedos, não entende nada do caso, mas enfim

pode ser mesmo que esteja ali a salvação dêle e dos seus. Guardou o papelucho com cuidado. Conferre de novo mentalmente as contas. Diabo que o roubaram! Repete as contas, querendo acertar as coisas e verifica novamente o engano.

— Ladrões! pois não lhe tinham levado no troco? Gente embrulhadora, sabida, se valendo dos pobres como êle para enricar. Ora bem certo fora aquela preocupação do jogo que lhe enchera a cabeça, mas, de qualquer modo não se perdoava. Quia de novo falar com o Romenzinho. Apertou o passo.

— Hei, seu moço!

— Han? respondeu um homem gordo de cara bechigosa que mastigava alguma coisa atraz do balcão.

— Aquele moço se enganou no troco.

— Pra mais ou pra menos? — perguntou novamente o gordo, que pelos vistos era o dono da loja.

— Pra menos, fez o caboco!

— O quê, seu vagabundo, me chamando de ladrão? Ponha-se daqui para fora! — Gerunhiu o homem gordo ameaçador.

Seu Manuel quiz explicar, mostrar que não era tolo, afinal sabia as contas. Quiz o homem ameaçou de novo:

— Fora daqui!

Naquele dia o resultado chegou com muito atrazo. Já pela tarde alta seu Manuel de-

pois de ir espiar para ver se já tinha sido anunciado o bicho da sorte. Ninguém sabia nada ainda. Foi então que êle viu os companheiros na bodega. Espreitou sem coragem de entrar. Todos abaletados a uma mesa, esvaziavam os pequenos copos de cachaça numa algazarra dos demónios. Dois ou trez tinham se excedido e bambeavam já, inseguros nos bancos, saltando grandes cuspanadas. O fumo invadia a sala inteira, cuja pequena porta apenas deixava entrar uma luz escassa. Como se o mundo ~~[illegible]~~ fôsse seu aqueles pobres homens gozavam uma alegria de quem se julga o maior dos espertos e é apenas a fera tocaiada pelo mil olhos do azar.

O Caboco saiu andando, descontente de tudo, descontente dos companheiros, descontente de si, descontente da vida. Até de besta e vagabundo fora chamado já, naquele dia danado em que ~~andava~~ se perdia vagueando, êle que desde menino outra coisa não fizera senão trabalhar para extranhos como aquele gordalhão dono da loja, trabalhar duro toda a vida e para que?? - Para ~~um dia agora~~ não ter sequer um palmo de chão de seu e aquela ameaça constante de novas desventuras pesando-lhe no coração apertado. Restava ainda uma pequena esperança: a do jogo pender para seu lado. Sempre tinha com que comer. ~~Que~~ O ano ia já em fins março e, se não tinha chovido até então, não choveria mais que pelo sal José era o prazo das chuvas terminado e se o santo não ajudasse quem ajudaria?

127 A

Pensamentos mofinos apoquentam seu Manuel, lhe fazem pesados os passos, lenta a respiração, derreado o corpo interno sem entusiasmo mais para coisa alguma que não seja esperar o que venha.

Mói e remói desventuras. Amargo, seco, duro como o chão, a fome e a seca. Irmãos das coisas que o rodeiam. Diriase-ia uma árvore plantada em chão estéril e lutando tenaz para resistir à morte geral. Pensa em Dona Bento e suas aflições, em Francisco entanguido, contagiado da tristeza geral, pensa em Malaqueta magro de roer. Nervos ressequidos. Pensa nos companheiros todos cada um aflito a seu modo e todos sofrendo como se foram uma família. Ainda uma vez, a desesperar seu desespêro, recorda os amigos que o insultaram "Besta e vagabundo!" Sua a não deles. Se aproximha. Quer espocar num palavrão.

De repente o pé topou um farrapo de jornal que algum vento trouxera. Não estava muito gasto, apenas um que outro rasgão. Seu Manuel se detem. Veio-lhe uma vontade súbita de olhar a folha com aqueles sinaziuhos que êle não entende mas lhe agradam, assim arrumados, formando umas filas certas. Dentro do aborrecimento aquilo o consola. Se Francisco soubesse ler, levaria o escrito. Mas qual, filho de pobre e isso mesmo... Dá abandonar a folha quando uma grande figura estampada no outro lado lhe dancou nos olhos:

— Eta, irmão! disse como se anteolhasse um olho amigo ou conhecido. E ficou ma-

modificar

O Imperador, lá isso não!

tutando quem seria quem não seria? Não podia atinar mas o homem lhe parecia antes um amigo que desconhecido. Aquela barba longa e negra afirmando um geito de quem não mente, uns olhos incendiados como os de seu pai vaqueiro, tudo naquele rosto lhe dava ~~aquela~~ impressão forte de simpatia. Teimou ainda com sua ignorância a procurar saber e não atinou. Sabia que não era ~~O Pedro~~ nem ~~Floriano~~. Se Francisco pudesse ler...

Novamente lhe crescer a raiva. Ali estava um amigo, tinha certeza e entanto nem podia saber-lhe o nome. Mundo mal feito, deus perdoasse, pois o filho do bodegueiro lá estava agora no colégio e o seu ficaria como êle sem atinar com as coisas.

De qualquer modo resolve guardar o jornal. Dobra-o com geito para que não se rasgue e enfia-o no bolso. ~~Da calça~~ Sabe agora que não importa onde tem um amigo, ~~olhando por êle~~ um amigo que talvez ainda venha a encontrar um dia ou não, mas cujo porte lhe dá novas esperanças.

Quem sabe ganharão mesmo no jogo? Aperta de novo entre os dedos a pule, olha aqueles números com os olhos de quem está certo de ter nas mãos o pão de amanhã. ~~Virá a seca~~? Virão ainda os chuvas? Sabe que alguma coisa vai acontecer. Pelo menos leva com um êle um amigo, um amigo distante mas cuja figura lhe fez exclamar de peito levado, como quem afinal se consola das amarguras do mundo abraçando um companheiro:

— Eta, Jumão!

xxx

E dem água, que o azar rondava aquela pobre gente, rondava traiçoeiro e mau. Deram-se se perguntar uns aos outros como fôra aquilo. Maldade do Chico Joaquim não seria que nem êle era homem para trair o amigo e mesmo também seu pão estava em jogo. Como então falhava a reza logo quando maior era a necessidade de todos? Alguém se enganara que na certa o primeiro bicho tinha passado sem ser visto ou a oração fora mal feita.

Os cabocos se olharam com um desespero calado e tenso no rosto. Apatetados ante o descalabro, os últimos cobres atirados na fogueira daquela esperança eram agora menos do que cinza. Toda a alegria que esperava apenas o momento da vitória para se libertar dos correntes opressoras, toda a alegria se desmoronou e há apenas a sempresa amarga se refletindo no geito curvado e penso de todos, oprimidos por que angústia apenas êles o sabem.

Assim era remédio de pobre — ou faltava de todo ou vinha apenas em esperança logo frustrada, esperança que apenas servia para doer mais quando se desfazia em pó, deixando vazio e aflito o coração.

Olhavam os papéis do jogo com raiva como se neles estivesse a culpa de tudo. O desespero crescia em ondas largas no peito rijo, se assoberbava e, ou se desmoronava em desalento sem protesto ou estalava ruidoso e rolado na bôca de dentes cerrados em grosso palavrão. Os mais tímidos apenas nachuçam o pape

lucho sem ressentimentos, tão certos estão de que tudo sempre lhes será contrário, pequenos bichinhos sem consolo, atirados neste mundo malfadado, lutando para que não lhes roubem o último canto para onde os atiraram, incerto o próprio chão que pisam, incerto o dia de hoje e de amanhã. Como pequeninos peixes atirados ao aquário, sem fuga, esperam não ser devorados pelos peixes maiores, esperam a migalha que lhes permita viver.

Alguns ~~estão bebidos~~ que a bebida entusiasmou mais não querem aceitar o resultado e hajá de gritarem que estão sendo enganados. Atropelados em sua própria insegurança, congestos de alcool e raiva, se lançam ~~raiz~~ contra o bicheiro que é preciso a força dos outros para conté-los, sempre arrezoando coisas, inquietos e amargos em seu ressentimento que o medo da miséria ~~toma~~ leva às raias. Por fim, depois de muitas tropelias conseguem afastar os desordeiros e partem em magote, já a noite caindo, derrotados e murchos, repisando sua desgeraça.

Há que atravessar o velho açude ~~vel~~ para tomar o caminho de casa. A água é quasi nenhuma, nem cobre um homem e dali sairá toda a que muitos povoados precisam para não se morrer de sede. Em anos bons a água atinge os nove metros e por vezes rompe a barreira e se esparrama nos campos vizinhos. É quando a terra e o coração dos homens se vestem de cores vivas e alegria, pela promessa de pão farto, de vida e

amor.

Não porém agora que a água escassa levanta as ameaças do pavor e da fome, ainda vivos na memória dos mais velhos que já suportaram uma ou duas secas, que se esfumam ao vivo nos olhos para sempre sem brilho, no rosto sulcado menos pela idade que pelo desalento, no corpo ajoujado e gasto como terra sem humus. Os mais novos apenas ouvi-ram contar, mas nem por isso a temem menos - a grande ameaça!

Sabem que não escaparão. Mais ano menos ano ela os colherá em seus braços amaldiçoados ou empunhará o chicote da miséria tangendo ~~ag~~ os pobres de cristo até ao sem-fim-da-terra, lá onde sempre se coloca uma esperança, esperança que não há, miragem que leva a incerta vida pelos incertos caminhos da incerteza...

Todos aqueles homens sabem disso e isso os oprime e acabrunha, lhes aponca o coração, os deixa mais abandonados na vida madrasta sempre escorraçando os que mais bem lhe querem. Como chegar em casa, olhar os seus, os filhos entristados, encolhidos, a mulher agoniada, cuidando de que a vela acesa ao santo não se apague? Como dizer que o mal não tem geito, que só resta esperar o que Deus mande até quando poder ser. Depois...

Ah! depois... é a procura de novos caminhos no mundo por onde se vá a uma terra onde o homem não morra desamparado que nem os bichos, que nem as feras. Depois... é

É a partida, o abandono daque chão incerto por outro chão incerto em busca de uma vida que seja vida de verdade. Vida sempre recusada! Depois...

Eis que um bebedo se agita, quer levantar-se, desequilibra o barco e lá se vai o saquinho de seu Manuel. O caboco se magoa e pensa: "afinal não adianta brigar. Quem é aquele outro do malfeito, um inimigo? -Não, um irmão, um irmão desesperado". Acalma-se aí. A dor de cada um tornou-se comum, e estendeu um silêncio que ninguém quebra, silencio em que apenas o rumor da água cresce (comprando) e os guilos faz ~~uma~~ música triste e suave.

Manuel Chato pensa naquele dia de azar. Todo o dinheiro sumido; seu arroz, seu feijão atoçados na água à toa; gente lhe desrespeitando. "Dia azarado!", fala consigo mesmo. E de repente se lembra do homem do jornal, grande companheiro, seu senhor. Seu coração, nem ela sabe porquê, não mais se amofina.

Chin. 22.3.57

Bandeira Mota

E de agora, que o azar rondava aquela pobre gente, rondava traiçoeiro e mau. Deram-se perguntar uns aos outros como fôra aquilo. Maldade do Chico Joaquim não seria que nem êle era homem para trair o amigo e mesmo também seu pão estava em jogo. Como então falhava a reza logo quando maior era a necessidade de todos? Alguém se enganara que na certa o primeiro bicho tinha passado sem ser visto ou a oração fora mal feita.

Os cabocos se olharam com um desespero calado e tenso no rosto, apatetados ante o descalabro, os últimos cobres atirados na fogueira daquela esperança eram agora menos do que cinza. Toda a alegria que esperava apenas o momento da vitória para se libertar dos correntes opressoras, toda a alegria se desmoronou e há apenas a sempresa amarga se refletindo no geito curvado e penso de todos, oprimidos por que angústia apenas êles o sabem.

Assim era remédio de pobre — ou faltava de todo ou vinha apenas em esperança logo frustrada, esperança que apenas servia para doer mais quando se desfazia em pó, deixando vazio e aflito o coração.

Olhavam os papéis do jogo com raiva como se neles estivesse a culpa de tudo. O desespero crescia em ondas largas no peito rijo, se assoberbava e, ou se desmoronava em desalento sem protesto ou estalo ruidoso e rolando na bôca de dentes cerrados em grosso palavrão. Os mais tímidos apenas machucam o pape

lucho sem ressentimentos, tão certos estão de que tudo sempre lhes será contrário, pequenos bichinhos sem consolo, atirados neste mundo malfadado, lutando para que não lhes roubem o último canto para onde os atiraram, incerto o próprio chão que pisam, incerto o dia de hoje e de amanhã. Como pequeninos peixes atirados ao aquário, sem fuga, esperam não ser devorados pelos peixes maiores, esperam a migalha que lhes permita viver.

Alguns ~~estão bebidos~~ que a bebida entusiasmou mais não querem aceitar o resultado e haja de gritarem que estão sendo enganados. Atropelados em sua própria insegurança, congestos de alcool e raiva, se lançam ~~raiz~~ contra o bicheiro que é preciso a força dos outros para conte-los, sempre arrezoando coisas, inquietos e amargos em seu ressentimento que o medo da miséria ~~toma~~ leva às raias. Por fim, depois de muitas tropelias conseguem afastar os desordeiros e partem em magote, já a noite caindo, derrotados e murchos, repisando sua desgeraça.

Há que atravessar o velho açude ~~vel~~ para tomar o caminho de casa. A água é quasi nenhuma, nem cobre um homem e dali sairá toda a que muitos povoados precisam para não se morrer de sede. Em anos bons a água atinge os nove metros e por vezes rompe a barreira e se esparrama nos campos vizinhos. É quando a terra e o coração dos homens se vestem de cores vivas e alegria, pela promessa de pão farto, de vida e

amor.

Não porém agora que a água escasse levanta as ameaças do pavor e da fome, ainda vivos na memória dos mais velhos que já reportaram uma ou duas secas, que se estampam ao vivo nos olhos para sempre sem brilho, no rosto sulcado menos pela idade que pelo desalento, no corpo ajoujado e gasto como terra sem humus. Os mais novos apenas ouviram contar, mas nem por isso a temem menos - a grande ameaça!

Sabem que não escaparão. Mais ano menos ano ela os colherá em seus braços amaldiçoados ou empunhará o chicote da miséria tangendo os pobres de cristo até ao sem-fim-da-terra, lá onde sempre se coloca uma esperança, esperança que não há, miragem que leva a incerta vida pelos incertos caminhos da incerteza...

Todos aqueles homens sabem disso e isso os oprime e acabrunha, lhes aponca o coração, os deixa mais abandonados na vida madrasta sempre escorraçando os que mais bem lhe querem. Como chegar em casa, olhar os seus, os filhos entristados, encolhidos, a mulher agoniada, cuidando de que a vela acesa ao santo não se apague? Como dizer que o mal não tem gesto, que só resta esperar o que Deus mande até quando poder ser. Depois...

Ah! depois... é a procura de novos caminhos no mundo por onde se vá a uma terra onde o homem não morra desamparado que nem os bichos, que nem as feras. Depois... é

É a partida, o abandono daque chão incerto por outro chão incerto em busca de uma vida que seja vida de verdade. Vida sempre recusada! Depois...

Eis que um bebedo se agita, quer levantar-se, desequilibra o barco e lá se vai o saquinho de seu Manuel. O caboco se magoa e pensa, "afinal não adianta brigar. Quem é aquele outro do malfeito, um inimigo? -Não, um irmão, um irmão desesperado". Acalma-se aí. A dor de cada um tornou-se comum, e estendeu um silêncio que ninguém quebra, silencio em que apenas o rumor da água cresce e os grilos faz ~~uma~~ música triste e suave.

Manuel Chato pensa naquele dia de azar. Todo o dinheiro sumido; seu arroz, seu feijão atoçados na água à toa; gente lhe desrespeitando. "Dia azarado!", fala consigo mesmo. E de repente se lembra do homem do jornal, grande companheiro, seu senhor. Seu coração, nem ela sabe porquê, não mais se amofina.

Chin. 22.3.57

Bandeira Mota

XVI

A fama se extendia por todos os termos da serra, suas abas, o campo em redor até o perder de vista. Vinha de terras lá longe nos sem-fins perdidos, correndo de boca em boca como um clarão de esperança trazendo novas estrelas para um céu enegrecido pelos sofrimentos, pelas amarguras, pelas desilusões sem número que vão pouco a pouco e persistentemente anquilando a alegria, pisoteando os corações temosos de viver.

Quando a hora vinha se tornando já insuportável, os desespêros de sempre tão aumentados que turbavam os corações, começava correndo boca em nome novo. Em torno dele se reuniam, como em volta de uma bandeira, todas as esperanças prestes a romper-se.

Assim um rio toma nascimento na fonte alta e desce e se aumenta descendo e já na planície é vasto e amplo rio de águas innumeráveis, assim aquela fama surgira onde ninguém sabia mais e viera aumentando num côrro sempre acrescentado de virtudes, de graças, de milagres mesmo, se espargindo como sobre as terras resseguidas dos corações desamparados em jornos de maravilha.

Assim a fama se extendia...

Gente expulsa do seu, carpindo desen-

penos sem remédio, acorria à sua passagem, procurando favor que suas mãos, beneficiadas do celeste obtivessem, favores que os poderes da terra não repartiam, a justiça regateava e os poderosos arrebatavam seu só nem piedade. Bichos maiores pisando os irmãos menores. Acorriam aos magotes como cercam a fonte de água gentes castigadas pela seca demorada e impiedosa. Nada seria capaz de fazer vacilar tal fé: nem o não conseguimento do pedido, nem a volta, cada um a seu chão com as mesmas dificuldades - nada impedia que todos voltassem contagiados de fervor.

Outros, a quem o desamparo de tudo levara aos aleijões, as mazelas dolorosamente expostas, deformados, ~~[illegible]~~ da miséria dos homens desenraizados da vida; filhos embalados no colo seco da mãi aflita e sem remédio, a fome lavrando suas grandes colheitas: meninos chagados gemendo monsenhor dores imerecidas. Sem fé nos olhos baços. A fé que lhes faltava sobrando no olhar dos pais, a casa chama brilhando sempre indestrutível. Todas as lástimas dos corpos amarfanhados pela vida, subalimentados, dessassistidos de tudo, que lhes resta a não ser a esperança naquilo a que podem apegar-se.

Assim a fama se extendia...

Homens com o coração pesado de seus crimes acorriam também. Os rostos duros

barbudos, escondendo uma angustia que jamais os larga. Morte de semelhante sem remissão, a peixeira enterrada a toda a lâmina. Quentes e sujas ainda as grossas mãos calosas do sangue desprendido. Raivas de momento às vezes, longa premeditação, ciumada arrebatando o tino, ambição levando ao roubo, à maldade, para não falar dos pequenos crimes que doem em cada conciência; todos os arrependimentos sinceros ou ~~interessados~~ interesseiros (~~seu~~ pavor do inferno pesando na recordação dos meninos de ontem, hoje capazes de afastar de si tantos escrupulos menos esses pavores do destino.

Rostos ensombrados de gente simples atemorizada ante tudo quanto a transcende, tudo quanto lhe cheira a outros mundos, assombrações, poderes desconhecidos que oprimem o coração puro e desprotegido: coisa de crianças grandes, perdidas num mundo diferente daquele que desejavam e que os leva, atemorizados, a procurar auxilio na quer que seja menos frágil que êles.

Todos êsses e muitos, cada qual levando em si um problema particular; todos levando o problema maior que transparece no quadro lastimoso de se olhar: miséria longamente acumulada.

Fé tão grande realiza certos milagres de ilusão ou então deposita no coração desesperançado uma promessa tão grande

que ele volta, dobrado sobre si, já agora capaz de suportar tudo, todos os pesos de horror que a vida lhe jogue em cima, certo como está de que, ao fim e ao cabo, a felicidade lhe caberia de que modo não importa saber...

Da miséria de todos nasce a razão de ser de Elália, Santa Eulália, filha a mais querida de Deus, dotada desde nascença dos maiores favores divinos, guiada outrora pelo Padre Cicero nos caminhos confusos da vida espiritual, e já agora tão repleta de virtudes que se conta ter sido vista por alguém se levantando do chão por obra divina; defronte de uma estampa do santo padre seu guia que, era voz corrente, com frequência baixada do céu para instruir Eulália e lhe dar certos conselhos indispensáveis ao bom êxito de sua tarefa.

Santa Eulália!

Seu nome corria o Nordeste envolto em manto de esperança e ardor. Todos corriam a ela certos de que resolveria plenamente os duros problemas de suas amargas vidas. Seu Manuel também tinha suas precisões. Seu Manuel também se abalaria em procura da santa.

Dona Benta, como se ainda não bastas sem todos os outros lástimas que a vida

vinha trazendo naquele ano endemoninhado, dera de peorar de suas mazelas, gemendo dores cada vez mais despropositados, mal se tendo em pé para levar avante os afazeres da casa, sempre envolta numa densa nuvem de orações bichanadas, mais apegada a Deus do mesmo passo que nela cresciam as desventuras e as dores. ~~Mode~~ A modos que nem mais pertencia a este mundo, cada vez as coisas se lhe distanciando mais do conhecimento, amarrada a seus pensamentos aziagos, premunciando grandes desventuras que tolhiam e enegreciam o céu de sua alma apequenada de tantas lamurias. Vivia em despedidas.

Por isso quando seu Manuel lhe comunicou sua vontade de se abalar em procura da santa a rogar-lhe curasse as doenças, dona Benta não responder da primeira vez, desconhecer a segunda e somente responder à terceira, hum-hum quasi mudos de quem tanto se lhe faz como se lhe fez. Seu Manuel quiz agastar-se. Pois então ele se consumia todo buscando uma solução que resolvesse de vez aquelas consumições da mulher e ela em agradecimento fazia-se desatendida? Mas logo recordava os queixumes da companheira, ela que sempre empenada e escorreita na lida, agora vergava ao peso de amolações e mazelas.

Secretamente, resolveu partir em busca da santa, fôsse onde fôsse, que pesar ele tinha e mesmo ouvira rumores de que

ela vinha para aqueles lados. Apenas quem isso dissera não tinha sabido indicar ao certo de onde.

A multidão levantava no horizonte uma nuvem de poeira densa e opaca que era como um símbolo e anúncio da chegada da santa poderosa. Sinal do céu amigo se lembrando até que enfim dos homens sofredores, lhe extendendo seu manto de poderes intatos, pelas mãos puras daquela que viera tomar o lugar do maior dos santos - Nosso Padrinho Cícero - protetor dos pequeninos desprotegidos lhes levando ao coração desanvorado ou o consolo, ou a conformação ou a simples bençaõ protetora que se não dava os prodígios - tão grande era a fé! - pelo menos ajudava a suportar as desolações e mandava todos e cada um a sua casa com nova chama de vida terrosa ardendo entre os espinhos aguçados do pão-nosso recusado.

Primeiro chega no horizonte a anunciação - nuvem levantada pela multidão dos fanáticos que vêm já de tantas léguas seguindo a serva de Deus com decisão inabalável, nuvem erguida por tantos pés rocando o chão mas que o povo termina em considerar sinal celeste da aproximação da prodigiosa virgem. Para que todos preparem seus coraçoes no fogo da purificação, examinando os pecados, desfazendo malfeitos, perdoando ofensas pois

ai daquele a quem ela encontrar sujo de alma. Seus olhos decifradores descortinam para lá das aparências, vão ao fundo seres e ela lança em rosto aos pecadores penitentes suas faltas as mais escondidas. Por isso quem tem tem seus apertos de alma que se desfaça deles. Se tua mão furtou que ela devolva. Se tua boca maldisse que destruía a maldição; se teu coração invejar que ele retire de si a ambição. Cessem as mãs-vontades, os ódios, os desprezos — coração limpo a receber a que recolher os ensinamentos e poderes do padrinho de todos, Cícero, o filho mais do povo e o mais próximo amigo de Deus.

A notícia sai correndo, pelos caminhos em roda. Se espalha de boca em boca, rápida notícia bem esperada de todos e suscita um alvoroço grande pelas terras de em redor, de onde começam afluindo a ver onde passará a santa que rumo vai tomar, onde se demorará que todos desejam. Levar-lhe seus doentes, seus desabafos, suas dificuldades, suas oferendas.

Seu Manuel já soube também quando ela passará no povoado mais próximo e resolveu-se a partir. Não tocaria porém mais no assunto com Dona Benta. Dona Benta o tinha ofendido com aquele pouco caso da mulher para com seu oferecimento. Coisas de gente amurrinhada de doença,

emparedada em suas amolações, fechada em seus desalentos. Inventou uma viagem à cidade para tratar de um negócio. Dona Benta encerrada em si nem se atreveu a fazer perguntar-lhe nada. Seu manual apenas ameaçou de demorar uns dois ou trez dias que o povoado era longe e com o seu número de gente reunida ia ser difícil poder falar com a santa. E êle não voltaria tranquilo sem falar-lhe.

Abalou-se em busca de Zulália...

A idade lhe destruiu qualquer traço de formosura que acaso tivesse tido e havia quem jurasse ter sido bela. Era alta e magra. Antes parecia uma sombra de gente do que gente viva mesmo. Os longos cabelos desalinhados tinham emaranhados de floresta virgem. A neve dos anos lhe dava a cabeça uma aureola de venerabilidade. Os olhos, de tão fundos, perdiam-se tão longe que era impossível encontrar-se neles nada mais que não fosse a razão de serem desvairados. A face se dissolvia em rugas e rugas, traçando emaranhado sem número de pequenos desenhos indecifráveis. No todo um ar entre o sublime e a loucura que espanta as gentes ingénuas. Zulália, entrega ao povo de onde veio uma pureza de alma inatacável. Vive de esmolas e donativos. Não toca no dinheiro que considera signo do demónio. Aconselha a todos a maior pobreza. Fala rudemen-

te, sem beleza mas com tal força de intensão, com tão direta propriedade que o povo de onde veio bebe suas palavras e se deslumbra com sentir que lhe dirigem aquelas mesmas falas rudes que usa no dia a dia.

Na casa simples e desprovida acumulam-se os amigos, acompanhantes e aqueles que primeiro chegaram e alcançaram lugar de onde seus olhos possam ver o vulto milagroso. Lá fora a multidão se empurra, se comprime na ânsia de conseguir entrar, de desfrutar ao menos um instante a dita de falar com aquela que Deus mandou a resolver suas dificuldades.

De tempos em tempos, Eulália sai a falar ao povo com palavras de fogo: que o fim do mundo vem próximo, os sinais estão aí nas guerras, pestes, irmão matando irmão, os ricos pisando os pobres. Todos os ódios, desencadeados que nem filho respeita mãi, moços insultam os mais velhos, tudo divide os homens e o número dos bons vai minguando sempre. Só é grande a misericórdia de Deus que essa não tem limite.

Aquelas palavras caem no coração de seu Manuel como água leve da esperança lavando as terras ressequidas. Seus olhos se enchem de lágrimas. Falou à santa e agora irá ter com a mulher curada, se empinando no serviço, abandonando aquelas modorras a que se entregava. Pelo menos

no meio das tempestades, sua casa será firme e segura.

Foi preciso abrir mão de todo o dinheiro que tinha consigo para conseguir do homem uma entrada pelos fundos da casa. Seu Manuel o chamou num canto, êle fez a coisa difícil aproveitando a ignorância do compony, depois acedeu o dinheiro do compony alegando que mesmo assim só por muito favor. Seu Manuel tinha o coração batendo nas mãos quando lhe abriam à porta dos fundos. O marreteiro saiu por entre o povo, apregoando estampas do Santo Padre Cicero, de Santa Eulália, de São Francisco de Canindé.

Eulália lhe falou:

- Que Jesus seja louvado!

- Que seja! - retrucou seu Manuel Chato.

- Que te trouxe aqui, meu filho?

- Oh minha santa, mode curar mia Benta que o demônio à atingiu de doença ruim que nem se sabe o nome. Apois então como vas passando...

- E teus recusado ajuda ao irmão necessitado?

- Mais do que a mim?

- Pois Nosso Senhor Jesu Cristo te ajudará. Conserva tua alma sempre limpa de ambição e culpa. Ninguém sabe, qualquer tempo será o fim do mundo logo se verá uma chama abrasando as coisas e os soberbo logo tarão no inferno se

queimando.

– E minha Dona Benta?

– Bis Deus se ajude com sua graça bendita pelos séculos.

– Amém! – disseram todos os da sala.

– Vai em paz, irmão!

– Assim seja! – respondeu Manuel Chato.

O coração turbado de alegria. Esquecera os dias maus, os pressentimentos turvos, as tristezas curtidas, tudo agora era apenas a esperança se levantando como chama diante de seus olhos, onde aparece sempre sempre e de novo, envolta na túnica branca, o rosto trilhado de rugas, os cabelos brancos como lã de carneiros tenros, os olhos perdidos nas intimidades de Deus. Aqueles olhos lhe deixavam na alma – do mesmo passo um deslumbramento espantoso – medo e alegria e um sentimento de misterioso, de coisa que escapa à sua compreensão.

Os olhos de Eulália são um poço noturno indecifrável e ao mesmo tempo uma estrela rasgando a noite fechada. Manuel Chato jamais conseguirá esquecer aqueles momentos em que estivera ante a enviada de Deus. Suas mãos estão vazias, todas as minguadas economias perdidas mas o coração cheio.

Certamente aquela hora Dona Benta desfia nos seus lábios o deslumbramento do milagre. A alma nova, o corpo renovado.

Seu Manuel vai se reconciliar com a vida.

Paixão: Não tem com vontade de fazer amor na cama. Vamos para aquele cantinho atrás da grota. A grama é macia e você pode me virar de ponta cabeça. Estou morrendo de desejo. Minha boca em tua boca. Viu? já posso escrever o braço não dói mais.

Vamos um. Quiverdá tirar o gêmo do meu braço?

XVIII - A morte

Tudo desmoronava a seus pés. Como se a terra abrisse e êle fosse afundar. Nem serviam os grossos calos não mão rugosa de trabalho, aquele cansaço de sempre aumentado pela longa caminhada, os pés rachando, secos. Seca a língua, seca a alma de uma sede sem remédio.

Fazia gestos vãos, atabalhoados como se procurasse tatear alguma coisa do impossível, alguma coisa que levantasse Dona Benta daquela prostração definitiva, daquele desalento uneuso e amargo como o sal do suor que escorria em pagas de desespêro pela face queimada. Gestos desamparados de quem busca o que sabe não virá. Gestos que longo são o abandono das mãos ao longo do corpo com um suspiro mal percebido se escapando da bôca severa.

Vontade de gritar em seu ouvido:

- Dona Benta!

- Ei, sinhá Dona, se alevante!

Dona Benta imóvel, fria, distraída de seus rogos ela que lhe lia os pensamentos, as intensões, ela que fazia parte dêle tanto como seu braço. Palpou o braço, dá estava e entanto alguma coisa dêle se perdera definitivamente. Coisa bem mais importante que um braço - como se fôra o próprio coração que lhe tivessem furtado.

Vontade de praguejar, logo calmada

pela impotência. Os olhos secos aumentando o desespêro. Apenas a recordação povoada das coisas de ambos, como chamas que um repentino vento trágico tivesse novamente incendiado.

-Dona Benta!

O menino mordia os soluços num canto. De quando em vez o choro se tornava mais forte, incontrolado, dominando o silêncio pesado de seu manual, o silêncio irremediável de Dona Benta.

Era uma dor fina que o abalava todo a ponto de querer morrer. Seu coração estava esmagado como ave arrepanhada pelo frio. Porque lhe fugira ela assim? Remóia os pensamentos baseada motivos, esmiuçada e nada que desse uma razão razoável àquele desastre. Encolhia-se mais como se sentisse que um perigo maior se abatera agora sobre êle, pequenino, sem a proteção da mãi. Gostaria de ir com ela, ainda aconchegado no colo macio, os dedos amigos lhe emaralhando o cabelo, a cantiga mansa espalhada no noite silenciosa, onde apenas os grilos fazem sua sinfonia.

Tempo com aquele. Tempo de contar estrelas, contar e recontar aquela poeira de luz da estrada de santiago que até lhe falecian os números de seu pouco saber. Arzinhas piscando lá tão longe quem dera poder um ir pelo céu em fora em busca daquelas lanterninhas perdidas.

147 23/9/1848 33 7/231

Dona Benta chamando o sono, demansinho, com sua voz macia como os afagos da mão amorosa. Sono bom, povoado de cantigas e das estrelas innumeráveis, sono para sonhar o livro de bonecos azúis do filho do Bodegueiro. Agora já seguer tem Pachurreco para trocar pelo livro encantado, que nem ele o trocaria. Ademais...

Dona Benta balançando a rede, a musica balançando seu coração menino, o sono chegando e aquele rosto debruçado sobre êle, sempre entoando a melodia maravilhosa. Bom que era viver!

De repente os soluços acordam seu manuel, êle também perdido em seu mundo de recordações e amarguras.

Olha o menino e sente uma vontade louca de se chegar a êle e lhe passar a mão pelo cabello como ela fazia tantas vezes. De repente olha suas grossas mãos pesadas e rudes e vê que não foram feitas para acariciar. Se envergonha de não poder dar aquele carinho que vai faltar ao filho para sempre. E aqueles soluços abafados do garoto lhe cortando o coração de homem maduro.

Também êle agora é apenas um menino desamparado no mundo. Mundo amargo e sem esperança. O coração curtindo desalento sem remedio. A companheira já era êle próprio. Inventada tricos com ela, de natural

tão silenciosa, apenas ~~pelo prazer~~ para poder escutar sua voz, respondendo, numa longa amiga que morria logo.

Ou nem isso. Apenas estar um de fronte ao outro, silenciosos, pensando os mesmos pensamentos ou nem pensando. A simples proximidade boa daqueles dois corações que batiam igual.

Dona Benta se fora! Ela que fazia a vida menos ruim, que lhe quebrava as amarguras com seu cuidado silencioso, agitando tudo sem rumor. Dona Benta!

Vontade de chegar em seu ouvido:

-Dona Benta!

Inutil. Ela não ouviria. Não mais podia ouvir. Poderia dizer-lhe que a seca não importava. Ele era um homem. Sina no acude buscar água. Trabalharia na cidade. Daria um geito mas não se apoquentasse mais. Viveriam afinal. Que adiantava toda aquela sua amofinação?

E agora era tarde. Agora mesmo não adiantava trabalhar. Trabalhar porque? "Que os santos ajudavam". Ora os santos D. Benta, quedê os santos. Aí estava santa Eulália! Não se abalara êle para encontrá-la. Não deixara todo o dinheiro na mão do homem para chegar perto da santa? E então?

O coração do caboco se aperta mais.

Francisco rompe com seu cho-

no estrangulado. Um choro mendo e entanto enche toda a casa como se fosse uma voz de tempestade. Ou o gerito de passaro ferido, longe do muito, sem asas, desbaratado roto. Assim está o coração de Francisco: desbaratado!

Nada poderá ser consôlo para tamanha dor e tão grande orfandade. Que importa o sol lá fora se em seus olhos apenas as lágrimas Cri-Marian; que importa aquela perotecão que a presença do pai representa se a seus olhos hoje o próprio pai é uma cana ao vento frágil, dobrada ao peso da solidão.

Que valem as próprias lágrimas?

Isso o enraivece, lhe dá ganas de morder o chôro e sair, sem ninguém, desabalado, pelo mundo, sem destino que não fosse o de vadear à toa. E entanto aquele nó, na garganta, aquele marulho incontido que enche a casa, contrastando com o silêncio pesado do pai.

De repente seus olhos se pousam no rosto imóvel e sereno, tão sereno que parece conservar um sorriso, um sorriso triste e suave que êle ainda conserva nos olhos. Parece-lhe que êsse sorriso se iluminou de novo no rosto manso, parece-lhe que ainda uma vez vai ouvir aquele chamado:

– Chico, ei, chico!

O coração saltando de alegria, o choro um momento despito e logo retomado ante a dor irremediável. A verdade é a morte, a morte dura e fina – a visão que tivera

apenas era verdade em seu coração.

Aperta os dentes, olha o pai longo, parado em seu canto, sem palavras, a cabeça pendida e a imagem assim dobrada daquele que é para êle toda a proteção, o fez ainda mais desprotegido, entregue a sua própria solidão.

Manuel Chato matutando. Dez anos passados - uma vida lançada desde as sementes e que já ~~vai~~ vai sendo campo florido. Vida dura, para desaustinar um cristão menos agoito e que êle vencera. Deus sabia com que soma de coragem e decisão. As sementes já vão ficando fruto amadurecido no ventre amigo da terra; a cabeça bem levantada e sobranceira. Sôbre os ombros, os braços cansados de tanta lida, entorpecidos tanta vez, a não estalando, as juntas consumidos do gêdo curroo de cavador - ah! recordar que êle nascera vaqueiro, o corpo rijo intrinico numa sela, com aperrumo! - Mas no coração uma certeza, um consôlo: que haveria inverno, a terra mataria sua sede e o milho, o feijão seriam fartos. Haveria verduras para vender na cidade. A vida lá ficando boa.

E de repente uma transformação daqueles! As nuvens passando negras e carregadas, o sol crestando o chão já todo êle endurecido e nem pingo de água, sobre os campos. Santo roubado, São José irmão que não falta nunca faltou desta vez.

Por isso os ventos passam rápidos tangendo os nuveis negeras e estéreis. A tristeza se acumulando no correr dos dias. Coração de Dona Benta apoquentado, esmorecido, dolorido. Lábios de Dona Benta cansados de orações, infatigáveis desfiando as rezas, desfiando uma fé que nada desmancha. Pobre Dona Benta! Senhora daquele mundo perdido num sovaco de serra, senhora amargurada, coração grande demais para a vida amarga deste mundo!

Seu Manuel já compreende! Por isso ela morreu: seus lábios cansados de rezar, seus olhos enchutos de lágrimas, seu coração pesado de dor. E não era essa a vida que êle quizera dar-lhe, vida estreita, vida peca. Fossem outros os tempos e êle lhe traria umas roupas novas como ela merecia, ou mesmo seu enfeite vistoso.

- Dona Benta!

Se lembrou dela moça menina. Quantos anos fazia! Noite de S. João derramando seus encantos, tocando os coraçoes. E ela lhe ficara para sempre nos sonhos e nas esperanças. Linda como poucas, prendada como nenhuma. Mão de ouro no preparar de um assado que naquele tempo era êle vaqueiro e que comer sempre havia. Ah! tempo!

- Dona Benta!

Amor silencioso e encabulado o dêle, fogueira de muito calor e pouca chama. Amor interno de caboclo sincero.

sem palavras doces que êle ~~as~~ não sabia. Amor de vontade de fazer bem, de se acomchegar no mesmo teto, de se aquecer no mesmo calor macio da amizade. Não que o coração não lhe pedisse ternuras derramadas. Êle que se continha, media os gestos com medo de exceder-se.

Agora estava ficando velho. Não sabia bem quantos anos mas estava ficando velho. O corpo cansado se derreando mais de desalento do que mesmo ~~pelo~~ ao peso dos trabalhos. Mas ainda sentia um estremecimento doce à proximidade dela. Gostava daquele seu bichanar de preces quando pela noite ~~agora~~ dentro as redes rangiam e ela para entretela a insónia ia passar um café bem quentinho que desse novo alento aos corações.

Calados como era, pouco falavam. Mas êle sentia como se ela estivesse lendo seus pensamentos e isso ~~lhe confortava~~ lhe dava conforto.

Ali estava ela, fria, um leve sorriso ainda no rosto sempre belo apesar da idade e das canseiras e das amarguras. Um desespêro mudo o invade e seus olhos continuam enchutos sem uma lágrima que aliviasse.

Pela noite fora a solidão se apodera dêle. É agora um homem sem amparo. Aquela casa já não é mais sua casa porque lhe falta a dona. Tudo quanto o cerca lhe começa ficando odioso, como se o chão, aquele céu estéril, a casa, os próprios terreus da casa fossem os grandes culpados de sua dor.

Dez anos passados era um bicho sem dono ele e todos os seus, escorraçados da terra onde nascera que tão madrasta se lhe mostrava. Tangido pelo desalento, mas uma esperança acesa de tempos melhores. Aquela serra começara por roubar-lhe o filho Rufino. Fora como um mau presuncio mas, em seguida as coisas tinham melhorado. Jogara toda sua força de vaqueiro na lida e os dias tinham vindo menos ruins. Ali estava azinal numa casa que era sua, a que se afeiçoara mesmo, tinha sua criação, Malagueta era seu, jumento airoso e valente para tarefas duras, como um amigo da casa. Seu corpo cansado, derreado de esforço, anos a fio, sem um repouso. Os ~~dias~~ se somando em anos! Dez anos e tudo perdido, tudo afundando na ~~[illegible]~~ inutilidade.

– Serra madrasta!

Lhe roubara um filho, lhe roubava a mulher agora. Para que se matara então?

Os soluços tomavam, enchendo a casa de um desespêro estrangulado. Soluços mal contidos. Crescendo, crescendo como se ameaçassem rebentar o peito pequenino, ondas de um mar acostado de furios e logo, se desfazendo, apenas um gemido angustiado, lamentoso, insistente para logo depois se renovar a convulsão!

Francisco não está mais ali. Ele se perder no mar de sua angústia. Tudo

Me faze sob os pés, tudo se anuvia. O coração apertado até doer, os lágrimas rolando, rolando pela face uma impotência que o estrangula. Busca encontrar-se mas está perdido, perdido de si.

Nenhuma recordação pode consolar o desamparo do ~~caboco~~ menino. Como se o mundo inteiro viesse esbater-se com êle para destruí-lo. Como se todas as coisas zombassem de seu desespero amargo.

- Mãi!

Aquela voz é agora sem sentido. Não mais despertará os carinhos que só aqueles dedos mansos conhecem, não mais a voz velada entoando a cantiga e chamando os sonhos, os sonhos de terreiros onde o afago macio persiste deslizando nos cabelos rebeldes. Amor de quem perdeu tudo no mundo e se agarra com nova força ao filho que resta na terra estéril, na vida estéril. Querendo dar a este o que o coração atarefado não pode dar aos outros - e sempre espavorida de medo de perde-la, sempre ciciando rezas, rezas inúmeras pelo filho único e frágil no mundo inimigo.

- Mãi!

Os olhos se vidram só de pensar na palavra. Palavra perdida como eco inútil se desfazendo vagorosamente, perdida para sempre aquela pequina chama que seus lábios soltavam ora com alegria, ora com tristeza, com varios inflações mas sempre o mesmo calor amigo de proteção e consolo.

Agora restam as lágrimas escorrendo ininterruptamente pelos olhos vermelhos de tristeza e lástima, como um rio sem fim de orfandade, sal de angústia se desfazendo escorregadio pelo rosto de Francisco.

Nada mais vale agora. Agora que lhe juntaram Dona Benta, calor e luz em que se aquecia, chama de ternura vigilando sempre, atenta aos menores gestos do filho.

Não quer mais coisa alguma. Nem mesmo o livro lindo do filho do bodegueiro, cujas cores ~~de~~ vivas dançavam em seus olhos como o arco-iris. Tudo agora é inútil. Já não inveja ninguém. Apenas queria de volta aquela sem a qual tudo o mais perde a cor e a alegria. E não pode. Há uma pedra enorme pousada sôbre o coração pequenino, uma pedra que asfixia e faz saltar os soluços que irrompem temíssos derrotando a timidez do menino.

Seu manuel silencioso e imóvel de quando em vez atira um gesto abrupto, desamparado que nem êle mesmo atira se é vontade de alcançar o corpo da morta, vontade de pedir-lhe que fique ainda um pouco mais para que lhe possa contar como viu Santa Eulália, como se abalou para trazer-lhe de volta a saúde, ou então uma tentação doida de acariciar a cabeça do menino para o qual sempre teve apenas gestos rijos e palavras secas. Gestos vãos. Nem a mulher se acordaria do seu sono definitivo e seu remé-

dis nem suas mãos teriam o poder de calar o soluço esmagado do filho.

Silencioso e imóvel. Certo da sua impotência ante a fatalidade e entanto com uma revolta densa se avalumando em seu coração em ondas de raiva de desespêro.

Morte assim! Sem que ao menos êle estivesse junto com ela para despedir-se. Que diria êle? Nada; guardaria o silêncio de sempre, mas, perto um do outro, ela saberia ler seus pensamentos e isso bastava para estarem bem próximos. Diria nada. Consolava-o ao menos a ideia de que se havia cêr, nêle estaria agora Dona Benta recebendo sua paga. Os lábios se movendo num ciclo de orações intermináveis, desfiadas lenta e longamente!

Dona Benta!

A palavra lhe escapa e enche o silêncio que apenas o choro do menino povoa de uma tristeza lastimosa. Aquela palavra é bem o adeus, o adeus ~~daquele~~ do coração simples e pobre ante a companheira perdida. E há um sôpro tão quente de ternura neste chamado ~~como~~ que seu coração estremece de certeza de que a mulher estará consigo para sempre.

O chôro do menino cresce angustiante na noite silenciosa.

[illegible]
28-3-51
[illegible]

XIX - A Partida

As duas cruzes se alinham uma ao pé da outra. A primeira, menor, batida pelos muitos anos foi preciso calçá-la de novo para que não arriasse. Frágil e abandonada como ficará. A outra, bem maior é como sombra protetora da primeira, a lembrar a ternura da mãi bento pelo filho. Rufina, morte como ave sem penas ferida pelo vento inesperado e rigoroso. Vento da morte!

Duas cruzes no chão seco e estéril, preço da serra madrasta pelos poucos anos de ventura e rude trabalho que lhe tinham entregues, preço amargo de mãi sem entranhas, devorando os filhos sem piedade. Madrasta mesmo!

Em baixo a encosta sem verdura nem vida, floresta de galhos secos e desolados. onde apenas o mandacarú se levanta forte de sempre, sem raivas que lhe matem a raiz prodigiosa. Assim mesmo, verdadeiro filho daquela terra áspera, eriçado de espinhos e hostil como se sem coração de planta fôsse tocado pela crueldade do chão e contra êle se arripiasse em unhas afiadas!

Mandacarú como bandeira de guerra plantada contra tudo e contra todos, como um sinal de aviso a quem chegue com o coração desbordando esperanças para

que aprenda desde logo a amargura que o espera na vida dos homens sem piso certo.

Mandacarú espinho plantado na carne da terra modrada, de coração seco sem brandura como o chão crestado e duro.

Apenas êle tenha contra a triste desolação geral dos galhos secos, estalando ao calor, entre pedras que bichichos rondam.

Mais ao fundo os campos, outras vezes verdes como a alegria, agora mirrados de pequenas hervas que o gado faminto disputa e chão de poeira. Raros pés de milho estiolando sem forças ~~de~~ nas capoeiras cansados.

O açude reduzido a ~~[illegible]~~ poças de água cada vez mais escassa, como a verdura nos campos, o milho nas plantações, a vida no coração dos homens.

Tudo faz uma paisagem de desespêro que casa bem com aquela amarga realidade das cruzes plantadas na serra ~~[illegible]~~ entre horizontes de mêdo, o signo da morte como uma espada rasgando o coração do cabocho.

Pai e filho olham as cruzes, silenciosos, remoendo cada qual suas queixas, suas amarguras. Diz-se-ia que ali se rompeu o coração de ambos. Se rompeu sem remédio e para sempre.

Entre galhos secos, no chão duro de sede os corpos amados repousam. Sem aves perturbando o silêncio pesado e a angustia dos que ficaram...

Dali não podiam esperar coisa alguma. Seu Manuel Matutá e se cansa procurando uma saída e não acha. Plantar, a quê se a terra se mega e a chuva não virá mesmo? Plantar o quê, se o último grão já se gastou, não resta bago de muito para as creações, nem pasto para o jumento? Além do mais aquele chão tem alguma coisa consigo que lhe pesa no peito, uma opressão, como se fora êle o culpado — chão trágico — da desgraça que o afligia! Todos estes pensamentos o oprimem, lhe devoram as esperanças, o consomem em sua solidão.

Vivesse Dona Benta e êle lhe contaria seus apoquentamentos, embora soubesse que ela se limitaria a concordar, enfim isso de ter alguém a quem podesse contar suas desventuras, explicar seus planos, lhe dava um calor bom na alma ingênua e uma decisão maior para enfrentar as durezas de cada dia. Vivesse Dona Benta, êle diria:

"Pois sinhá Dona é o caso que estamos sem tostão, as creação minguada e sem ração Malagueta. O demais nem chove, o tempo é isso mesmo, as plantas se assecando mais e mais — sinhá Dona já viu a horta, que se aproveita? — tudo por aí fora no mesmo ponto que ninguém tem fortuna, a senhora sabe, apois então me parece que se nós não quer desfrutar sem nada o geito e ir-se embora sem mais estas. Se vende

os bicho todo, a menos malagueta que é de casa e nos vai-se embora..."

- Vai não?

Dona Benta acederia, julgando tudo muito bem dito, acrescentaria:

- Com Deus nosso Senhor Jesu Cristo, seu Manuel.

Dona Benta porém está morta. Não adianta falar. Com quem? O menino se resumiu no canto, fechado em si, arrumando pedrinhos no chão, sem uma palavra, nem comendo...

O remédio é ir mesmo, vender as coisas e partir pelo mundo, como tantos outros, em busca do que viesse. Homem ele era, homem macho, bom para pegar de rijo no trabalho - trabalho houvesse! Afinal que adiantava aquela prostração se o filho tinha de cinar-se e não podia ficar entregue aos caprichos do mundo, a toa, como cachorro sem dono. Dona Benta por certo não gostaria de ve-lo assim, abandonado, sem forças para seguir lutando. Dona Benta se vivesse lhe diria "vamo seu Manuel, precisa a gente fazer por si"!

O cigarro muncho entre os dedos, seu Manuel remois os pensamentos..."

Para Francisco nada mais adianta. Para que viver ~~mais~~ se Dona Benta nunca mais fará cafuné em seus cabelos rebeldes, nunca mais cantará coisas mansas para adormecê-lo, e por isso não voltará em

seus sonhos, com olhos derramando ternura contar coisas de reis e rainhas. Seu Dona Benta é como se lhe tivessem arrancado alguma coisa de lá de dentro, talvez o coração pensa alguma coisa que fica doendo fino e sempre. Por isso preferia ir com ela, ir com ela para onde podesse continuar alisando seus cabelos, cantando cantigas de adormecer...

As mãos juntam os pedrinhos e tornam a desarrumar, mas o pensamento ~~viaja bem longe~~ foge para sempre as mesmas coisas pequeninas, de todo o dia, que agora ganham nova força vistas através os lágrimas de amargura e ~~desespêro~~ saudade.

Resta o pai. Mas o pai é aquele homem rude e sem geito, a quem a morte da companheira deixou também desarvorado, presa de sua própria solidão, precisado êle também de consolo.

E entanto sabe que ~~se~~ tem na sua frente um amigo. Um amigo cuja sombra enorme se abate sobre êle, como a abriga-lo das desventuras que o amoquam. Se recorda do último São João, a chama da fogueira iluminando o pai, lhe fazendo o vulto gigante como de árvore poderosa protegendo todos. Jamais esquecerá aquele dia. Seu Manuel que êle conhece é bem aquela imagem fixada na noite prodigiosa...

Pai e filho se consomem no desespero. Entre ambos o silêncio tece os pensamentos da tristeza comum. E, sem que para isso sejam precisas as palavras, os co-

nações bolém no mesmo ritmo...

Aquele filho é para êle agora toda a riqueza, a única que não foi destrocada nas asperezas da vida. Por êle ainda vive e tudo o mais que faça terá apenas um interesse - Francisco.

Por isso lhe bolou um nome grande, um nome para encher a boca, um nome de gente! Não vai querer que o menino seja como êle um ~~animal~~ bicho perseguido pela mã sorte, tangido de um lugar para outro, sempre incerto o chão sob seus pés.

Ali está êle que nasceu vaqueiro, o corpo afeito à roupa de couro, às cavalgadas, a alma afeita ao campo largo sem fronteiras, o ouvido cheio do mugido dos bois, os olhos cheios da vastidão, ali está êle agora cavando seu pão, ajonjado, depois com o peonar dos tempos alugado e agora sem destino a não ser a incerteza.

De repente, o assalta uma ideia. O homem do jornal. Sim, aquele amigo quem sabe não mora na capital? Terá ter com êle, lhe contará sua vida, pedirá uma protecão para o menino. Alguma coisa lhe diz que aquele amigo não o abandonará. Retira a fotografia do bolso e fica olhando o rosto do desconhecido. De novo sente que nem tudo se perdeu. De novo uma pequenina chama se acende em seu coração pesado de desalento, como se amigo lhe estivesse dizendo:

– Coragem, companheiro!

Afinal sabe que lhe vai doer aquela fuga. Seus pés já aprenderam de cor os caminhos da serra, ~~seu~~ Kobitúon-se ao socêgo completo e largo que cresce da ~~chão~~ solidão na mata, silêncio apenas quebrado pela ave que trina, o estalido dos galhos secos e a música da água caindo, quando Deus manda chuva, se despenhando de pedra em pedra até ao ~~pé~~ pé-da-serra.

Havia na mata uma grandeza irmã da grandeza dos campos que lhe fazia bem à alma e desmanchava as nuvens da melancolia. Seu Manuel se sentia bem galgando aqueles caminhos até ao topo, lá onde a vista alcançava ~~até~~ os longes da distância e o ar era mais fino e frio e fazia bem ao peito. Então esquecia tudo quanto oprime para soltar o contentamento que traz em si. A alma sem manchas de derrama em alegria e na solidão, sem encabulamentos, solta ao vento sua cantiga.

Quantas vezes naquilo mesmo, esquece o tempo que se escapa rápido, só regressando a casa quando a noite se apressa já no caminho, pronta para acender no céu suas estrelas. Por isso ali voltou agora a despedir-se, o coração apertado de angústia. Para olhando ainda uma vez o horizonte. E como nele nada existe mais da alegria viva dos campos verdes,

da mata com suas árvores vestidas, do canto alegre das aves. Tudo são amargos contornos de pedra e chão ressequido, as árvores mostrando apenas os galhos sem seiva, como braços retorcidos pelo desespêro.

Paisagem irmã de sua dor que também nêle apenas espinhos sangram e tudo é um deserto ~~doloroso~~ lastimoso onde as aves da alegria silenciaram.

Onde no ar uma tristeza amarga, uma suspeita de medo que cobe da terra com sede, dolorida e se espalha em tudo. Como se o própria natureza pantilhasse da desolação geral, como se o coração da mãi se doesse de ser madrasta, como se a ferisse um remorso sem nome.

Seus olhos se ferem em tanta esterilidade. Desta vez nenhuma canção conta o silêncio porque a fonte da alegria está seca e não jorra cantigas. Apenas um mugido ~~tur~~ lamentoso, de queixa atravessa o ar morno da tarde, mugido que é como um anúncio de morte!

Seu Manuel aperta o passo que o coração se desmorona diante de toda aquela desolação. Não pode esperar a noite, que não terá estrelas, por certo. Preciso fugir de tudo aquilo antes que seja ferido também pela sombra da desgraça.

Aparelha Malagueta. Põe na garrupa do animal o ~~que pode ir consigo~~ saquinho com os últimos pertences e chama o filho. Depois amargurado tange o bicho e exclama:

— Francisco, vamos se embora pelo mundo!

B. P. Sêrrio

= III PARTE = (165)

Os caminhos da fome (1)

Quando Manuel Chato atingiu a ~~grupo~~ leva já está vinha coberta do pó de longas caminhadas, as roupas em farrapos, os rostos desalentados e apenas nos olhos tristes relampeando a espaços a chama breve de uma esperança. Muitos já avançavam apenas porque avançar era o único caminho que lhes restava, todos os outros fechados. Procurar trabalho onde se em toda a parte havia apenas miséria se somando a miséria e outros muitos abandonavam o seu para rasgar caminho em busca de destino menos amargo. Por isso tinhavam caminho, levantando a cada passo a desesperança que ameaçava dominá-los, com aqueles desejos de abandono, cada um estirado no chão em busca da morte que viesse.

Outros, como plantas fincadas em terra pobre e inimiga mas que tinham em verdejar, resistiam, buscavam energias onde ninguém suspeitava as houvesse e com palavras fortes chamavam os companheiros à vida, os arrancavam dos poços do desalento, os tangiam com a vergasta de suas ilusões.

Puchavam casos de fulano e fulano, como êles também tangidos pela fome, como êles também tinham trilhados os caminhos da fome e acabaram vencendo. Quem sabia algum dêles no futuro não

veneria também? À grandeza de Deus nada era impossível, se lembrassem. Em chegando à capital se arrumariam ou se não cada um rumava para mais longe, pró Amazonas a colher a borracha — pois não estavam recrutando gente, não ofereciam coisas? Ou ainda para o Sul, para o Rio e São Paulo que era um outro mundo onde todos tinham o seu e um operário era rico!

Por momentos o sopro da esperança bafejava os coraçoes, cada homem percorrendo na imaginação os caminhos do futuro, caminhos sem aquela amargura do que agora trilhavam. Afinal podia ser ~~mesmo~~ que Deus ajudasse e quem sabia mesmo... nem era bom pensar! Se aqueciam no calor bom desses pensamentos, esquecidos do corpo que, moido das jornadas, apetecia tombar, esquecidos da fome que doia nas entranhas, esquecidos dos apertos do coração incerto. Por momentos...

Logo os retomava a certeza de sua impotência diante da vida a que a fome punha laivos de desespêro. Mas continuavam a viagem porque êsse era seu destino, perseguir onde ela estivesse, a felicidade que o mundo inguaio lhes negava avaramente, a êles que, por suas mãos decididas e calejadas, faziam a terra se cobrir de frutos, como se fossem a semente viva do mundo. Seu suor fecundava o chão, aquele mesmo chão que sequer era seu chão

incerto que amanhã o patrão lhes tomaria a seu capricho. Dele arrancavam o parco pão de cada dia, de onde sairia ainda a meia que os donos da terra roubavam a seu esforço.

Como se tudo no mundo fossem seus inimigos até o céu se fechara para êles que nem pingo de água tombava sobre os campos ressequidos. A enchada faisca ca durezas contra o solo e o grão seguer botava seus brotos ao sol.

Dias e dias, seus olhos prescrutadores sondaram o horizonte em busca de uma mudança que trouxesse as chuvas negadas. Em vão. Apenas se acumulavam nuvens negras que o vento tangia para longe deixando o negro desespêro no coração dos homens. A mingua os derrotara por fim e saiam em levas, sempre acrescentados de novos desesperos, como rio de miséria que alastrava pelo sertão, pela serra, impelindo os homens para onde acenavam as esperanças vãs.

Quando Manuel Chato atingiu o grupo já eram mais de trinta, que haviam se juntado pelo caminho como se a companhia lhes desse forças para melhor lutarem, unidos, contra as asperezas da longa viagem, contra a solidão devoradora dos homens abandonados. Se amparavam uns nos outros, dividiam o que era de cada um, irmãos até na miséria que já os abatia.

Joana com seu menino tenro ainda, fechada em si, escondendo que dores ninguém sabia, dores que lhe escorriam dos olhos lindos em rio de lagrimas. Procópio e Zeleão sempre contando suas aventuras de homens conhecedores dos caminhos todos do sertão, soltando suas piadas que fazian rir a malta, improvisando desafios. Manuel Chagas, dobrado de muitos invernos e desatinos com a va Princesa sempre a seu lado, vigilante, receoso de que os homens enlouquecidos pela fome lhe matassem a última rez, última riqueza e alegria de sua velhice amarga. Pobre Princesa que perdera toda a beleza antiga, reduzida a um feixe de ossos, soltando mugidos de cortar coração. Manuel Tulô com a mulher e os quatro filhos que restavam da fartura dos dez que tinham lançado ao mundo e tinham caído, vida em fora, desprotegidos que eram. Manuel Tulô, carrega com êle um desespero que o consome, como se o peito, de tão carregado de tristezas fosse rebentar a qualquer momento. Pulô Manuel Tulô, desastriado, mudo, presa de seus pensamentos... E tantos mais que a leva vai sempre se aumentando com os que em cada povoado se lhe acrescentam e os ~~vela~~ que o cansaço separou de outros grupos de emigrantes e arrastam pesadamente seus corpos alquebrados.

Não tardou que fossem cincoenta

Amparados uns dos outros, certos de que essa união os ajudaria, diminuiria a incerteza, a confiança se acendendo no coração de uns quando no de outros rareava. Atormentava-os a solidão, fugiam dela como bichos assustados pelos cãis de caça - fugiam ao silêncio.

Embora por vezes a língua enchuta e áspera apetecesse ~~falar~~ calar e os pensamentos escorressem molemente pelas cabeças tonteadas de calor, lançavam aqueles vozes, tantas vezes sem sentido, ora simples exclamações a chamar a atenção do companheiro, para que retrucasse, para quebrar o silêncio que pesava como chumbo na consciência dos homens subitamente desamparados de seus irmãos. Ou ainda alguém pedia a Zeleão que contasse uma nova história. Zeleão já cansado de invenções, ameaçava:

- Não tem mais!, e logo conduído de todos sacava do coração amigo e largo uma doce mentira que todos ficavam saboreando, unidos pela atenção comum ~~aquela~~ à voz do companheiro. Nesses momentos sempre Zeleão acabava bem suas histórias e êle as tinha verdadeiras e tristes, êle sabia como ninguém contá-las, mas quando entendia, bicho matreiro qual era o mal roedor que se espalhava nos amigos, seus irmãos, sabia dosar as coisas, alimentar a fogueira quási extinta com nova lenha de esperança.

Sabiam que muitas das histó-

rias saiam da imaginação viva do caboco e mesmo assim lhe lebrão as palavras, aquecidos por dentro com aquela voz irmã, de modulações vivas na boca ~~[illegible]~~ maliciosa do compadre Zeleão, que sabia de coisas.

Apenas Manuel Chagas, cada vez mais receoso, não largava Princeza, a acompanhava sempre de perto como se fosse ~~[illegible]~~ gente a quem amasse, ciciando palavras baixinho, afundado em suas lembranças.

Alguns vêem de muito longe, andando dias a fio, outros apenas mal acabaram de chegar — logo ~~que~~ se fazem irmãos, repartindo o pouco que mal chega, esquecidos de si para pensarem em todos, o coração se alargando, destruindo as mesquinharias de cada um, um coração maior nascendo, um coração de todos.

No pensamento de cada um, dividindo aquela imagem particular das coisas perdidas, do chão inimigo que amavam, dos caminhos tantas vezes seguidos que já os pés os sabiam de cor, da paisagem que seus olhos guardavam firmes, das pequenas alegrias e das grandes amarguras — isso os dividiria, se não houvesse aquela vontade que tudo devora e desfaz, de chegar na capital, na cidade grande onde na certa haverá trabalho para todos, a necessidade de vencer a distância que parece, a cada passo de aproximação, se tornar maior.

Malaguetá foi acolhido por todos com uma alegria derramada. Não raro um que outro, sobretudo as mulheres, queiram render-se de cansaço; havia então que ampará-los, retardar a marcha para que podessem prosseguir e o cansaço de todos tornava a ajuda cada vez mais difícil, os corpos se recusando cada vez mais ao esforço de sustentar-se um homem quanto mais de amparar segundos.

Por isso todos acolheram o jamento com sinais de viva alegria e logo se acordaram todos em que o animal carregaria com os terrens mais pesados e que fazia maior estrago em seus donos. Isso aliviava grandemente a todos pois de tempos em tempos se revezavam os carregamentos de modo a que todos tivessem seu ~~repouso~~ alívio. Logo se colheram resultados disso e mesmo quando depois a mulher do Manuel Tulô, ajoujada com o filho menor, arreou no chão sem fôrças, foi ainda a Malaguetá que coube a tarefa de carregá-la por bom espaço de caminho.

Manuel Chato era de todos o mais confiado; aquele amigo encontrado no dia de azar, com quem não falara, que não vira sequer, mas que sabia companheiro, um homem para se confiar nêle. Tinha vontade mesmo de procurar alguém que soubesse ler aqueles sinaizinhos miúdos que se alinhavam certos correndo todos num mesmo rumo:- Chee

Diabo estaria dito naquele papel? Por vezes contudo assaltavam-no dúvidas amargas de que estaria se enganando e talvez o homem não passasse mesmo de um figurão qualquer desses como o prefeito que avançavam em cima de um pobre com palavras grosseiras. Isso o impedia de levar à realidade aquele desejo que sentia de procurar um companheiro que soubesse ler e lhe informasse direito sôbre aquele extranho que todavia mais lhe parecia um irmão.

Nesses momentos arrancava do bolso, a escondidas, ~~do bolso~~ o farrapo de jornal e se quedava olhando ora aquelas letras que para êle não formavam sentido e no entanto o convidavam permanentemente a decifrá-las, ora a figura que lhe prendera a atenção com tal força. Um dia decifraria tudo, sabenia ser nome, e o que diziam aquelas letrinhas miudas acumuladas. Como que se apertando com receio de não cabarem todas no papel: ~~Nessas horas~~ Bambeava a cabeça:

– Hum, hum?! – se encolhia na sua pequenez de desfavorecido da sorte. Uma coisa êle entendia: aquela estrela pequenina que aparecia no cimo do papel, irmã das estrelas que iluminavam os caminhos noturnos do céu e traziam um calor bom ao coração dos homens. Essa estrela pequenina era também um bom augúrio...

X

X X

173

2

A solidão, agora o compreendiam, era um lobo que devorava todos. Cada qual perdido em sua mesquinhez apenas avançaria dois passos no longo caminho que logo a desalento ~~soltaria~~ o tenia preso ao chão sem forças de prosseguir; cada qual, entregue a seu próprio desamparo, mais não era que um coração desatinado, se buscando sem encontrar-se. A solidão, agora o compreendiam, lhes furtava o ânimo para dominá-los.

Invadida de pensamentos desencontrados e inimigos uns dos outros, a mente semelhava o mar atacado de muitos ventos furiosos e o homem, entre vagas medonhas e ameaças contínuas de morte, apenas seria um barco ao leu da sorte. Agora tinham quando mais a angústia se encapelava, uma voz irmã a despertar-lhes o seno mar, voz que trazia calor de vida e chegava no ouvido como afago macio. Logo os bons pensamentos despertavam, invadiam a alma em tristeza e a cabeça se firmava novamente sôbre os hombros; todo o corpo se enchia de novos alentos.

- Companheiros!

Isso mesmo eram agora, tivo dido o coração de cada um no coração de todos. Como se todos batessem no mesmo ritmo igual e certo. A uni-los aquela chama de esperança que inaugurava o caminho, e se nutria, como de lenha, de seus corações iguais, tensos pela mesmo sentimento.

Nem precisava que houvesse sinais externos, a simples proximidade lhes fazia bem ~~ao coração~~, dava uma nova confiança nas forças de cada um e, por isso, ainda marchavam. Havia os que tinham ~~[illegible]~~ marchado muitas dezenas de léguas - os pés sangravam já, e não sentiam mais as pernas, em seu lugar alguma coisa muito vaga mal obedecia, há vontade de vencer o caminho, a cada passo julgam que lhes faltarão completamente as forças e se preparam para cair em definitivo, os cordas da vida esgarçados até quasi partirem se tornando mais e mais frágeis. Havia os de natural amargo, os que não acreditavam fácilmente em que pudesse sequer valer a pena a jornada, os que olhavam com inveja as árvores murrando de sede, os braços contorcionados e hostis, sem uma queixa se acabando de míngua. Logo porém havia os de ânimo levantado, os a quem não roía facilmente o desespêro, os que eram como plantas bravias afeitas à terra seca e estéril, que vão buscar vida Deus sabe onde. E esses irrompiam em falas de animação ou apoiavam com seus curtos, a última invenção de Zeleão, cujo corpo enorme contrastava com seus histórias de menino sem malícia.

- Assim que foi, tava eu para os lado da Paraíba...

Ou então era o desafio com Procópio, cada qual primando nos doestos, se ferindo com malícia, invocando cada

qual a mãi do parceiro para lhe atribuir só defeitos e tudo apenas para que o coração comum se mantivesse vivo e o fogo da esperança não se apagasse ~~nos corações~~.

Irmãos que são agora, morita a mesquinharia que lhes devorava a alma. Cada um que chega e se reune ao povo entra cheio de escondeijos, acuado, fechado em si, mas logo os homens o sacodem daquela pequenez, lhe acenam novos caminhos mais claros, onde não caiba a pequena inveja, o ressaibo, o sentimento contra o parceiro, lhe alargam a vida merida mostrando ~~que~~ como apenas unidos os homens terão força para alcançar seu desejo.

Como heroas daninhas, todos os sentimentos mesquinhos são arrancados, a cada passo mais na longa, no dolorosa caminhada atravez aspereza das coisas e dos homens inimigos que se fecham na suficiência fantá. Esquecidos dos irmãos, fechados no circulo de sua nulidade. Sem joio, o bom trigo pode enfim nascer e prosperar, o trigo do coração alargado, contendo já não apenas suas amarguras, mas tambem os de cada um que lhe seja companheiro. Coração alargado onde cabem todas as desventuras e onde nascem palavras amigas para o desalento, a tristeza, a solidão. Coração debruçado sôbre as necessidades comuns, coração repartido e por isso mesmo maior, mais capaz de grandes coisas - maduro para a vida comum.

O que venha chegando e ainda traga sua pequena fartura, logo a divide pelos irmãos e se sente feliz com a nova pobreza maior que faz incerto seu próprio pão, para que as bocas mais esfomeadas possam sentir o gosto de vida que traz qualquer alimento, demoradamente mastigado. Entem os que o fazem uma nova e inesperada alegria ao ver a mão tremendo de fragilidade atirar à bôca o punhado de farinha, com os olhos delirando ante a inesperada oferta, ante a alegria que deixa no estomago vazio, o contado amigo do alimento.

Certo que por vezes reponta em êste ou aquele uma antiga raia de orgulho ou inveja, uma surda determinação de cuidar apenas de si, de se defender àvaramente a vida sem cuidar nos demais. Repontes da antiga suficiência: cada um forcejando sem amparo, entregue a seu esforço e à sorte que Deus desse. Herma escondida que escapou ao alcance dos dedos e brota agora, sorrateira. Logo porém o próprio que fraquejou se concerta, abaixa o rosto envergonhado e se entrega aos vai-e-vens amargos da sorte comum.

A vontade de vencer a distância, de atingir a capital e com ela a vida, a vida que ~~lhes~~ neles resiste a golpes de coragem sobrehumana, a impotência de cada um, os levam a se ampararem uns nos outros. A necessidade os faz companheiros.

Guidinmis

x

x x

x

x x

177

3

A noite se enche de suspeitas e intenções. Ninguém suporta mais aquela fome trágica: Não há estrelas vigiando o sono dos homens. O sono falta. Há aquele vazio roendo as entranhas, devorando os últimos esforços de cada um para dominar-se, fazendo dos homens simples bichos atriados no chão seu conchego, o suor empapando as roupas e levantando pestilências, os olhos abertos procurando na noite alguma coisa, algum sinal que trouxesse ao menos a esperança.

A vaca princesa conta a noite com um mugido lastimoso e mole que se perde nos longes, lúgubre e triste como a própria noite negra e a negra desolação dos homens. Aquelo mugido acende na imaginação de todos o mesmo lampejo. Deus faz já que vem se contendo para não tocar no animal. Move-os a isso o respeito pelos cabelos brancos do velho Manuel Chaves, dobrado aos anos e às desventuras, murmurando consigo mesmo longas lamúrias, repisando as adversidades da vida que lhe tinham roubado tudo: primeiro a companheira de tantos anos, depois a filha fugida com o viajante que se hospedara em sua própria casa na liberalidade que sempre extendera a todos, finalmente e quando já outro amparo não lhe restava, tinha chegado o último ladrão, a seca, para lhe arrebatar o gado que ele

guidava com tanto carinho. ~~Ainda lhe~~
apenas ~~isso~~ detem, isso apenas os im-
pede de consumarem o desejo que vem
abafando há tantos dias, sobretudo depois
que a fome e a sede começaram trazendo
a cada um novos desesperos amargos.
Mal se continham já, porque o estômago
doia a um ponto extremo e as crianças,
já quasi sem forças não poderiam conti-
nuar avançando se lhes não amparas-
se a vida algum alimento. Estes pensamentos
tinham agora com uma insistência que
moia os homens. ~~De quando~~
De quando em vez uma ~~cria~~
menina de peito rompia num choro deses-
perado, de ferir as entranhas maternas,
dilacerada a noite com seus vagidos de
fome sem remédio, já que os peitos murchos
ia secando mais e mais.
Que valia o embalo temioso,
o oi, oi, oi dolente das mãis, o conchego enter-
tecedor que acabava adormecendo, causados
e sem forças as crianças, para logo mais
acordarem rompendo um choro mais
desesperado ainda que o anterior.
Olhos inchados de tristeza e
insônia, olhos fixos de tanto velarem, rom-
piam com uma chama pálida dos ros-
tos que a fome engelhara precocemente, a
que tristeza roubara a belezas que tivessem;
Olhos de mãi injetados de desespêro lan-
çavam maldições sobre tudo - sôbre o mundo
inimigo e sobre os homens avaros.

Os pais vigiavam o desespêro com seus coraçoes apertados, mal se contendo, contando as horas da noite pelos mugidos de Princesa que se fazian a cada vez mais desesperados, como a angústia no coração de todos!

Velho manuel Chagas velava por Princesa como um amor em q. lançava tudo a ternura que a vida lhe roubou. Também êle não dormia ainda, também seus olhos que em tantos anos tinham visto tantas coisas, tanta fartura e, agora, tanta miséria, seus cansados olhos onde o amor acendera antigos lâmpejos, seus cansados olhos que já tinham derramado lágrimas de alegria sôbre o berço da filha terra, seus olhos cansados vigiavam ainda apesar do adiantado da noite, vigiavam Princesa.

Êle se apercebera daquela sunda trama que ganhava corpo no coração de todos, sabia e compreendia aonde o desespêro leva os desesperados... Por isso vigiava atentamente. Para êle só restava de tudo quanto tivera aquele animal manso e bom que definhava êle também, tocado da miséria geral. Isso lhe dizem os longos mugidos que para êle tinham um sentido fácil de perceber, afeito que era à fala dos bichos a quem dava todo o coração.

Fôsse o que fôsse sentia aquela noite uma vontade maior de estar junto de Princesa

Talvez porque a noite negra convida-se à proximidade, talvez porque o desamparo-se a solidão das horas lentamente escoadas, demoradas, longas. Talvez porque seus olhos avisados tivessem percebido uma inquietação geral que ~~[illegible]~~ se traduzia em sussurros, em desvios de conversa quando êle chegava, nos olhos baixos dos que lhe falavam... Sabia que a paciência atingia seus limites. ~~Ele~~ Estava velho. Talvez a êle não lhe pesasse muito a morte, mas havia no acampamento crianças ainda ~~[illegible]~~ que a vida amava, ~~[illegible]~~ que a vida exigia. Essas tinham de ser poupadas. Vira os olhos amaldiçoante das mãis cujos peitos ia desesperadoramente se fazendo estéreis, compreendia a resolução dos homens.

Por isso se arrastou até junto da vaca e lhe começou falando coisas mansas a que ela respondia com sacudidelas da cauda, como se bem entendesse as palavras do amigo, ou se quedava com os olhos mansos parados, pensativos, fitos no rosto do velho. Se demorou longo tempo, ora calado, ora palavreando vagamente, ora alisando o pelo do animal, mirando a magreza do bicho que já vira luzidio e farto nos bons tempos... Opresso de angústia, a língua se lhe entaramela. Revê a casa abandonada, a figura da mulher se finando, o desespêro da filha perdida, sua riqueza toda posta em poucas cabeças de gado, último devoção da vida cansada e depois... Revê a casa abandonada. O gado perdido. Hoje uma cabeça, depois outra

Ficara apenas Princesa. Como amigos se olhavam. Falavam de coisas perdidas. A noite continuava sem estrelas, negra, fechada, hostil. Hostil como o coração dos irmãos que o rodeavam.

Por fim, extenuado, deixou-se tombar num sono pesado. Sonhou com as coisas boas recuperadas, tudo seu de novo, mulher, filha, gado morto relavidos, a alegria devolvida a seu coração...

Muito tempo se falou pelos povoados do velho Manuel Chagas. O coração cheio de lástimas se rompera, mas o corpo teimava firme. Na sua loucura, repetia longas conversas sem nexo, em que o nome de princeza voltava sempre e sempre, pronunciado com uma ternura ~~[illegible]~~ que não se acabava, como nome de alguém que muito se quer. Ninguém sabia o seu segredo...

... Fora naquela noite, os homens todos o vigiavam. Rota a última cadeia que os detinha, desanorados pela fome tinham deixado que o velho dormisse para matar o animal. Assim se salvaria, pelo menos por uns dias, o acampamento. Os mais decididos avançaram e abateram Princesa quando a ~~[illegible]~~ noite caminhava já para as primeiras luzes da manhã. O sangue jorrou e houve quem o aproveitasse assim mesmo, cru, colhido nas mãos, ainda quente da vida que alimentara.

Assim se tecia a salvação de

muitos sobre a desolação do velho amigo. Amargo pão de miseráveis que a fome levava á maldade necessária. Ao amanhecer já todos sabiam da novidade e uma alegria nova aquecer por momentos os corações pesados de angústia.

As mãis apertavam a si os filhos, espremiam os peitos buscando arrancar deles a vida, cantavam coisas amorosas. Só aquele coração desaustinara, quebrado o último alento, a última afeição, grosso o pensamento de tantos desatinos, Manuel Chagas fugiu por entre os companheiros distraídos, animados com aquela certeza de vida que subia da carne queimada do animal.

Manuel Chagas saiu pelo mundo com um mugido desesperado e triste como um adeus em seus ouvidos e a loucura sem remédio nos olhos desvairados!

26.3.57

Brasil

x

x x

x

x x

~~Ela~~ Não tinha ninguém na vida que podesse defende-la. Frágil e insegura, restava no mundo só, com aquele filho nos braços. Senti-lo contra si aquecia e dava alento. Pelo menos anteriormente, quando êle ainda era vivo e em sua casa a alegria se detinha e demorava no peito fonte do homem contra o seu. ~~o filho~~

Trabalhava na pedreira. Forte e decidido sempre o chamavam aos trabalhos mais difíceis, onde fizesse falta a coragem que lhe sobrava no coração agoito. O dia inteiro na ~~aquela~~ lida e pouca recompensa, o dinheiro medido sempre para não faltar o pão em casa, e aquela alegria fazendo o resto. Se as coisas peoravam ele lhe deitava a cabeça no colo e ficava horas inteiras cantando coisas de suaves de ouvir, coisas que afastavam a amargura de seu coração rude e bravo.

Seguem vira o filho que chegou depois do desastre. O menino levava seu nome, um nome para ela recordar sempre agora que seu coração moço não tinha onde apoiar-se, repousando. Beleza de filho igual ao pai em tudo. Se ao menos êle o tivesse visto...

Nem pudera vê-lo, esmagado pelas pedras, parado para sempre o coração indomável. Muitos dias se ficara quasi desacordada da vida, alheia a tudo, vagueando ~~como~~ desvairadamente. Depois sentiu que alguma coisa dentro de si a chamava para a vida com uma força que não poderia calar. Doce-

mente o filho se movia dentro de si, ~~e ser~~ como para despertá-la daquele pesadelo. Afinal viveria. Seu corpo moço não se recusaria ao trabalho. O menino precisava ~~viver~~ continuar.

- Pana, oh! pana!

Estava ainda ~~ouvindo~~ escutando essas vozes, último chamado do amigo que resoava como um adeus para nunca mais. Antes de desaparecer no caminho êle se acostumara a chamar a mulher para uma última despedida, um largo aceno de mão. Ela se ficava postada na porta até vê-lo sumir ao longe, uma vontade de prende-lo para sempre a si, sem mais afastamentos.

Assim fora naquele dia também. Êle chamara de longe, fizera um aceno largo e partira. Sem regresso desta vez. A tarefa arriscada, o mestre avisando: "coisa para cabra macho" - cabra macho êle era, veriam. Havia que colocar a dinamite em lugar difícil e sair correndo antes que a carga desabasse. Tudo ~~[illegible]~~ ia bem, tinha calculado o tempo que dava de proteger-se. Havia um rebordo - era acender a mecha e sair correndo. Em baixo o abismo se alargava, dando vertigens. Mas o pé falhou, resvalou numa pedra e o homem caiu rolando. ~~A carga~~ O estrugido da carga levantou mil pedaços de pedra que foram se abater sobre o corpo desacordado. Tudo sem dar tempo a uma defesa. O coração valente despertou em sangue para sempre.

Se recordava ainda da espera

angustiada até alta noite. O peito opresso de maus pressagios, os olhos varando a noite, buscando o corpo do amigo. Depois a dura verdade lhe abalando os entranhas: morto!

Resistiria pelo menino. Procurou o patrão do companheiro, lhe contou a miséria da boca sem pão, do ventre amadurecendo mal pela sua fraqueza, o homem disse coisas apaziguadoras mas não podia fazer nada, são infelicidades que podem acontecer a cada um. Fez propostas indecentes, que poderiam ser amigos, então a ajudaria melhor. ~~Recebeu~~ Ela recebeu tudo em silêncio, se dominando. O homem ~~Ami~~ ~~da~~ entretanto lhe uma cédula magra. Ela jogou o dinheiro no chão e saiu remoendo ~~cóleras~~ o ódio.

Nunca mais a largava o apêlo do marido na hora da partida:

— Joana, ooooh, Joana! — a voz se desfazendo em ecos que respondiam longe e mais longe. Parecia-lhe agora que o última despedida tinha sido um sentido diferente, como se êle estivesse prevendo a tragédia. Fôra um chamado mais quente, mais doce, mais triste. Seus ouvidos andavam cheios da despedida.

Arando a lembrança se fazia mais forte, apertava o menino contra o peito como se êle, frágil que era, tivesse poderes de protege-la das desesperações. Depois olhava o menino querendo ver o pai. Cara de um, cara de outro que de muito amor pelo morto o moldara, e seus olhos não se fartavam de guardar a figura do companheiro.

Procurou o trabalho que havia um dia aqui, outro dia além sempre ia arranjando com que viver. Menos agora que a vida andava ruim para todos e as bocas apenas sabiam dizer não aos que buscavam amparo. Não dos que estavam também precisados, não dos que apenas cuidavam de amontoar para si. Se lembrou do irmão que vivia na capital. Rumaria para lá, como tantos. Se juntou àquele bando, que assim iria mais protegida. Eram agora companheiros todos, todos fugindo da morte. Pelos caminhos da fome era a vida o que buscavam.

Aquele era o preço da vida. Corou de pensar mas não tinha outra saída. Se oferecera a um homem - Um homem que não amava, um homem que lhe dava náuseas - para que o menino vivesse. Aquele era o preço da vida!

Sentiu que já os peitos se lhe secavam. Que ela podesse ainda compreendia, mas o filho! A fome penha angústias amargas do rosto de todos, sem mais que dividia, desesperados ~~todos~~ e lutando ainda, quási morta a chama da esperança em seus corações.

Saíra na calada do noite. Tinham todos acordado em que não tocariam na cidade visto como no último povoado corriam rumores de que devido ao assalto de um bando que saqueara um ~~povoado~~ vizinho, todos aqueles lugares estavam em pé de guerra contra os retirantes. Por isso ~~estavam~~ acampa~~ram~~ a certa distância, receosos de uma vingança.

Desfalecia de fraqueza, as pernas se recusando em passos cansados, a bôca amarga e seca, o peito arfando. Vestia farrapos, farrapos embrulhavam o menino que apertava contra si. Sabia que era aquela a última esperança. Estender a mão a todos para que pudesse ao menos viver e sustentar o menino.

Os seios murrados não respondiam mais à fome da criança que definhava. Mais um dia e talvez secassem. No acompanhamento nem água havia ~~mais~~. Ouviu de novo aquele apelo:

- Joana, ooooooh, Joana! - como se o companheiro estivesse lhe pedindo que salvasse o menino. Era um chamado ainda mais dolorido que os anteriores, doia nela não ter agora onde apoiar seu desalento. Os olhos se lhe avermelhavam de chorar. Rolavam pelo rosto frio, vindos do mais fundo onde todos as angústias eram espadas cravadas.

Não podera salvar o marido e tantas vezes que lhe dissera "Homem, faz uma horta aqui na beira de casa, larga essas aventuras". Não dava ouvidos ou respondia "coisa sem futuro", aferrado àquela ideia de juntar um dinheiro que desse garantia para um ~~[illegible]~~ levantar a cabeça. E depois, tinha seus planos... Podia mesmo botar um venda, enfim, Deus dirá. Não pudera salvar-lo mas salvaria o menino custasse o que custasse. Parecia-lhe ouvir ainda aquele apelo:

- Joana, ooooooh, Joana! - angustiado, lhe marulhando nos ouvidos.

se consumam

A mão cansou de se estender, os ouvidos de ouvir recusas e malícias, o coração se desfez espezinhado. Contou as moedas. De novo o desespero a possuir, que valiam aquela miséria? Mal dava para matar a fome e os peitos estavam secando. A angústia crescendo em ondas, o corpo desfalecendo de fraqueza, a alma desfeita e maltratada.

Se entregou. O preço foi a passagem de trem, afinal que lhe valia a honra se o menino ia ficando frio, o leite não vinha. Quem vinha era a morte e êle lhe pedia vida, desde o ventre lhe pedira vida. Aquele era seu preço, o preço da vida. Vida desgraçada nos caminhos da fome, vida de miserável. Que importava seu corpo fôsse de um homem que não amava, que odiava mesmo? Êle tinha dinheiro, muito dinheiro, não era para gente assim que se matavam homens como o seu, para que êles engordassem, se fizessem porcos ~~de~~ imundos como aquele? O preço era a passagem para a capital, o irmão, a vida recuperada, os seios fartos de novo, o ~~[illegible]~~ menino entregue à vida — o seu menino! Se entregou sem remorso e ali tinha na mão o preço da vida, o preço da vida era a desonra. Mundo pôrco!

Apertou mais o filho contra si. Que importava tudo o mais? Não permitiria que lho roubassem também. Olhou as estrelas no céu. E suas lágrimas ainda eram puras!

As lágrimas lhe escorriam pelo rosto, vinham do coração esmagado. ×

× ×

medida 18 rodapé

x

189

6

8/8

x x

Morte miséria

Bandeira Tribuzi

O abatimento era geral e já os passos pesavam tanto que apenas se arrastavam as pernas, em penosos esforços acompanhados de gemidos arfantes e se enervavam os olhos de tontura e se marinhavam as testas com bagas miudinhas de saor que brilhavam sob o sol inimigo. À medida que a cidade se aproximava novos desalentos os devoravam no corpo e na alma cansada. Roucas e amargas palavras, escapavam da bôca, que a sede tornara áspera e ardente, áspera e ardente como os pensamentos que a todos devoravam e consumiam lentamente. Era-lhe o ânimo qual chama pequenina, que a pouco e pouco se esvai para ser finalmente escurridão dentro da noite.

Na última jornada cairá mais um como preço da luta e da esperança que restasse. Filho de Manuel Tulô, ainda menino de passos mal andados, cairá a míngua, tolhido pela morte como ave desamparada, se finara sem forças seguer para gemer. Uma cruz miserável ficou acenando a amargura do pai cuja vontade toda era ficarem também atirados ao léu da sorte, aguardando um sono que fosse melhor que a presente vida.

A Manuel Tulô então lhe falta mesmo o último resto de vontade. Como o menino lhe furtaram o gosto da vida e se perde, se extravia, se emaranha nas rocas

dações sem piedade. Que fora sua vida? Um mar de miserias, doenças, necessidades... Está ali feito um homem perdido, tocando pela desgraça! Olhos os filhos que ficaram e sente que seu coração não pode mais, já transborda de angústia, vai talvez estalar de dor.

Porque o castigam assim os olhos da Rita, quando se chega a êle e diz apenas:

- Pai!, num apelo que a fome vai tornando cada vez mais desesperado. E êle inutil, com as mãos tontas buscando afagos, olhando seu tamanho e a pequenez da filha e seu ~~[illegible]~~ nada podia. Acabrunha-se da impotência e todos os males passados crescem agora na imaginação percorrida de maus agoiros.

Afinal, para isso roubara dona Branca? Para que furtar as comodidades da casa paterna e oferecer-lhe apenas a vida dura e sem uma réstia de sol? Agora quando a cabeça parecia poder levantar-se, quando seu coração se ia desopprimindo viera o desastre. Cadê sua honta cuidada, com tantos carinhos, seu pé de milho, seu feijão, até mesmo seu algodoal, que a vida já melhorava, tudo perdido e com suas coisas a alegria do homem. Tanto ansiava pelo dia em que dissesse a seu Raimundo:

- Ai ~~está~~ sua fia e não que posse percisão, apois já temos nossas coisinhas, honta, pé de mio, 'godão que maneirulo é home de brio se só descansa quando cumpre

o prometido. Apois então saiba você que nunca se ofende o pobre que Deus castiga.

Seria uma vingança à altura da injúria sofrida com a recusa da moça. Porque era preto? Preto mesmo que nisso não via ofensa antes pelo contrário, conhecia muito preto famoso. Porque era pobre? Mas tinha forças para o trabalho e coragem, não era homem prouxo, se levantaria de onde estava até poder falar-lhe com a cabeça levantada. Veriam...

E agora apenas lhe restava o punhal da tristeza tantas vezes cravado em seu coração. Que poderia dar à companheira? Apenas parte na sua angústia, no seu desespêro que estalava o peito. Se humilhava com isso, era mesmo um homem desprezível, nada conseguira construir em tantos anos. Para que roubara dona Branca? Para lhe dar apenas a vida que levavam! Antes a tivesse deixado com seus pais que tinham vida farta, e a teratavam com prendas o tempo todo. Agora tudo é sem remédio como o filhinho morto, como a morte que ronda os outros, como sua impotência quando Rita, se chega a êle e lhe puxa a roupa e lhe diz: - Pai! com grossas lágrimas rolando pela face pequenina.

Seu Raimundo poderia chegar-se a êle e cuspir-lhe na cara um insulto

- Preto desgraçado!

Que resposta lhe daria não ~~que~~ ~~seja~~ o silêncio amarrotado e humilhante de

quem reconhece o fracasso.

— Negro desgraçado!

Sabe que não o é. Pois não trata a mulher ~~que~~ todo o carinho de seu coração, não ~~vive~~ vem seus olhos apenas para olhar-lhe a beleza, não vive êle apenas por ela e para ela? Sabe que não o é e entanto o insulto o ferre, se sente espezinhado, confundido.

Foge de olhar a companheira, com mêdo de que seus olhos tristes, fundos o castiguem também, êles que apenas brilham de amizade ~~para~~ e ternura para o companheiro magoado. Se recorda daquela que um dia fez sua mulher porque a amava e um sentimento amargo de culpa o invade, para o qual não há refúgio.

Certo ainda é bela dona Branca mas onde se esconde a alegria da menina que cantava como um passarinho e trazia sempre um sorriso nos lábios. Se sente o ladrão daquela alegria e isso mais o desespera, mais o torna presa de seu desalento.

— Negro desgraçado!

Não há mais estrelas no céu para seus olhos desvairados, não mais repouso em seu coração. Falhou com sua promessa e ali está a mulher desfigurada, abatida pela dor, os filhos se firmando e aquela impotência para responder ao chamado da Rita que mais uma vez se chega a êle e lhe diz soluçando humildemente: — Pai!

— Negro desgraçado!

Amanhecer enforcado numa árvore hostil do caminho!

Guimarães Rosa
1957

Dias e noites foram sendo consumidos pelos passos arrastados dos flagelados ou pelo seu pesado cansaço que estendia os corpos no chão nude. Dias e noites de angústia crescendo e refluindo em ondas que vergastavam sempre com mais força os corações e cada vez mais abalavam os alicerces da esperança - casa fundada na areia.

Noites densas pelo bafo quente que circundava tudo. Consumindo coisas e homens na mesma sêde atormentadora, tantas vezes sem alfesa. Noites por vezes fechadas sem um sinal sequer de alegria no largo céu, cujos olhos se fecharam também, cansados da paisagem inimiga e da desolação humana. Sem estrelas.

Estirados no chão ~~inimigo~~ ou antes abandonados, como fardos já insuportáveis os corpos estão próximos da morte. Um passo mais e será o sono definitivo, sem estes sonhos amargos, um sono completo sem madrugada a esperar-se, uma noite permanente, também sem estrelas - noite apenas, densa noite da morte. Talvez nem fosse mal que fôra antes a morte, a morte verdadeira, este repousar das pedras no campo, abandonados e duras, cumprindo seus dias sem limite numa vida parada ~~e maciça~~ massiça sem dor, sem pesadelos, sem lagrimas.

Talvez nem fôsse mal que fôsse antes a morte que levasse os corpos definhados a um outro curso de rio, os músculos desfeitos em água, sem cansaços, leves, correndo sôbre a carne da terra, com a mesma leveza dos pensamentos ~~pairando por a~~ deslizando...

Esta noite morta, obscura, triste, faz desejar a morte que seja um repouso afinal concedido, uma dádiva de silêncio humilde, de abandono frio, de desolada, de eterna solidão.

Para que terminar? Os olhos se fecham com uma doçura tão mansa, os braços se extendem com tal serenidade ao longo do corpo, ou sôbre êste em cômodos ajeitamentos, com os pequenos gêstos de cada um, as pernas se juntam com tanto abandono buscando um repouso manso que faça a carne esquecer suas fadigas. Ah! Se êste sono se prolongasse, mesmo assim, no chão hostil, sem conforto, êste sono absoluto dos homens castigados, seria bom talvez...

E quem sabe não haveria mesmo outros mundos? Êsses mundos que em noites acesas de mil luzes no céu comovido, como um rosto negro em que as lágrimas fossem pérolas, faz bem pensar como em refúgios da infância com seus mágicos e trapezistas, ~~um~~ mundo de claridade e abundância para recompensa dos desvalidos! Quem sabe... A imaginação poderia vadear à solta, única riqueza dos coraçãos, pa solta e livre ela irá criando para cada um sua belza preferida. Pequenas coisas acumuladas, pequenas alegrias subindo ao coração, afafando o marulho da angústia no peito ópresso, toda a amargura se desfazendo em um sorriso, doce sorriso que falasse de apenas venturas, desbordando sobre todos como um rio fertil.

Mundos onde cada qual tivesse o que mais quiz, por bem, e nunca foi seu, como a menina de olhos azuis que Petrônio traz entrai-

zada em suas visões, sempre acompanhando seus descaminhos de homem solto na vida, ao léo da sorte madrasta. Onde fossem devolvidos a Manuel Chagas todas suas riquezas: a mulher, a filha, suas poucas cabeças de gado, para que de novo em seus olhos, vazios como cinza, houvesse a antiga chama aceza e a alma não lhe fosse murchando, com a tristeza crescente nos mugidos de Princeza. Mundos que dessem a maré Nilo, ao menos uma casa que abrigasse tamanha honradez e tanta pobreza, um pouso, uma vida que permitisse ao homem doloroso que nêle se amargurava, levantar a cabeça sobre os ombros e contemplar os caminhos que se rasgavam na sua frente. Ou para que Joana, recobrasse o companheiro e cessasse aquele rio longo de lágrimas incessantemente escorrendo sobre o corpo meúdo do menino, para que seu corpo jovem se aninhasse de novo contra a força do amigo e a vida não encerrasse suas caderas.

Outros mundos! Diversos deste em que plantam seus pés rachados de tanto perseguirem a vida, a vida que se escapa sempre, que sempre lhes foge das mãos calejadas.

Talvez fosse bom mesmo repousar para sempre, como as pedras no campo ou as águas do rio correndo ou uma coisa pequenina que ninguém pressente, ninguém importuna e por isso perdida na solidão se encontra mais protegida ainda. Qualquer coisa menos êste duro destino e incerto de pisar caminhos inseguros, onde a vida estiola e se perde

Mas então é quando a luz da manhã começa vencendo o sono negro do mundo e as coisas se aleguam dessa luz macia e viva que acende a chama dos côres nos olhos tontos ainda de surpresa luminosa.

E as pequenas verdes hervas que teimam ainda na desolação geral espalmam suas tenuas folhinhas ao sol amigo e fecundo, o corpo sente um calor bom avivando os rios do sangue como a seiva das árvores, aves ocasionais levantam no ar lavado seu guitos e algum pequeno vento fustiga os ramos secos das árvores. Então se desfazem as vontades de abandono e entrega e antes apetecem novas alegrias como a do pão mordido, o leite tomado em grandes sorvos, a carne cheirando e deixando na boca um sabor de vida vigorosa ou ainda o pulmão se enchendo em largos haustos, ou a leveza do corpo banhado na água da manhã, fresca e leve, a noite morna do calor dos corpos unidos...

É preciso chegar! Esquecer o longo caminho percurrido, as muitas léguas que faltam ainda, esquecer êste cansaço que oprime e entontece e ~~da vonta~~ quebra as vontades, esquecer tudo e apertar mais o passo, que a jornada é grande e quem primeiro chegar mais perto estará da vida que todos buscam.

Por isso o primeiro que encheuga a luz se levantando logo desperta os com-

e é verdade: Aí estão com sua carne cansada, esmoída mas onde o sangue ainda lateja, vermelho, pronto a espirrar ao primeiro golpe. Como a terra sentem que ainda estão bem vivos e bastará apenas que o gosto de vida volte a ser mordido por seus lábios para que de novo o coração esteja maduro e o corpo decidido para a luta diária!

Então resistem! Como o ~~[illegible]~~ lutando contra a noite e se somando ambos e formando o rio do tempo, assim de luta de seus desalentos com a coragem, forma-se o pão diário de sua valentia: E resistem!

Dias e noites vão passando. Os corpos cada vez mais cansados, convidando à entrega total, à renúncia, ao desespêro dos bichos abandonados para serem bicados pelos urubús que vagueiam atentos. Devorados ainda com vida, sem forças para morrerem sequer. Na alma a pequena chama ainda teimando, no coração a coragem se alimentando de que forças ninguém sabe. Visão ou miragem, o futuro acena de longe, os passos se redobram, as energias surgem do próprio desfalecimento, ninguém mais quer a morte. A morte pertence às pedras e êles são gentes. Gente viva, buscando a vida.

x

x x

Gaudêmes Inbuís
195

Sanheiros para que se ponham todos a caminho com a coragem erguida e firme como bandeira que acene o futuro. Porque há todos os apelos do dia que irrompe, apelos que despertam todas as energias, os mais obscuros mesmo, e convidam à coragem como um canto sonoro e alegre e vivo.

Os olhos se abrem, descobrindo que afinal a vida ainda permanece e, ao contrário de seus desalentos, tem côres claras e fustiga a tristeza com sua harmonia. Cento, e uma vida incompleta, com arestas vivas de fo[illegible] e sede, consumindo o corpo, lhe roubando a força, o devorando de tristeza física. Cu[illegible] haverá por vezes tonturas, ânsias de cair, [illegible] abandonar a luta e apodrecer no ca[illegible]nho, mas também, não se sabe de onde, [illegible] aquele chamado de vida que por momentos dá ilusão de novas forças ao corpo desastriado e povoa a alma de boas esperanças.

Êste vento no rosto, nos cabelos êste vento breve mas real, macia mão de pluma afagando a carne, fazendo balan[illegible] as hervas tenras como numa ânsia de r[illegible]perem as cadeias e seguirem além, êste ve[illegible] estes proximidade da terra mãi, sôbre a q[illegible] repousam, e que tem agora contatos [illegible] de aspereza, esta proximidade lhes lemb[illegible] passados fanturas, e que apenas há sede [illegible] morte no corpo da mãi terra!; Cate[illegible] seu próprio corpo, inseguros de viverem [illegible] ou não ser tudo mais que um sonho

Há uma bala voando
contra cada um de nós
nosso coração e voz
~~o que há~~
o amanhecer que há em nós,
o futuro que há em nós,
o ~~ser mais~~ humano ser que há em nós
há uma bala voando
~~[illegible]~~ que é preciso aprisionar.
que é necessário ~~fazer~~ conter
de aço em pedra ~~converter~~
em areia desfazer
para a poder afogar
no mar amar mar amar

TRIBUZ

Há uma bala voando
Até quando? Até quando?

TRIBUZ